



**BRANDON JHONATA CARDOSO SANTANA**

**A TERMINOLOGIA DA ELETRICIDADE EM LIBRAS:** uma proposta de glossário semibilíngue Português/Libras com dados do IFMA/Monte Castelo, em São Luís

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras – da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Análise e Descrição do Português Brasileiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr. Georgiana Marcia Oliveira Santos

São Luís – MA  
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cardoso Santana, Brandon Jhonata.

A TERMINOLOGIA DA ELETRICIDADE EM LIBRAS: : uma proposta de glossário semibilíngue Português/Libras com dados do IFMA/Monte Castelo, em São Luís / Brandon Jhonata Cardoso Santana. - 2022.

154 p.

Orientador(a): Georgiana Márcia Oliveira Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2022.

1. Eletricidade. 2. Libras. 3. Sinais-termo. 4. Terminologia. 5. Variação. I. Oliveira Santos, Georgiana Márcia. II. Título.

Esta dissertação foi submetida a exame de banca como parte dos requisitos obrigatórios à obtenção do grau de Mestre em Letras, outorgado pela Universidade Federal do Maranhão, e se encontra à disposição dos interessados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas da ética científica.

---

**BRANDON JHONATA CARDODO SANTANA**

**A TERMINOLOGIA DA ELETRICIDADE EM LIBRAS:** uma proposta de glossário semibilíngue Português/Libras com dados do IFMA/Monte Castelo, em São Luís

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Letras – da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof.<sup>a</sup> Georgiana Márcia Oliveira Santos** (Orientadora)  
Doutora em Linguística  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Bruno Gonçalves Carneiro** (Membro externo)  
Doutor em Letras e Linguística  
Universidade Federal do Tocantins

---

**Prof.<sup>a</sup> Conceição de Maria de Araujo Ramos** (Membro interno)  
Doutora em Linguística  
Universidade Federal do Maranhão

---

**Prof. Luís Henrique Serra** (Suplente)  
Doutor em Letras  
Universidade Federal do Maranhão

À minha avó, **Marcelina Everton Santana**, que é, além de avó, minha mãe do coração e de criação. A ela, por tanto cuidado e ensinamentos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a **Deus**, por sempre cuidar de mim, abençoar, demonstrar seu amor. A Ele, pois me deu forças para encarar momentos delicados em minha família, protegeu a mim e aos meus desse vírus que, infelizmente, tem destruído vidas e famílias. Sou grato a Deus por tanta misericórdia e por tantas bênçãos. Gratidão por cada momento de felicidade, que renovaram meu ânimo, e de adversidade, que me tornaram mais forte e serviram de aprendizados. Grato a Deus por tudo!

À minha **família**, por todo apoio, incentivo e por sempre acreditarem no meu potencial. Especialmente, agradeço ao meu pai, **JR Santana**, e à minha avó, **Marcelina Santana**, por terem me criado, cuidado e educado. Agradeço a eles, pois foram/são minha base e referência. Agradeço também à minha mãe, **Rosely Cardoso**, por ter me dado a vida, pelo carinho, por sempre orar por mim, por sempre torcer por mim e pelo apoio de sempre. Grato a Deus por tê-los como família.

À minha namorada, **Ana Júlia Gomes**, por tanto amor, carinho, atenção, cuidado, apoio, parceria, paciência. A ela, pois, mesmo nos dias mais difíceis, em que meu humor não estava dos melhores, em que eu estava triste, desanimado, desmotivado, desacreditando de mim, ela estava lá, incentivando-me. Obrigado por tanta parceria e cumplicidade, meu amor.

Aos meus amigos – àqueles que estão comigo desde o ensino médio e os de graduação -, pelo incentivo, apoio e por sempre torcerem por mim. Em especial, agradeço ao meu amigo **Oséias Queiroz**, pois foi um dos principais incentivadores para que eu tentasse o Mestrado. A ele, pois foi e é um bom homem, que me serve de exemplo e inspiração, por sua personalidade, por ser um cara que vibra a cada vitória minha, por sempre dizer “tu é o cara, papai”, enfim, por tudo. A **Luís Carlos**, meu ex-professor de inglês e amigo, por ter dedicado seu tempo, mesmo sem nenhum retorno, a preparar-me para a etapa de proficiência do Mestrado, por ser esse ser humano bondoso e extremamente competente.

Agradeço, também, à minha “mãe acadêmica”, professora **Zuleica Barros**, por tantos ensinamentos na graduação, por ser um modelo de profissional para mim, por ter insistido para que eu tentasse o Mestrado, por tudo.

Ao professor **Luís Serra**, pelas aulas incríveis, pelos ensinamentos, por tanta competência e primor ao passar seus conhecimentos. Seus ensinamentos e acompanhamento do meu crescimento são desde a graduação.

À minha orientadora, professora **Georgiana Santos**, por tantos ensinamentos. A ela, pois foi mais que uma professora, uma orientadora, foi/é uma amiga. A prof. Georgiana foi um anjo

enviado por Deus. Gratidão pelo apoio, incentivo, orientações, conselhos. Cada reunião de orientação, cada áudio gigante (risos), sempre cheios de ensinamentos. Você, professora Georgiana, com sua competência, responsabilidade, empatia, paciência, compreensão, tornou-se um modelo de profissional para mim. Serei grato eternamente por tudo.

Ao **GELMIC**, grupo de estudos e pesquisa que se constitui de pessoas incríveis e que foram fundamentais para meu crescimento.

A todo **corpo docente** do Programa de Pós-Graduação em Letras (**PPGLEtras**), pelos ensinamentos e contribuições.

À professora **Conceição Ramos** e ao professor **Bruno Carneiro**, por suas contribuições valiosíssimas no momento da Qualificação. Professores sempre muito gentis ao tecer comentários ao trabalho, sempre muito cuidadosos e humanos, tudo isso sem perder o profissionalismo e fazendo apontamentos de grande valia para uma maior qualidade do trabalho.

Por último, mas não menos importante, agradeço à **Comunidade Surda** e ao **Povo Surdo**, pois foram peças fundamentais para minha formação profissional e acadêmica, e para a construção desta dissertação.

O sentimento que fica é de **Gratidão**. A cada pessoa que participou dessa jornada, os nomes citados e os nomes não citados, a todos, por cada detalhe, sou grato. Eu sei que sou uma pessoa e um profissional melhor, graças às pessoas incríveis que Deus colocou em minha jornada.

## RESUMO

Esta dissertação consiste em uma pesquisa terminológica fundamentada na concepção de que a variação é um fenômeno naturalmente inerente a qualquer sistema linguístico, conseqüentemente, é evidenciada tanto nos contextos de uso comum ou geral como nos âmbitos especializados de uso desses sistemas. Assim, enfatiza-se que os discursos especializados são igualmente suscetíveis à variação em função da influência de fatores diversos. Defende-se, também, que a Libras é uma língua natural e que, sendo a comunicação no âmbito do discurso especializado uma forma de interação natural, a variação terminológica em Libras também é um fenômeno real. Nesse sentido, este estudo teve como objetivo principal produzir um glossário especializado semibilíngue da eletricidade constituído de termos em língua portuguesa e de sinais-termo equivalentes em Libras e, mais especificamente, investigar os principais fatores que geram a variação terminológica da eletricidade. Para tanto, este estudo foi alicerçado, teórica e metodologicamente, nos estudos desenvolvidos, principalmente, por Cabré (1995), Krieger (2001), Krieger e Finatto (2020), Gaudin (2005), Faulstich (2006), Hartmann e James (1998), Duran e Xatara (2005), Barros (2004), Diego (1995), Costa (2012), Prometi et al. (2015), entre outros. De forma geral, importa destacar que, para a produção do glossário, os termos e as definições em Português foram coletados em materiais terminográficos de acesso público da área da eletricidade e os sinais-termo equivalentes foram coletados junto a seis alunos surdos, sinalizantes de Libras, do IFMA/Monte Castelo, por meio de entrevistas individuais realizadas via plataforma Google Meet, norteadas por slides com imagens e termos escritos em Português. Os resultados do trabalho confirmaram os pressupostos terminológicos e socioterminológicos de que as terminologias são, de fato, parte integrante do sistema linguístico natural e que, por conseguinte, a variação terminológica é um fenômeno real e ocorre em função de fatores intra e extralinguísticos que incidem tanto na denominação quanto no conceito. Além disso, os dados evidenciaram uma distinção entre o nível de escolaridade e o grau de especialidade, ressaltando que esses fatores não estão obrigatoriamente relacionados e que a Libras possui algumas particularidades quanto aos fatores de variação, como é o caso do contato entre a língua portuguesa e a Libras, que se apresentou como um fator de grande influência sobre os sinais-termo da eletricidade. Os resultados desta pesquisa mostraram que o léxico especializado da eletricidade é gigantesco e bastante diversificado, ratificando que as terminologias, em contexto real de uso, possuem um dinamismo natural e inerente. Pelo exposto, este estudo visa contribuir para a ampliação das pesquisas terminológicas, socioterminológicas e terminográficas, em Libras e em Português, para a inclusão e interação de pessoas surdas usuárias de Libras nos contextos especializados da eletricidade, para a defesa da importância da educação bilíngue (Libras/ Português) e inclusiva de surdos e, também, para a valorização do trabalho de tradutores e intérpretes de Libras nesse âmbito. Além disso, os resultados desta pesquisa incentivam estudos que investiguem, numa perspectiva contrastiva, a existência de variedades terminológicas da eletricidade em Libras em outros municípios do estado do Maranhão e em outros estados brasileiros.

**Palavras-chave:** Terminologia, Libras, Sinais-termo, Eletricidade, Variação.

## ABSTRACT

This Master Thesis consists in a terminological research grounded in the conception that variation is a natural phenomenon inherent to any linguistic system, consequently, it is evidenced as in common or general contexts of use as in the specialized areas in the use of these systems. So, it is emphasized that the specialized discourses are equally susceptible to the variation, depending on the influence of various factors. It is also defended that the Brazilian Sign Language – *Libras* – is a natural language, since communication within specialized discourse is a form of natural interaction, the terminological variation in *Libras* is also a real phenomenon. This way, this study presented as main aim the production of a semi-bilingual specialized glossary of eletricity, constituted of terms in Portuguese language and equivalent signals-terms in *Libras* and, more specifically, investigating the main factors that generates the terminological variation of eletricity. Therefore, this study was based, theoretically and methodologically on the studies developed mainly by Cabré (1995), Krieger (2001), Krieger & Finatto (2020), Gaudin (2005), Faulstich (2006), Hartmann & James (1998), Duran & Xatara (2005), Barros (2004), Diego (1995), Costa (2012), Prometi et al. (2015), among others. In general, it is important to highlight that, to the production of the glossary, the terms and definitions in Portuguese were collected in public access terminographical materials in the eletricity field and the equivalent signals-terms were collected according to six deaf students, signers in *Libras*, from *IFMA/Monte Castelo*, through individuals interviews executed by Google Meet platform, guided by slides with images and terms written in Portuguese. The results of the research confirmed the terminological and socioterminological assumptions that the terminologies are, indeed, integral part, of the natural system and, consequently, the terminological variation is a real phenomenon and occurs in function of intra and extralinguistics that focus as in the denomination as in the concept. Besides that, the data showed a distinction between the education level and the specilaty degree, emphasizing that these factors are not mandatorily related and *Libras* presents some particularities as the variation factors, like the situation of the contact between Portuguese and *Libras*, that was presented as a factor of big influence under the signals-terms of eletricity. The results of this research showed that the specialized lexicon of eletricity is huge and quite diverse, ratifying that the terminologies, in a real context of use, keep a natural and inherent dynamism. By the exposed, this study aims to contribute to the enlargement of terminological, socioterminological and terminographic reseaches in *Libras* and in Portuguese, to the inclusion and interaction of deaf people users of *Libras* in specialized context of eletricity, to the defense of the importance of the bilingual education (*Libras/Portuguese*) and inclusive of deaf people and, also, to the valorization of the work of translators and interpreters of *Libras* in this scope. Besides that, the results of this research encourage, in a contrastive perspective, the existence of terminological varieties of eletricity in *Libras* and in other cities in the Brazilian State of Maranhão and in other Brazilian States.

**Keywords:** Terminology, *Libras*, Signals-term, Eletricity, Variation.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1.** Esquema da ordem dos fonemas proposto por Hulst

**Figura 2.** Sinal em Libras para *Cavalo*

**Figura 3.** CMs segundo Ferreira-Brito

**Figura 4.** CMs segundo Pimenta

**Figura 5.** CMs – INES

**Figura 6.** Espaços de realização dos sinais

**Figura 7.** Possibilidades de Or

**Figura 8.** Sinal e Sinal-termo

**Figura 9.** Variação conceptual de *Circuito* em língua portuguesa

**Figura 10.** Variação denominativa de *Circuito*

**Figura 11.** Ficha do informante preenchida

**Figura 12.** Modelo de ficha terminológica bilíngue proposto por Prometi (2013)

**Figura 13.** Ficha terminológica semibilíngue preenchida

**Figura 14.** Modelo de organização do verbete

**Figura 15.** Modelo de verbete de variante denominativa em Libras

**Figura 16** Sinal *I Love You*, importado da Língua de Sinais Americana

**Figura 17.** Esclarecimento da CM I+C

## LISTA DE IMAGENS

- Imagem 1.** Termo de livre participação traduzido em Libras
- Imagem 2.** Exemplo de slide para a coleta do sinal-termo *Circuito aberto*
- Imagem 3.** Sinal-termo *Motor*
- Imagem 4.** Sinal-termo *Eletricidade*
- Imagem 5.** Sinal-termo *Tensão/Volt*
- Imagem 6.** Sinal-termo *Eletricidade/Energia*
- Imagem 7.** Sinal-termo *Circuito elétrico*
- Imagem 8.** Sinal-termo *Volt*
- Imagem 9.** Sinal-termo *Watt*
- Imagem 10.** Sinal-termo *Ampere*
- Imagem11.** Sinal-termo *Corrente alternada*
- Imagem 12.** Sinal-termo *Corrente contínua*
- Imagem 13.** Sinal-termo *Rede monofásica*
- Imagem 14.** Sinal-termo *Bobina*
- Imagem 15.** Sinal-termo *Tensão*
- Imagem 16.** Sinal-termo *Watt*
- Imagem 17.** Sinal-termo *Bobina*
- Imagem 18.** Sinal-termo *Volt*
- Imagem 19.** Sinal-termo *Resistor*
- Imagem 20.** Sinal-termo *Alta tensão*
- Imagem 21.** Os seis sinais-termo equivalentes a *Circuito elétrico*
- Imagem 22.** Sinal-termo *Corrente elétrica*
- Imagem 23.** Sinal-termo *Circuito elétrico*

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CM = Configuração de mão

PA = Ponto de Articulação

L = Locação

OR = Orientação

M = Movimento

ENM = Expressões não-manuais

GNE = Glossário NeoEnergia

GFF = Glossário Faz Fácil

BEG = Blog Eletrogate

VDS = Vida de Silício

MDE = Mundo da Elétrica

NR-10 = Norma Regulamentadora nº 10

TCT = Teoria Comunicativa da Terminologia

TGT = Teoria Geral da Terminologia

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	19
<b>2.1</b>	<b>Libras – Língua Brasileira de Sinais</b> .....	19
<b>2.2</b>	<b>As menores unidades que formam o sinal: os parâmetros</b> .....	20
2.2.1	Configuração de mão (CM).....	22
2.2.1	Ponto de articulação (PA).....	24
2.2.2	Movimento (M) .....	25
2.2.3	Orientação (Or).....	26
2.2.5	Expressões não-manuais.....	27
<b>2.3</b>	<b>Os estudos terminológicos e a Língua Brasileira de Sinais</b> .....	29
2.3.1	As unidades terminológicas: o termo e o sinal-termo .....	30
<b>2.4</b>	<b>Mudanças de perspectiva: da TGT à TCT</b> .....	32
<b>2.5</b>	<b>A variação terminológica e a Socioterminologia</b> .....	36
<b>2.6</b>	<b>A Terminografia</b> .....	39
<b>2.7</b>	<b>O Glossário semibilíngue</b> .....	41
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	43
<b>3.1</b>	<b>Pesquisa experimental</b> .....	43
<b>3.2</b>	<b>Delimitação dos corpora</b> .....	45
<b>3.3</b>	<b>Pesquisa de campo</b> .....	45
3.3.1	<i>Locus</i> da pesquisa .....	46
<b>3.4</b>	<b>CrITÉrio de seleção dos sujeitos participantes</b> .....	47
<b>3.5</b>	<b>Perfil dos informantes</b> .....	48
<b>3.6</b>	<b>Estratificação do corpus</b> .....	49
<b>3.7</b>	<b>CrITÉrio de seleção dos termos</b> .....	49
<b>3.8</b>	<b>Instrumentos da pesquisa</b> .....	51
<b>3.9</b>	<b>Aplicação dos instrumentos</b> .....	56
<b>3.10</b>	<b>Organização do glossário semibilíngue</b> .....	58
3.10.1	Organização interna do glossário .....	58
3.10.1.1	<i>Macroestrutura</i> .....	59
3.10.1.2	<i>Microestrutura</i> .....	60
<b>4</b>	<b>GLOSSÁRIO DA ELETRICIDADE - SEMIBILÍNGUE PORTUGUÊS/LIBRAS</b> .	63
<b>5</b>	<b>O QUE MOSTRAM OS RESULTADOS: CONSIDERAÇÕES GERAIS</b> .....	109
<b>5.1</b>	<b>Variação conceitual</b> .....	112

5.2	Variação denominativa.....	115
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
	REFERÊNCIAS.....	134
	APÊNDICES.....	138
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	139
	APÊNDICE B – FICHA DO INFORMANTE .....	140
	APÊNDICE C – FICHA TERMINOLÓGICA.....	141
	APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO.....	141

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos terminológicos baseados na perspectiva tradicional da Teoria Geral da Terminologia, a conhecida TGT, concebiam as denominações como rótulos conceituais uma vez que essa teoria tinha por objetivo padronizar os usos especializados da língua. Esses estudos, realizados por profissionais de áreas de domínio técnico, com vistas a uma comunicação idealizada, livre de ruídos, sem margem a múltiplas interpretações, buscavam evitar fenômenos inerentes às línguas naturais, tais como a variação semântico-lexical.

A partir da Teoria Comunicativa da Terminologia - TCT, os estudos terminológicos, agora sob a ótica de cientistas da linguagem, comprovaram que a tentativa de controlar e manipular a língua, ainda que em contexto especializado de uso, estava fadada ao fracasso, uma vez que a variação é um fenômeno linguístico inevitável ainda que em contexto comunicativo especializado. Assim sendo, a então chamada língua ou linguagem de especialidade passou a ser compreendida como o uso do sistema linguístico geral em contexto especializado.

Considerando os avanços das pesquisas terminológicas, é fundamental ressaltar também que os estudos socioterminológicos objetivam demonstrar que a variação terminológica, denominativa ou conceptual, é real e que a diversidade de contextos sociais e de realidades socioprofissionais é fator condicionante das produções terminológicas. Compreender isso é considerar a heterogeneidade das esferas de circulação dos termos e entendê-los como signos linguísticos especializados não distintos da língua geral, é considerar o caráter heterogêneo de seus usuários.

Compreendendo, portanto, a comunicação especializada como uma forma natural de interação que é suscetível ao fenômeno da variação e que existem fatores intra e extralinguísticos que agem como células geradoras de variação, este trabalho foi construído a partir da hipótese de que a diversidade de sinais-termo, tanto no plano denominativo quanto no conceitual, utilizada por sujeitos surdos sinalizantes de Libras, alunos de cursos da área da eletricidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Monte Castelo<sup>1</sup>, em São Luís/MA, é influenciada por diferentes fatores.

Nesse sentido, é pertinente destacar que o interesse por essa temática surgiu da atuação profissional do autor desta pesquisa como tradutor e intérprete de Libras em cursos técnicos, no âmbito da eletricidade, do IFMA/Monte Castelo. Foi essa experiência profissional que possibilitou a percepção de que sujeitos surdos sinalizantes de Libras desse instituto, com

---

<sup>1</sup> Bairro do município de São Luís do Maranhão onde está localizado esse campus do IFMA.

acesso aos mesmos professores e intérpretes, usavam sinais-termo diferentes. Além disso, notou-se que esses sinais-termo, criados por esses sujeitos, ainda não estavam registrados em materiais terminográficos, como um glossário.

Percebeu-se, também, que os sujeitos surdos careciam de um material em Português e em Libras com informações sobre termos e sinais-termo da área da eletricidade, haja vista que estão constantemente expostos às duas línguas. Notou-se, ainda, que, por mais que existam alguns glossários sobre a terminologia da eletricidade em Libras, os sujeitos surdos do IFMA/Monte Castelo se mostraram resistentes a usá-la, argumentando que “não é uma sinalização daqui”.

Pelo exposto, este trabalho teve como objetivo geral elaborar um glossário da eletricidade - semibilíngue Português/Libras que fornecesse informações de natureza terminológica em Português e em Libras, ilustrações e informações adicionais para facilitar o uso especializado da Libras no contexto da eletricidade, a compreensão da relação entre termo e sinal-termo, a apropriação dessas terminologias que, conseqüentemente, favorece a ampliação do repertório terminológico desses usuários. Tudo isso feito a partir de dados coletados junto a sujeitos surdos sinalizantes de Libras, alunos do IFMA/Monte Castelo, em São Luís/MA. E, mais especificamente, objetivou-se coletar e analisar o repertório terminológico da eletricidade, e suscitar os principais fatores geradores da variação terminológica da eletricidade nesse contexto.

Para tanto, esta pesquisa pauta-se nos estudos terminológicos desenvolvidos no âmbito da TCT e no âmbito da Socioterminologia, para embasar o fenômeno de variação, bem como nas contribuições advindas da Terminografia, para o planejamento e produção do glossário que se propõe.

Assim, alicerça-se, teórica e metodologicamente, nos estudos desenvolvidos principalmente por Cabré (1995), Krieger (2001), Krieger e Finatto (2020), Barros (2004), no contexto dos estudos terminológicos; Faria-Nascimento (2009), Costa (2012), Prometi et al. (2015), nos estudos terminológicos destinados à Libras; Gaudin (2005), Faulstich (2006), com contribuições sobre a Socioterminologia; e, Hartmann e James (1998), Duran e Xatara (2005), Diego (1995), nos estudos de cunho terminográficos, especialmente, sobre dicionários e glossários semibilíngues.

Os *corpora* da pesquisa constituem-se de: a) textos sinalizados em Libras, recolhidos em entrevistas individuais realizadas com seis sujeitos surdos, usuários da referida língua de sinais, que são alunos dos cursos de Eletrônica, Eletromecânica, Eletrotécnica e Engenharia Elétrica, ofertados no IFMA/Monte Castelo, e b), obras terminográficas, blogs e sites da área

da eletricidade em Português onde foram coletadas as definições para constituir o glossário deste trabalho.

Como resultados principais da pesquisa, enfatiza-se que o glossário da eletricidade - semibilíngue Português/Libras poderá contribuir para potencializar a interação, em contexto especializado, entre surdos e ouvintes sinalizantes, entre surdos profissionais e aspirantes da área da eletricidade, entre professores e alunos surdos, entre tradutores e intérpretes de Libras atuantes no contexto especializado da eletricidade no Maranhão e no Brasil.

Almeja-se, ainda, contribuir para o avanço dos estudos terminológicos, socioterminológicos e terminográficos direcionados à Libras. Além disso, registrar a variedade terminológica ludovicense da Libras no contexto da eletricidade. Assim, ainda que parcialmente, dá-se um importante passo para dar visibilidade às variedades terminológicas locais, valorizar o povo surdo ludovicense como membro da comunidade de profissionais da eletricidade, e mostrar, por meio da língua, traços das identidades, crenças, valores e particularidades dos sujeitos surdos ludovicenses.

Oportunamente, reforça-se que este estudo, não tendo a pretensão de dar conta de catalogar e estudar toda a terminologia da eletricidade em Libras em uso em São Luís, espera incentivar o desenvolvimento de pesquisas terminológicas que ampliem o objeto de estudo desta pesquisa dentro do contexto da eletricidade e em outras áreas de domínio especializado.

Face ao exposto, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: inicialmente, após a introdução, a fundamentação teórica constitui-se de duas etapas: uma com algumas considerações sobre a Língua Brasileira de Sinais e sobre as unidades mínimas que formam os sinais; e uma com as contribuições dos estudos terminológicos para a comunicação especializada, as unidades terminológicas em língua oral e em Libras, as teorias terminológicas da TGT à TCT, os estudos socioterminológicos e a variação terminológica, as contribuições da terminografia para a construção de obras terminográficas e o material semibilíngue, suas características e particularidades.

Adiante, apresentam-se todos os procedimentos metodológicos adotados para a construção deste trabalho, onde são abordadas informações referentes à pesquisa, informantes, *locus*, dados, instrumentos, e outras informações que elucidam o percurso metodológico que levou à concretização do trabalho. Ainda na metodologia, apresenta-se todo o processo de construção do glossário: objetivo, público-alvo e estruturação, com especial atenção para a macro e a microestrutura do glossário, itens indispensáveis para a sua organização interna.

Em seguida, expõe o produto principal desta pesquisa, ou seja, o glossário da eletricidade - semibilíngue Português/Libras. Nessa seção, são apresentados os termos selecionados e os sinais-termo equivalentes coletados.

Posteriormente, apresentam-se os principais resultados obtidos nesta pesquisa a partir dos dados do Glossário da eletricidade - semibilíngue Português/Libras. Nessa seção, apresenta-se uma visão geral dos dados recolhidos, os casos de variação denominativa e conceitual, e alguns dados sobre a formação de alguns sinais-termo a partir de unidades lexicais sinalizadas preexistentes.

Em seguida, apresentam-se as considerações finais, as referências e os apêndices.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção apresenta os fundamentos teóricos que serviram de base para sustentar as discussões desta dissertação. Para uma melhor organização das informações, optou-se por uma seção dividida em duas: a primeira parte dedicada a expor informações sobre a Língua Brasileira de Sinais e a segunda parte destinada a apresentar informações teóricas sobre os estudos Terminológicos e seus desdobramentos.

### 2.1 Libras – Língua Brasileira de Sinais

As línguas de sinais são sistemas linguísticos de modalidade visual-espacial, isto é, “articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos ‘fonológicos’, morfológicos, sintáticos e semânticos” (FERREIRA-BRITO, 1997, p. 19). Elas são sistemas linguísticos naturais complexos que “podem ser comparadas à complexidade e à expressividade das línguas orais, pois pode ser passado qualquer conceito, concreto ou abstrato, emocional ou racional, complexo ou simples, por meio delas. Dessa forma, tratam-se de línguas organizadas e não de simples junção de gestos” (HONORA, 2009, p. 41).

O território brasileiro, no tocante às línguas de sinais, possui algumas línguas, como é o caso de uma utilizada pelo povo indígena da comunidade Urubu-Kaapor, no Maranhão – Língua Kaapor de Sinais – (FELIPE, 1997, p. 82), a língua de sinais utilizada pela maioria das pessoas surdas brasileiras, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e outras mais, como é o caso da língua de sinais Cena, língua emergente da Várzea Queimada, no interior do Piauí.

A Libras é “a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (BRASIL, 2002). A partir da Lei nº 10.436/02, que posteriormente foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626/05, a Libras foi reconhecida como forma oficial de comunicação da comunidade surda brasileira.

É interessante que, por mais que a supracitada lei não use o termo língua, diversos estudos linguísticos desenvolvidos sobre a Libras, tais como os de Quadros e Karnopp (2004), Quadros (2019), Ferreira-Brito (1997), entre outros, comprovam a legitimidade do *status* dessa

língua como língua natural<sup>2</sup>, já que possui uma organização gramatical própria e uma estrutura complexa em todos os seus níveis linguísticos: “fonológico”, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

A Libras é, portanto e sem dúvida, uma língua natural, um sistema complexo com estrutura própria e com todos os elementos comuns às línguas naturais, resguardadas, obviamente, as particularidades das línguas de modalidade visual-espacial.

Cumprе enfatizar, uma vez mais, que o *status* linguístico da Libras foi comprovado pelos esforços de estudiosos como Ronice Quadros, Lodenir Karnopp, Tania Felipe, Audrei Gesser, e outros, que buscaram descrever essa língua considerando tanto as características comuns que possui com outras línguas naturais como suas especificidades linguísticas.

## **2.2 As menores unidades que formam o sinal: os parâmetros**

Os estudos relacionados às unidades mínimas que formam os sinais foram iniciados na Língua Americana de Sinais (ASL), com as contribuições de Stokoe (1960), quando suscitou o termo “Quirologia”, ciência dedicada aos estudos do “quirema” (unidade mínima), que parte do grego *quiros* = mão (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 48). Ainda de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 48), outros pesquisadores e o próprio Stokoe (1978) passaram a utilizar o termo “Fonologia”, argumentando que “as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 48).

Quadros (2019, p. 50) ressalta a estranheza do termo “fonologia” para os estudos das línguas de sinais, mas enfatiza que é o usado em diversos estudos como, por exemplo, os de Crasborn (2012), Sandler e Lillo-Martin (2006), Battison (1978), entre outros. Desse modo, o uso do termo “Fonologia”, neste trabalho, pauta-se nesse amplo uso por estudiosos dessa área e, conseqüentemente, no entendimento de que esse termo refere-se “à área de estudos da linguística que se ocupa da identificação e descrição das unidades e traços mínimos de uma língua que não apresentam significado autônomo.” (QUADROS, 2019, p. 50).

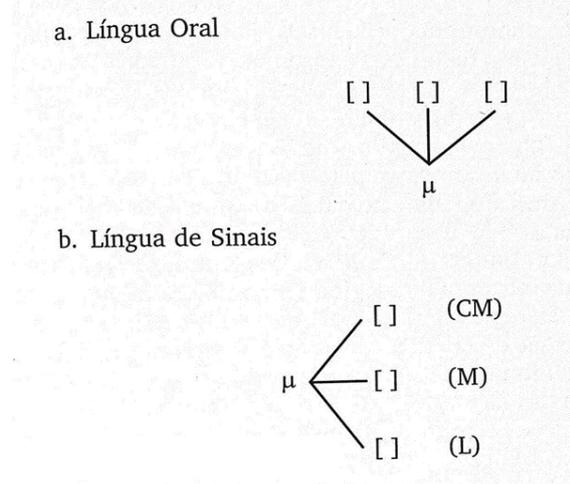
Quanto às unidades mínimas nas línguas orais e sinalizadas, Quadros e Karnopp (2004, p. 48) dizem que “a principal diferença estabelecida entre línguas de sinais e línguas orais foi a

---

<sup>2</sup> Entende-se, aqui, como língua natural, aquela que “se origina espontaneamente dentro de uma comunidade humana e [que], portanto, possui falantes nativos que a adquirem como língua materna” (BOSSAGLIA, 2019, p. 21). Além disso, compreende-se que a língua natural é aquela dotada de uma gramática e suscetível aos vários fenômenos linguísticos, como a variação, resultantes da diversidade geográfica, social, etc de seus usuários.

presença de ordem linear (sequência horizontal no tempo) entre os fonemas das línguas orais e sua ausência nas línguas de sinais, cujos fonemas são articulados simultaneamente.” Essas autoras evidenciam essa diferença em um esquema proposto por Hulst (1993, p. 210), conforme demonstrado abaixo.

**Figura 1.** Esquema da ordem dos fonemas proposto por Hulst



Fonte: Hulst (1993, p. 210).

Esse esquema ilustra, nas línguas orais, a sucessão horizontal dos “[ ]” (fonemas) para se chegar a um  $\mu$  (morfema) e, nas línguas sinalizadas, a sucessão vertical / simultaneidade temporal dos fonemas, ou seja, nas línguas de sinais os fonemas são executados todos ao mesmo tempo. Isso quer dizer que, nas línguas orais, as unidades sonoras mínimas são produzidas, linearmente, uma após a outra para que se forme uma palavra como, por exemplo, “dica - /'dika/”<sup>3</sup>. Já nas línguas de sinais, as unidades visuais-motoras mínimas dos sinais aparecem simultaneamente, conforme exemplo a seguir.

**Figura 2.** Sinal em Libras para *Cavalo*



<sup>3</sup> Exemplo extraído de ROBERTO (2016, p. 99).

Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 608).

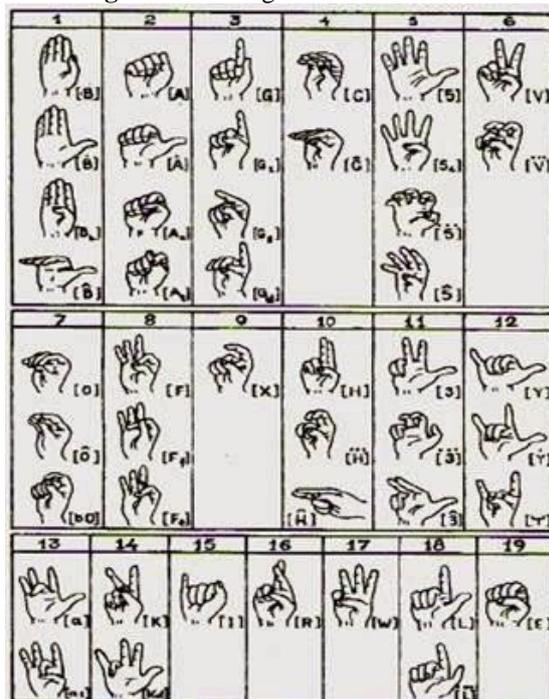
Isso posto, os sinais em Libras podem ser constituídos a partir de cinco unidades mínimas, de cinco parâmetros (QUADROS, 2019). São eles: Configuração de mão (CM), Locação (L) ou Ponto de articulação (PA), Movimento (M), Orientação (Or) e Expressões não-manuais (ENM), os quais serão detalhadamente apresentados a seguir.

### 2.2.1 Configuração de mão (CM)

As configurações de mãos “são formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador.” (FELIPE, 1997, p. 84). Ou seja, a CM refere-se à forma que a mão assume na execução do sinal. Segundo Segala (2012, p. 32), “é através das mãos que se pode dar forma às palavras”, ou seja, aos sinais.

Segundo os estudos desenvolvidos por Ferreira-Brito (1995, apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 53), a Libras possuía 46 CM organizadas verticalmente em 19 grupos, de acordo com suas semelhanças, conforme figura abaixo.

Figura 3. CM segundo Ferreira-Brito



Fonte: (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 53).

Com os avanços das pesquisas relacionadas aos parâmetros da Libras, Faria-Nascimento (2009, p. 166) mostra uma organização proposta por Pimenta (material didático da LBS-vídeo,

s.d.) com cerca de 61 CM organizadas da mão mais fechada para a mais aberta, conforme Figura 4.

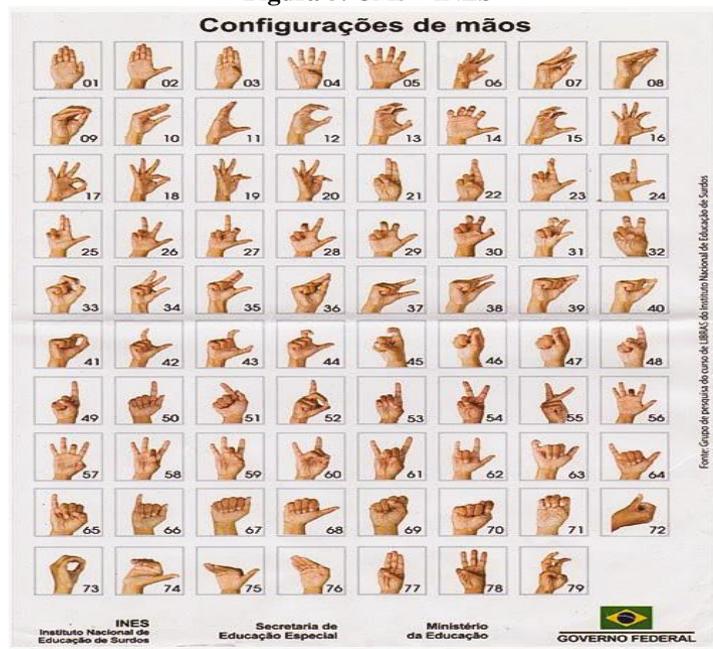
Figura 4. CMs segundo Pimenta



Fonte: (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 166).

E, mais recentemente, o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES apresentou uma tabela com 79 CM organizadas em grupos que possuem mais semelhanças, conforme mostra a figura abaixo:

Figura 5. CMs – INES



Fonte: Google imagens<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Disponível em: [https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRJjIg0eWxbb3t2U2IX1kidl18uBxX-08NZ6jDMjwvY4-C8mtrAEnk9xxFWbzv\\_pEsxV4&usqp=CAU](https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRJjIg0eWxbb3t2U2IX1kidl18uBxX-08NZ6jDMjwvY4-C8mtrAEnk9xxFWbzv_pEsxV4&usqp=CAU).

Vale ressaltar que, por ser uma língua natural, a Libras está em constante evolução e atualização, logo, por esse motivo, ainda existem CM que não estão catalogadas. Os estudos desenvolvidos mostram as inovações ocorridas até agora, mas, ainda há carência de continuidade para que as atualizações sejam registradas.

### 2.2.1 Ponto de articulação (PA)

O ponto de articulação (PA) ou a locação (L) são duas maneiras de se referir à “área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto do qual o sinal é articulado.” (FRIEDMAN, 1977, p. 4, apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 57), ou seja, o PA é o *locus* onde é executado o sinal, podendo ser uma parte do corpo ou o espaço próximo ao corpo, chamado espaço neutro.

**Figura 6.** Espaços de realização dos sinais



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 57).

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 58), as “locações dividem-se em quatro regiões principais: cabeça, mão, tronco e espaço neutro”. Essas autoras, citando Ferreira-Brito e Langevin (1995), dizem, ainda, que as locações podem ser específicas, como “ponta do nariz”, ou mais abrangente, como “frente ao corpo”. Ratificando as quatro regiões principais mencionadas pelas autoras, segue, uma descrição das locações organizadas por Friedman (1977) e adaptada por Ferreira-Brito e Langevin (1995) para a Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 58):

**Tabela 1.** Tabela de locações ou PA

<b>Locações (Ferreira-Brito e Langevin, 1995)</b>	
Cabeça	Tronco
Topo da cabeça	Pescoço
Testa	Ombro
Rosto	Busto
Parte superior do rosto	Estômago
Parte inferior do rosto	Cintura
Orelha	
Olhos	Braços
Nariz	Braço
Boca	Antebraço
Bochecha	Cotovelo
Queixo	Pulso
Mão	Espaço Neutro
Palma	
Costa das mãos	
Lado do indicador	
Lado do dedo mínimo	
Dedos	
Ponta dos dedos	
Dedo mínimo	
Anular	
Dedo médio	
Indicador	
Polegar	

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 58).

### 2.2.2 Movimento (M)

O parâmetro movimento (M) é autoexplicativo, “os sinais podem ter um movimento ou não” (FELIPE, 1997, p. 50). Entretanto, não se trata de algo simples. Na verdade, Quadros e Karnopp (2004, p. 54), firmadas em Klima e Bellugi (1979), dizem que o M é “um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde movimentos internos das mãos, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço”. Essa complexidade pode ser constatada pelas informações constantes no quadro, a seguir, que apresenta os elementos que podem ou não estar relacionados aos M durante a produção dos sinais.

**Quadro 1.** Organização dos movimentos

<p><b>TIPO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Contorno ou forma geométrica</i>: retilíneo, helicoidal, semicircular, sinuoso, angular, pontual;</li> <li>- <i>Interação</i>: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado;</li> <li>- <i>Contato</i>: de ligação, de agarrar, de deslizar, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar;</li> <li>- <i>Torcedura de pulso</i>: rotação, com refreamento;</li> <li>- <i>Dobramento de pulso</i>: para cima, para baixo;</li> <li>- <i>Interno das mãos</i>: abertura fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).</li> </ul>
<p><b>DIRECIONALIDADE</b></p> <p>Direcional</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Unidirecional</i>: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para lateral superior direita, para lateral superior esquerda, para específico ponto referencial;</li> <li>- <i>Bidirecional</i>: para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda;</li> <li>- Não-direcional</li> </ul>
<p><b>MANEIRA</b></p> <p>Qualidade, tensão e velocidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- contínuo</li> <li>- de retenção</li> <li>- de refreado</li> </ul>
<p><b>FREQUÊNCIA</b></p> <p>Repetição</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- simples</li> <li>- repetido</li> </ul>

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 56).

As informações presentes nesse quadro evidenciam a complexidade do M a partir de uma série de elementos constituintes desse parâmetro. Essas informações demonstram que não se trata apenas de um simples movimento que pode ser executado de qualquer maneira, na verdade, reforçam a importância de se entender que existem tipos de M em função da direcionalidade, ou seja, o movimento pode ser unidirecional, bidirecional ou até multidirecional, além de outros detalhes que são fundamentais para a construção do sinal.

### 2.2.3 Orientação (Or)

O parâmetro orientação (Or) diz respeito à posição da palma da mão, isto é, “é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal.” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 59). Segundo Quadros (2019, p. 52), “Sandler (1989) propôs agrupar a orientação da mão como articulador juntamente com a configuração de mão”. Essa afirmação condiz com o fato de que a orientação é um parâmetro que está diretamente ligado à configuração de mão, afinal, refere-se à posição da palma da mão (QUADROS, 2019).

**Figura 7.** Possibilidades de Or



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 59-60).

Os “sinais podem ter uma direção e a inversão desta pode significar ideia de oposição, contrário ou concordância número-pessoal, como os sinais QUERER E QUERER-NÃO” (FELIPE, 1997, p. 48). Essa autora chama a atenção para o fato de que uma mudança no parâmetro Or, ainda que pareça sutil, muda o significado do que está sendo dito.

### 2.2.5 Expressões não-manuais

“As Expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça, ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construção sintática e diferenciação de itens lexicais” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 60). Por um lado, em sua função sintática, as ENM marcam sentenças interrogativas, negativas, afirmativas, topicalização; por outro lado, também, “constituem componentes lexicais que marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 60). A seguir, há um quadro com algumas ENM.

**Quadro 2.** Quadro de ENM

<b>Expressões não-manuais da língua de sinais brasileira</b> (Ferreira-Brito e Langevin, 1995)
<b>Rosto</b> <i>Parte superior</i> Sobrançelas franzidas Olhos arregalados Lance de olhos Sobrançelas levantadas <i>Parte inferior</i> Bochecha inflada Bochecha contraída Lábios contraídos e projetados e sobrançelas franzidas Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha Apenas bochecha direita inflada Contração do lábio superior Franzir do nariz
<b>Cabeça</b> Balanceamento para frente e para trás (sim) Balanceamento para os lados (não) Inclinação para frente Inclinação para o lado Inclinação para trás
<b>Rosto e cabeça</b> Cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrançelas franzidas Cabeça projetada para trás e olhos arregalados
<b>Tronco</b>  Para frente Para trás Balanceamento alternado dos ombros Balanceamento simultâneo dos ombros Balanceamento de um único ombro

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 64).

Pelo exposto, entende-se que o sinal é a unidade lexical das línguas de sinais, um signo linguístico possível de ser segmentado em unidades menores, os parâmetros, equivalendo à palavra nas línguas orais. Carvalho (2013, p. 29) afirma que “Saussure considera a língua como um sistema de signos formados pela ‘união do sentido e da imagem acústica’”. Todavia, é sensato e pertinente compreender que, quando Saussure refere-se à imagem acústica, não se trata do som material, algo puramente físico, mas de uma impressão psíquica (MARTELOTTA, 2018, p. 119). Diante disso, considera-se que o signo linguístico na Libras é formado por um significante – impressão psíquica resultado de “jatos visuais” – e por um significado, assim como as demais línguas naturais, e, conseqüentemente, pode ser segmentado em unidades menores.

### 2.3 Os estudos terminológicos e a Língua Brasileira de Sinais

Terminologia é um termo polissêmico que, conforme apresenta Cabré (1996, p. 16), pode ser interpretado em pelo menos três perspectivas: como disciplina, como prática e, ainda, como produto gerado a partir dessa prática (CABRÉ, 1996, p. 16).

Na perspectiva teórica dessa autora, Terminologia<sup>5</sup>, enquanto disciplina, ocupa-se de estudar os termos especializados de áreas do saber. Por outro lado, também pode ser entendida como uma prática, sendo, portanto, um arcabouço formado por um conjunto de direcionamentos e métodos que organizam o fazer terminológico, ou seja, é um conjunto de elementos necessários para o trabalho do terminólogo na produção de materiais terminográficos. E, por fim, a terminologia pode também ser compreendida como o próprio léxico especializado de uma dada área de domínio.

Para Cabré (1996, p. 22), a Terminologia é uma disciplina que possui bases teóricas e objeto de estudo bem definido. De acordo com essa autora, existem três modos de conceber a Terminologia: 1) como uma disciplina autônoma e autossuficiente que possui fundamentos próprios; 2) como uma disciplina que, na verdade, não é autônoma, ao contrário, é parte de outra disciplina (para alguns da linguística, para outros da filosofia); 3) e, ainda, como uma disciplina que pode ser entendida como autônoma, mas com um caráter interdisciplinar, isto é, uma disciplina que se constrói e constitui a partir de seus estudos e relações com outras disciplinas. Cabré (1996) afirma que, em sua concepção, a terceira perspectiva sobre a Terminologia é a mais adequada.

Em consonância com essa autora, Felber (1984, p.1) afirma que a Terminologia é um campo inter e transdisciplinar do conhecimento que lida com conceitos e suas representações (termos, símbolos etc.). Sua interdisciplinaridade se confirma, de acordo com Cabré (1998a, p. 134), na relação com outras disciplinas, cujas contribuições são fundamentais para a descrição do seu objeto, posto que “sem terminologia não se faz ciência, nem se descreve uma técnica, nem se exerce uma profissão especializada”<sup>6</sup> (CABRÉ, 1998a, p. 134) e que, portanto, toda área de conhecimento utiliza terminologias para representar seus conhecimentos, seus estudos flutuam por todos os campos do saber.

Ainda com base em Cabré (1996), tem-se esclarecido que a Terminologia possui uma vertente teórica e uma vertente aplicada. Essa autora explicita que, no tocante à sua vertente

---

<sup>5</sup> Terminologia com o “T” (maiúsculo) será usado, aqui, para designar a disciplina.

<sup>6</sup> “sin terminología no se hace ciencia, ni se describe una técnica, ni se ejerce una profesión especializada”

aplicada, “a terminologia se distingue da lexicologia aplicada por sua metodologia, fundamentalmente no que se refere aos seguintes elementos: os dados que recompila, o método de recompilação, o tratamento dos dados e finalmente sua apresentação em forma de glossários”<sup>7</sup> (CABRÉ, 1996, p. 24). Nesse sentido, a Terminologia, enquanto prática, trata seu objeto – o termo – considerando as características assumidas em cada área de domínio.

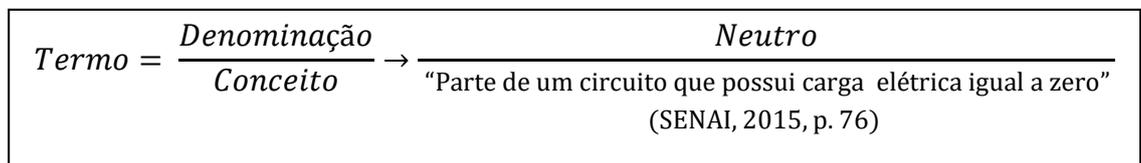
As terminologias desempenham, na interação em contexto especializado, um papel de grande importância para os sujeitos atuantes e simpatizantes das áreas do conhecimento. Elas são, ao mesmo tempo, unidades cognitivas que expressam conhecimento e unidades linguísticas constituintes do léxico especializado (KRIEGER; FINATTO, 2020, p. 16). Portanto, são fundamentais e inerentes à comunicação especializada, pois expressam os saberes científicos, técnicos e tecnológicos por meio de textos escritos, como tradicionalmente se associa, e por meio de textos orais. (KRIEGER; FINATTO, 2020, p. 16).

### 2.3.1 As unidades terminológicas: o termo e o sinal-termo

As ciências dedicadas aos estudos do léxico, por mais que compartilhem o mesmo foco – o léxico – o concebem e o tratam de maneiras diferentes. A Lexicologia, por exemplo, ocupa-se do estudo da palavra, ou seja, da unidade lexical da língua comum. Por outro lado, como já mencionado neste trabalho, a Terminologia se dedica a estudar o termo.

O termo “é essencialmente um signo linguístico formado por uma denominação (significante) e um conceito (significado)” (PONTES, 1997, p. 47), conforme o quadro abaixo.

**Quadro 3.** Esquema de formação do termo



Fonte: O autor, adaptado de Pontes (1997).

Esse autor, ancorado em uma abordagem de cunho linguístico, traz, no cerne da definição, o termo como um todo de duas partes: forma e conteúdo. Cabré (1996, p. 18), sob o mesmo viés, corrobora e define os termos como um

<sup>7</sup> “la terminología se distingue de la lexicología aplicada por su metodología, fundamentalmente en lo que se refiere a los elementos siguientes: los datos que recopilamos, el método de recopilación, el tratamiento de los datos y finalmente su presentación en forma de glosarios.”

o conjunto de signos linguísticos que constituem um subconjunto dentro do componente lexical da gramática do falante. A posição da linguística é clara: os termos não se distinguem das palavras do componente lexical, são unidades do léxico da gramática que fazem parte da competência do interlocutor ideal. Essa competência pode ser geral (comum a todos os falantes) e especializada (restrita a grupos de falantes). A terminologia específica (e não a trivializada nem a fundamental do tronco comum dos sujeitos técnico-científicos) faria parte da competência especializada. Os termos são para a linguística uma maneira de saber.<sup>8</sup>

A face linguística dos termos os define como subconjuntos do componente léxico de uma língua. Em outras palavras, do ponto de vista linguístico, o termo é, sobretudo, um signo linguístico que não se distingue da palavra. Desse modo, o aspecto fundamental que define o termo é o contexto no qual o falante está inserido, assim, o termo é um signo linguístico usado em contexto especializado.

Focalizando os estudos terminológicos na Língua Brasileira de Sinais – Libras, os signos linguísticos que assumem a funcionalidade de termos são denominados sinais-termo. Essa expressão surge em resposta à demanda dos sujeitos surdos atuantes nas mais diferentes áreas do saber. Segundo Prometi et al. (2015, p. 1), essa terminologia foi criada por Faulstich e aparece pela primeira vez na dissertação intitulada *Proposta de modelo de enciclopédia bilíngue juvenil: Enciclolibras*. (COSTA, 2012).

O advento da expressão sinal-termo tornou possível a distinção entre o núcleo geral e o núcleo especializado de uso da Libras, assim, em contexto comunicativo comum, usa-se o sinal e, em contexto comunicativo especializado, o sinal-termo.

De acordo com Faulstich (2012 apud TUXI, 2017, p. 51), portanto, o sinal – unidade do contexto de uso geral da Libras, usada ordinariamente – é um “sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais”. E o sinal-termo, por sua vez, é o termo

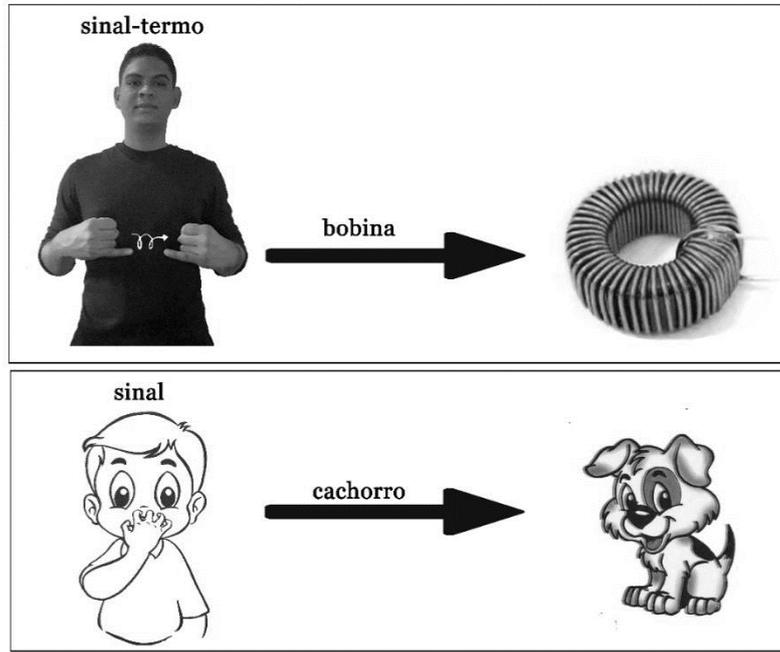
da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira. (FAULSTICH, 2012 apud TUXI, 2017, p. 51).

---

<sup>8</sup> “el conjunto de signos lingüísticos que constituyen un subconjunto dentro del componente léxico de la gramática del hablante. La posición de la lingüística es clara: los términos no se distinguen de las palabras del componente léxico, son unidades del léxico de la gramática que forman parte de la competencia del hablante oyente ideal. Esta competencia puede ser general (común a todos los hablantes) y especializada (restringida a grupos de hablantes). La terminología específica (y no la banalizada ni la fundamental del tronco común de las materias científico-técnicas) formaría parte de la competencia especializada. Los términos son para la lingüística una manera de saber.”

Portanto, no que tange às línguas de sinais, particularmente a Libras, denomina-se sinal, a unidade da língua geral, objeto da Lexicologia, e sinal-termo, a unidade especializada, objeto da Terminologia, conforme explicita a figura abaixo.

**Figura 8.** Sinal e Sinal-termo



Fonte: O autor<sup>9</sup>.

Pode-se dizer, ainda, que termos e sinais-termo são unidades representativas que cristalizam os saberes de uma comunidade. Essas unidades, imprimem a realidade científica, social, cultural, histórica, geográfica, econômica dos sujeitos. De acordo com Silva (2009, p. 41), “o termo, já que é inerentemente especializado, é o elemento essencial da identidade linguístico-cultural de uma comunidade”. Os termos e sinais-termo reverberam a forma como sujeitos interagem, interpretam e conceptualizam o mundo ao redor em contexto de uso especializado.

## 2.4 Mudanças de perspectiva: da TGT à TCT

Apesar de muito antiga, a Terminologia só apresenta um desenvolvimento mais expressivo em meados do século XX (KRIEGER; FINATTO, 2020, p. 25). Segundo Almeida (2003, p. 213), o interesse dos profissionais da linguagem pela Terminologia foi tardio, iniciando-se apenas nos anos 50, quando ela “deixa de ser vista apenas como um instrumento

<sup>9</sup> Esquema montado com uma foto do autor e com imagens coletadas no Google Imagens (2021).

de normalização de termos, para tornar-se mais um instrumento de comunicação” (CABRÉ, 1993, p. 22 apud ALMEIDA, 2003, p. 214). O reconhecimento de léxicos especializados se inicia no século XVII, quando a Terminologia passa a ser definida como “matéria que se ocupa de denominações de conceitos próprios das ciências e das artes” (KRIEGER; FINATTO, 2020, p. 25) e começa a aparecer em dicionários.

No século XVIII, “começam a se delinear, então, os elementos básicos da terminologia como conjunto de termos de uma área técnica ou científica e como disciplina de natureza linguística que estuda esse conjunto” (BARROS, 2004, p. 31). Inicialmente, com os estudos de profissionais das áreas de botânica e zoologia, como, por exemplo, “o sueco Karl von Lineu (1707-1778), que propôs um sistema universal de nomenclatura binomial” (BARROS, 2004, p. 31).

Com o processo de internacionalização das ciências, os profissionais começaram a se preocupar com regras para a construção das terminologias utilizadas em cada área de domínio a fim de garantir a univocidade na comunicação especializada. Nesse contexto, iniciam-se os investimentos para a garantia de um ideal de comunicação eficiente, em nível internacional, ancorados na necessidade de padronização e de garantia de que os termos existentes e os que surgiriam pudessem ser difundidos e universalizados.

Diante desse cenário, surge a tese de doutorado do engenheiro eletricitista Eugen Wüster (1899-1977) intitulada *A normalização internacional da terminologia técnica*, trabalho que impulsionou o início da chamada Teoria Geral da Terminologia – TGT, “considerada o desenvolvimento teórico mais sistemático e coerente já realizado sobre os termos” (ALMEIDA, 2003, p. 214).

De acordo com Krieger (2001, p. 39), os modelos de estudo da Terminologia se iniciam com as contribuições de Wüster, ou seja, seu trabalho foi a mola propulsora da Teoria Geral (ou Tradicional) da Terminologia, cujo o objetivo é standardizar e difundir os termos, dando à TGT a “configuração de uma terminologia **representativa**, já que era preponderante denominar e etiquetar a informação, e **prescritiva**, pois as terminologias precisavam ser controladas” (ALMEIDA, 2003, p. 14, grifos originais).

A TGT, no contexto em que se instaurou, se mostrou eficiente, pois atendia aquilo que almejavam o seu mentor e alguns cientistas da época: a “normalização conceitual e denominativa dos termos”<sup>10</sup> (CABRÉ, 1998b, p. 92). O propósito dessa teoria tradicional era

---

<sup>10</sup> “normalización conceptual y denominativa de los términos”.

“superar os obstáculos da comunicação profissional causados pela imprecisão, diversificação e polissemia da linguagem natural”<sup>11</sup> (CABRÉ, 1998c, p. 153).

Segundo Cabré (1998), a proposta de Wüster objetivava sobrepujar a natureza da língua, isto é, o engenheiro tinha por meta burlar o sistema linguístico natural e criar uma linguagem especializada imune a questões de variação, polissemia e outros fenômenos inerentes às línguas naturais, o intuito era superar as “deficiências” da linguagem comum / geral. (CABRÉ, 1998c, p. 153).

Wüster, sendo um cientista, pautava seus ideais na premissa de que a ciência era a única capaz de conceitualizar a realidade, pois utiliza a lógica e organiza o conhecimento científico. (CABRÉ, 1998c, p. 157). Partindo dessa perspectiva e considerando a homogeneização do conhecimento científico, a TGT concebe o ideal de uma terminologia universalizada, normativa e prescritiva que desconsidera fatores socioculturais, geográficos, linguísticos, históricos e socioeconômicos como estratégia para neutralizar o processo natural de variação conceitual e denominativa.

A proposta de Wüster encara as denominações como formas de etiquetar conceitos e estes, por sua vez, são estáticos. Assim, os termos “não têm para a TGT valores pragmáticos nem apresentam variação semântica, porque são considerados apenas dentro de um registro, o profissional”<sup>12</sup> (CABRÉ, 1998c, p. 158).

Pode-se constatar que os pressupostos da TGT se alicerçam em dois propósitos: “a idealização da realidade, do conhecimento e da comunicação; e a limitação do assunto à padronização”<sup>13</sup> (CABRÉ, 1998c, p. 159).

Com o desenvolvimento dos estudos terminológicos, a TGT passou a receber críticas por não abarcar toda a variedade e diversidade da língua em contexto especializado de uso, isto é, frente à tentativa da TGT de padronizar e universalizar terminologias, passou-se a defender que os termos “são entidades que, a despeito de suas particularidades, integram o funcionamento das línguas naturais” (KRIEGER, 2001, p. 23).

Nesse contexto, uma nova perspectiva passa a ser delineada e se instaura uma outra teoria: a Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT. Essa teoria encara a Terminologia como uma forma de comunicação natural e possui um caráter descritivo em detrimento do caráter

---

<sup>11</sup> “superar los obstáculos de la comunicación profesional causados por la imprecisión, diversificación y polisemia del lenguaje natural”.

<sup>12</sup> “no tienen para la TGT valores pragmáticos ni presentan variación semántica porque son considerados sólo dentro de un registro, el formal profesional”.

<sup>13</sup> “la idealización de la realidad, el conocimiento y la comunicación; y la limitación de la materia a la normalización”.

prescritivo proposto pela TGT. A TCT, considerando a dinamicidade das línguas naturais e todos os fenômenos e diversidade linguística, se mostrou abrangente o suficiente para dar conta de descrever a comunicação real em contexto especializado de uso.

Os estudos terminológicos realizados a partir da TCT consideram que a comunicação especializada é uma forma natural de interação, ou seja, concebem a terminologia em seus aspectos comunicativos e pragmáticos (KRIEGER; FINATTO, 2020, p. 34). Nessa perspectiva, tem-se em conta que a heterogeneidade sociocultural, econômica, geográfica e histórica influencia e condiciona as produções linguísticas e terminológicas dos sujeitos. Assim, os aspectos sociais e contextuais também condicionam as terminologias.

É pertinente ressaltar que o advento da TCT não invalidou por completo todas as premissas da TGT, apenas passou-se a compreender que essas eram limitadas, não contemplavam toda a amplitude diversificada das línguas naturais (CABRÉ, 1998c, p. 160). Assim, pode-se afirmar que a TGT trouxe grandes contribuições para os estudos terminológicos na perspectiva da standardização das denominações e dos conceitos, entretanto, equivocadamente, tentou neutralizar toda a diversidade que é peculiar à comunicação especializada em uso real.

A TCT se embasa no princípio de que a terminologia é uma forma de comunicação natural e que, portanto, está suscetível aos mesmos fenômenos linguísticos que a língua geral. Essa teoria compreende que a “comunicação especializada não mantém um status completamente à parte daquele que mantém a comunicação geral; e o conhecimento especializado não é uniforme nem totalmente delimitado do geral em todas as situações de comunicação”<sup>14</sup> (CABRÉ, 1998c, p. 167).

Em suma, a prática terminológica é bastante antiga, mas seus estudos mais sistematizados são relativamente recentes e passaram por algumas mudanças no decorrer do tempo por influência do contexto de progresso e universalização das ciências que fomentou a dedicação de profissionais para criar terminologias e isso foi o *start* para que se pensasse na organização dos estudos sobre a Terminologia.

Como já mencionado, as contribuições de Wüster, que suscitaram a TGT, e as de Cabré, que originaram a TCT, desempenharam um papel fundamental no processo de (re)organização teórico-metodológica dos estudos terminológicos.

---

<sup>14</sup> “la comunicación especializada no mantiene un estatus completamente aparte del que mantiene la comunicación general; y el conocimiento especializado tampoco es uniforme ni está totalmente delimitado del general en todas las situaciones de comunicación”

## 2.5 A variação terminológica e a Socioterminologia

Os estudos sociolinguísticos já mostraram que a língua não é um sistema homogêneo, pelo contrário, é um sistema vivo, em constante evolução e modificação, que reflete a dinamicidade da sociedade que a utiliza. Esses estudos concebem a diversidade de valores, crenças, culturas, identidades, situação socioeconômica, geolocalização como elementos que geram necessidades sócio-comunicativas distintas e isso condiciona as produções linguísticas e gera variação.

A variação, portanto, de fato, é um fenômeno inerente às línguas naturais. “Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocábulo, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo.” (MOLLICA, 2020, p. 9). Dessa maneira, existem formas diversas de “dizer a mesma coisa”, isto é, formas alternativas para designar um único referente. É pertinente evidenciar que o fenômeno de variação não é algo aleatório, existem fatores externos e internos que condicionam as produções linguísticas dos sujeitos.

Face ao exposto, encara-se a comunicação especializada como uma forma natural de interação, e o discurso especializado como parte do sistema linguístico natural. Assim, entende-se, como já mencionado neste trabalho, que não se tratam de duas línguas apartadas, mas sim, de um sistema linguístico ora utilizado em contexto comum e ora em contexto especializado. Logo, por consequência, os fenômenos linguísticos incidentes sobre o sistema linguístico são percebidos nas produções terminológicas, como é o caso da variação.

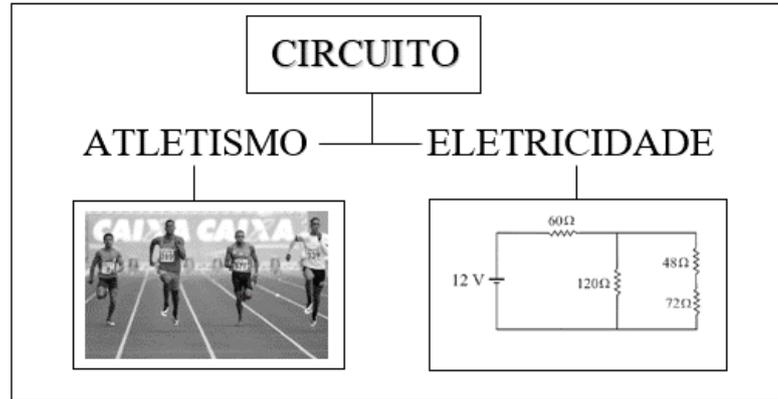
A variação terminológica é “um tipo de variação linguística igualmente condicionada por fatores intra e extra-sistêmicos.” (FINATTO, 2001, p. 150). Conforme essa autora, a variação terminológica é uma realidade e resultado de fatores internos e externos, assim como a língua em contexto de uso não especializado.

Ressaltar a variação em Terminologia é refutar a TGT, que objetivava a univocidade e homogeneidade das denominações e conceitos. Assim, conceber a variação é deixar de lado os ideias tradicionais que não representam fielmente a realidade, mas que idealizam uma realidade utópica de controle e gerenciamento das terminologias e de sua circulação. Além disso, compreender a dinamicidade e diversidade da língua, seja em contexto geral ou especializado, demonstra consciência e respeito à diversidade.

No âmbito terminológico, a variação pode ocorrer em dois planos: no da conceptualização e no da denominação. A variação no plano da conceptualização é quando há mais de uma possibilidade de conceptualização para uma mesma denominação, como, por

exemplo, o termo “circuito”, que compreende noções diferentes para os profissionais da eletricidade e para os profissionais do atletismo, conforme esclarece a figura abaixo.

**Figura 9.** Variação conceptual de *Circuito* em língua portuguesa



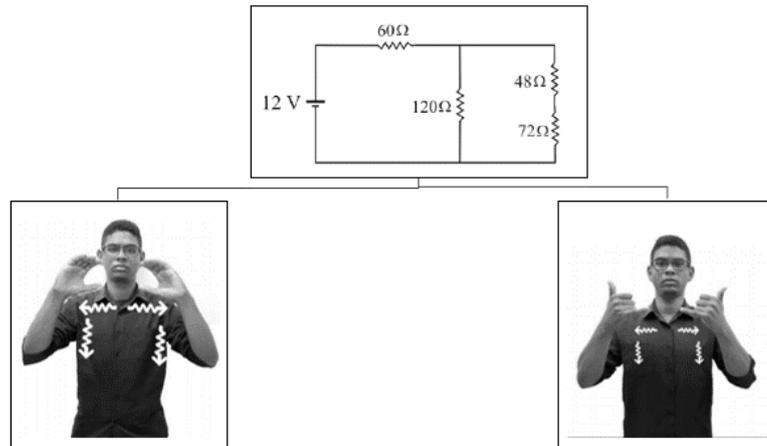
Fonte: O autor <sup>15</sup>

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, *Circuito* pode significar, entre outras significações, “[...] **10** *DESP* percurso a ser cumprido em certas provas, esp. as automobilísticas e congêneres **11** *ELETR* *ELETRÔN* conjunto de componentes eletricamente conectados que desempenha uma função específica [...]” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 471). A partir do que traz esse dicionário, é possível inferir que para a comunidade desportiva, circuito é percurso a ser cumprido pelos atletas, enquanto que para a comunidade de eletricitistas trata-se de um conjunto de componentes conectados eletricamente. Evidencia-se que, embora as definições apresentadas pelo Houaiss tenham sido essas, o Circuito pode ser compreendido como um percurso, nas duas áreas: para o atletismo, um percurso a ser cumprido pelo atleta; na eletricidade, é um percurso pelo qual pode ou não percorrer corrente elétrica. Assim, é possível notar que há uma variação de cunho conceptual, uma denominação com dois conceitos em função dos diferentes domínios especializados nos quais circula.

Ainda com o exemplo *Circuito*, a figura a seguir ilustra, agora, um caso de variação denominativa em Libras.

<sup>15</sup> Esquema construído com imagens do Google imagens (2021).

**Figura 10.** Variação denominativa de *Circuito*



Fonte: O autor<sup>16</sup>.

O esquema acima expõe um caso de variação denominativa, isto é, duas denominações em Libras, dois sinais-termo para o mesmo referente. Portanto, a variação denominativa consiste, basicamente, em duas ou mais possibilidades denominativas para um mesmo item.

Segundo Faulstich (2006, p. 28), um

termo será funcional dentro de uma linguagem de especialidade, porque assumirá uma função específica de determinado valor, de acordo com o contexto de uso. Assim sendo, o termo/sinal-termo é uma entidade variante porque pode assumir formas diferentes em contextos afins.

Desse modo, entende-se que o termo é uma unidade que, assim como na comunicação não especializada, pode variar de acordo com seus usos em contextos reais de comunicação.

Em suma, a variação é um fenômeno inerente ao sistema linguístico natural e, como as terminologias fazem parte desse sistema, também existe variação terminológica. Isso ratifica a noção de que a comunicação especializada é uma forma natural de interação e que o termo e o sinal-termo são signos linguísticos usados em contexto especializado.

A Socioterminologia, ramo da Terminologia dedicado a estudar a relação entre terminologia e contexto social (FAULSTICH, 2006, p. 27), compreende que a diversidade social e as múltiplas realidades dos sujeitos condicionam os discursos especializados e são fatores que geram a variação terminológica, seja no plano da forma (denominação) ou do conteúdo (conceptualização). Os estudos socioterminológicos levam em consideração a

<sup>16</sup> Esquema construído com imagens do autor e uma imagem retirada do Google imagens (2021).

circulação dos termos nos mais diversos espaços sociais (GAUDIN, 2005, p. 81), entendendo que se tratam de signos linguísticos e não de rótulos conceituais.

Gaudin (2014, p. 298), citando o dicionário eletrônico de Barité (2000), diz que a Socioterminologia analisa os termos, a partir de uma perspectiva linguística, na interação social. Trata-se, sobretudo, de uma disciplina prática que se fundamenta na análise das condições sociais e linguísticas de circulação dos termos. Assim, a Socioterminologia é uma disciplina que se contrapõe aos ideais tradicionais de normatização, pois entende que os termos são usados por uma comunidade discursiva que se constitui de sujeitos diversos e isso influi no discurso especializado.

O estudo da circulação social dos termos “implica um melhor conhecimento da evolução das práticas de linguagem e da sociogênese dos termos.” (GAUDIN, 2014, p. 304). Portanto, a pesquisa Socioterminológica contribui para o estudo sociolinguístico do termo, isto é, para o estudo da unidade terminológica desde uma perspectiva social, ocupando-se da “identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua.” (FAULSTICH, 1995, p. 1).

As pesquisas socioterminológicas têm se mostrado fundamentais para as comunidades científicas e profissionais, pois retratam a diversidade existente na comunicação especializada e, como consequência, valorizam as particularidades linguísticas demonstrando que não há superioridade ou inferioridade entre as terminologias, há, apenas, maneiras plurais de expressão e de concepção.

## **2.6 A Terminografia**

Como já foi tratado anteriormente neste trabalho, a Terminologia possui, pelo menos, três acepções (disciplina, prática e produto). Dentre elas, uma face prática, dedicada à produção de materiais terminográficos como glossários, dicionários terminológicos e bancos de dados, chamada Terminografia (KRIEGER; FINATTO, 2020. p. 50).

A Terminografia, entretanto, de acordo com Krieger e Finatto (2020, p. 50), não se limita apenas à construção de obras terminográficas; dedica-se também ao estudo do termo. Ou seja, a face prática da Terminologia, para além de fornecer subsídios para a produção de materiais terminográficos, debruça-se sobre o termo em seus aspectos funcionais, considerando questões tangentes à relevância das suas informações (gramaticais, definição, etc.).

A Terminografia “é uma ciência eminentemente aplicada que tem seus princípios e métodos. Estuda dados terminológicos de acordo com preceitos teóricos e desenvolve

instrumentos para sua organização e representação em sistemas de informação.”<sup>17</sup> (DIEGO, 1995, p. 108).

Essa autora explicita que a Terminografia, de fato, é uma disciplina prática que possui seus princípios e métodos, aporte teórico-metodológico que orienta o trabalho do terminógrafo na produção de obras terminográficas trazendo em seu cerne direcionamentos quanto ao tratamento e à organização dos dados terminográficos.

No que tange a esses dados, Diego (1995, p. 110) apresenta uma distinção entre o dado terminográfico e o dado terminológico. Segundo essa autora, os dados terminológicos “são aqueles dados que nos proporcionam informações sobre um conceito, uma unidade ou um tema”<sup>18</sup>. Por outro lado, os dados terminográficos “são aqueles dados que têm por objetivos a definição dos dados terminológicos, assim como a facilitação de um registro correto e completo dos mesmos”<sup>19</sup> (DIEGO, 1995, p. 110). Para essa autora, os dados terminográficos são os dados terminológicos acrescidos de informações secundárias.

Diante do exposto até aqui, é sensato compreender que a produção de obras terminográficas não é uma tarefa fácil, nem tampouco algo que pode ser feito de forma aleatória, é preciso traçar objetivos, público-alvo e ter toda uma organização harmônica aos objetivos estabelecidos. Desse modo, Barros (2004, p. 189) fala sobre um planejamento para o trabalho terminográfico, com etapas e decisões que são fundamentais para que se consiga produzir uma obra de qualidade.

As contribuições da Terminografia norteiam o terminógrafo no tratamento e na organização dos dados constituintes das obras, “cujas estruturas variam conforme o conteúdo de um glossário, um dicionário terminológico monolíngue, bilíngue ou multilíngue ou ainda um banco de dados de terminologias.” (KRIEGER; FINATTO, 2020, p. 51).

Para ilustrar a importância do cuidado, do planejamento da prática terminológica, Krieger e Finatto (2020, p. 51) evidenciam três tipos de obras – glossário, dicionário terminológico e banco de dados de terminologias – que, embora comunguem da mesma finalidade, possuem características específicas. Segundo essas autoras,

**Glossário** costuma ser definido como repertório de unidades lexicais de uma especialidade com suas respectivas definições ou outras especificações sobre seus sentidos. É composto sem a pretensão de exaustividade. Já o **dicionário terminológico** ou **técnico-científico** é uma obra que registra o conjunto de termos de um domínio oferecendo primordialmente informações conceituais e, por vezes,

<sup>17</sup> “es una ciencia eminentemente aplicada que cuenta con sus principios y métodos. Estudia los datos terminológicos según los preceptos teóricos y desarrolla instrumentos para su ordenación y representación en sistemas de información.”

<sup>18</sup> “son aquellos datos que nos proporcionan información sobre un concepto, una unidad o un tema.”

<sup>19</sup> “son aquellos datos que tienen por objetivos la identificación de los datos terminológicos, así como la facilitación de un registro correcto y completo de los mismos.”

linguísticas. Caracteriza-se por uma cobertura exaustiva de itens lexicais. Um **banco de dados terminológico** é uma estrutura de dados informatizada, que contém uma lista de termos e um repertório de termos, além de uma série de outras formações relativas ao uso e funcionamento das terminologias. (KRIEGER; FINATTO, 2020, p. 51). (Grifos nossos).

Como foi possível notar, por mais que pareçam sinônimos ou formas de “dizer a mesma coisa”, se tratam de obras distintas, principalmente, porque têm objetivos diferentes que exigem uma organização metodológica diferenciada. Portanto, as contribuições da Terminografia são valiosíssimas e indispensáveis para a construção de obras terminográficas.

Em síntese, a elaboração de uma obra terminográfica implica um planejamento que antecede a execução. Portanto, é preciso que o terminógrafo, antes da execução, elenque seus objetivos, defina o público-alvo a quem se destina o material, se o material será monolíngue, semibilíngue, bilíngue ou multilíngue. Essas decisões são fundamentais para que se estabeleça a macroestrutura do material e a microestrutura do verbete.

## 2.7 O Glossário semibilíngue

Como já mencionado neste trabalho, existem vários tipos de obras terminográficas com fins diversos para atender a diferentes demandas. Desse modo, é necessário considerar alguns elementos prévios à produção material para que se defina o tipo de obra a ser desenvolvida.

Segundo Barros (2004, p. 137), um dos elementos que caracteriza a tipologia de um repertório é o público-alvo e o tipo de informação. De acordo com essa autora, definir o público-alvo é fundamental para que se organize a obra. Além disso, ela fala sobre o tipo de informação que conterá essa obra, por exemplo, uma obra que contém informações linguísticas e extralinguísticas configura-se como enciclopédica.

Dentre outras coisas, o número de línguas com que se trabalha em uma obra terminográfica também é um elemento levado em consideração por Barros (2004, p. 145). Segundo ela, a depender “do número de línguas que a obra contemple, esta pode ser monolíngue, bilíngue, ou multilíngue.”. Acrescenta-se, aqui, o repertório semibilíngue, especialmente, o glossário semibilíngue, foco deste trabalho.

Entende-se por glossário semibilíngue aquele “que contém entradas e definições em uma língua e equivalentes traduzidos em outra língua”<sup>20</sup> (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 124), ou seja, a obra semibilíngue é aquela que apresenta a entrada com todas as informações em uma língua e a tradução equivalente da entrada em outra língua.

---

<sup>20</sup> “which contains headwords and definitions in one language and translation equivalents in the other language”.

A definição desses autores ressalta que o fato de um glossário conter termos em duas línguas não o classifica como um material bilíngue, pois considera-se que para que seja bilíngue a obra precisa possuir os verbetes em duas línguas, isto é, todas as informações em duas línguas (entradas, definições e todas as informações adicionais que constituem o verbete). Diferentemente, o glossário semibilíngue “pode ser localizado a meio caminho entre o monolíngue e o bilíngue.” (NAKAMOTO, 1995 apud DURAN; XATARA, 2005, p. 50). Ou seja, um material que é “semi” - é meio – nem monolíngue, nem bilíngue.

Diante do exposto, considerando as pessoas surdas sinalizantes de Libras e que utilizam também a língua portuguesa, sobremaneira aquelas especialistas e aspirantes em suas áreas de domínio, um glossário semibilíngue traz muitas contribuições para a sua interação em contexto especializado. Materiais dessa natureza auxiliam a aquisição e ampliação do repertório terminológico nessas duas línguas. Assim, entende-se que o glossário da eletricidade - semibilíngue, produto final deste trabalho, servirá para todos os sujeitos sinalizantes, surdos ou não, da Libras - os profissionais, aspirantes e tradutores e intérpretes - atuantes nas áreas da Eletrotécnica, Eletrônica, Eletromecânica, Engenharia Elétrica.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Primeiramente, para a construção sólida da fundamentação teórica deste trabalho, baseou-se, principalmente, nas contribuições de autores como Cabré (1995), Krieger (2001), Krieger e Finatto (2020), no campo dos estudos terminológicos; Gaudin (2005), Faulstich (2006), na Socioterminologia; Barros (2004), Nakamoto (1995), Hartmann e James (1998), nos estudos terminográficos; Prometi (2013), Faria-Nascimento (2009), Costa (2012), nos estudos linguísticos e terminológicos sobre a Libras; entre outros.

A partir daqui serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a concretização da pesquisa. Assim, para uma melhor organização, optou-se por apresentar os procedimentos em duas partes: i) a pesquisa em si, como ocorreu, quais os sujeitos participantes, delimitação dos *corpora*, instrumentos e outras informações relacionadas à pesquisa, e ii) o processo de construção do glossário, apresentando os objetivos, público-alvo, estruturação e organização.

#### 3.1 Pesquisa experimental

O alcance do objetivo principal desta dissertação exigiu uma pesquisa de campo para a coleta de dados. Para tanto, foram elaborados instrumentos, selecionados sujeitos para participarem da pesquisa e definido o *locus*. Entretanto, antes da execução da pesquisa, de fato, considerou-se pertinente a execução de uma pesquisa em caráter experimental para testar os instrumentos. O propósito dessa etapa foi garantir resultados mais precisos e alinhados ao objetivo da pesquisa, de maneira a assegurar que os instrumentos eram adequados para tal fim.

Esta etapa foi crucial para o desenvolvimento da pesquisa, pois permitiu que se pudesse testar e aprimorar instrumentos para redefinir os critérios de seleção dos informantes<sup>21</sup> com os perfis que possibilitassem alcançar, realmente, os objetivos e definir com maior precisão o *locus* da pesquisa.

A pesquisa experimental foi realizada com a participação de cinco sujeitos surdos sinalizantes da Libras – duas mulheres e três homens – residentes em São Luís, São José de Ribamar e Santa Inês, localidades que, *a priori*, haviam sido selecionadas como campos de

---

<sup>21</sup> Vale dizer que os termos “informante”, “sujeito”, “sujeito participante”, “participante” estão sendo usados como sinônimos para se referir à pessoa que forneceu os dados ou que os validou.

desenvolvimento da pesquisa. Por oportuno, explicita-se que esses municípios foram escolhidos como *locus* de pesquisa por possuírem alunos surdos matriculados.

Os instrumentos utilizados na ocasião foram a ficha do informante, com espaços para as informações pessoais dos participantes, como nome, idade, e outros dados pertinentes à pesquisa; o termo de participação livre e esclarecido, contendo as principais informações sobre objetivos e resultados pretendidos com o trabalho; e slides em Power Point com uma lâmina inicial contendo os dados da instituição, do pesquisador, da orientadora e o título da pesquisa, seguido de outras lâminas contendo os termos pesquisados escritos (cada lâmina de slide tinha um termo em Português). É pertinente mencionar que a escolha de slides com essa organização se deu pelo fato de que a pesquisa seria realizada via Google Meet<sup>22</sup>, o que facilitaria a apresentação.

A execução dessa etapa ocorreu com quatro sujeitos surdos – dois sujeitos homens, um de São Luís e um de São José de Ribamar, e duas mulheres, uma de São Luís e uma de Santa Inês – em reuniões individuais por meio da supracitada plataforma.

O sujeito residente em São Luís se mostrou bastante “esquecido” (palavras do próprio informante) e, portanto, deixou de fornecer alguns dados. O sujeito do município de São José de Ribamar foi o indivíduo menos produtivo no tocante ao fornecimento de dados. A participante de Santa Inês, em um primeiro momento, não esteve muito interessada em participar da pesquisa, mas, após algumas conversas e esclarecimentos, aceitou. Nessa reunião, forneceu todas as informações pessoais solicitadas, contudo, quando se deparou com os slides, desistiu de participar da pesquisa, dizendo: “desculpa! Eu não sei esses sinais... é muito difícil, desculpa.”. A participante residente na capital maranhense, por sua vez, forneceu muitos dados e proporcionou a reunião mais produtiva em relação à quantidade de dados coletados.

Como dito, a pesquisa experimental foi decisiva, pois a partir dela foi possível perceber que os slides contendo apenas termos em Português não eram suficientes para a coleta dos dados pretendidos. Diante disso, refez-se os slides para adicionar imagens, com o objetivo de tornar ainda mais visual o material e facilitar a associação entre termo e referente. Após essa reestruturação, foi realizada outra reunião com um quinto sujeito, também residente na capital São Luís. Dessa vez, com imagens e termos em Português, a reunião foi bem mais produtiva e o sujeito forneceu cerca de 90% dos dados solicitados.

Assim, pode-se dizer que a primeira fase da pesquisa experimental trouxe à tona as limitações dos instrumentos na forma como estavam organizados, sobretudo os slides, e a

---

<sup>22</sup> A decisão por uma pesquisa feita de modo remoto se deu em função da pandemia do COVID-19.

inviabilidade de participação dos sujeitos surdos dos municípios de São José de Ribamar e Santa Inês, o que direcionou à decisão de trabalhar apenas com os sujeitos de São Luís. E, na segunda e última fase, foi possível comprovar a eficácia da ficha do informante e os resultados positivos após a reelaboração dos slides. Face ao exposto, constatou-se que a etapa experimental foi fulcral para o delineamento definitivo da pesquisa, do perfil dos sujeitos, do *locus* e dos instrumentos envolvidos.

### **3.2 Delimitação dos corpora**

Os *corpora* da pesquisa constituem-se da seguinte maneira: *corpus* de análise e *corpus* de referência.

O *corpus* de análise foi constituído de textos sinalizados em Libras, coletados por meio de entrevistas com seis sujeitos surdos sinalizantes de Libras residentes em São Luís - MA.

A coleta dos textos sinalizados ocorreu por meio de seis entrevistas individuais, via Google Meet, norteadas por reálias postas em Power Point. Ressalta-se que todos os entrevistados são da área da eletricidade, com formação de nível médio-técnico ou superior nos cursos de Eletrônica, Eletrotécnica, Eletromecânica e Engenharia Elétrica, sendo alguns egressos (com menos de um ano de conclusão) e outros em processo de formação.

O *corpus* de referência foi formado por *sites* e materiais terminográficos da área da eletricidade que serviram de fonte para a coleta das definições dos termos e sinais-termo. A saber: os sites Mundo da Elétrica e Vida de Silício, o blog Eletrogate, o Glossário do Setor Elétrico do Grupo NeoEnergia, o glossário que aparece na Norma Regulamentadora número 10 (NR-10), e o Glossário de Termo das Eletricidade disponível no site Faz Fácil.

### **3.3 Pesquisa de campo**

Concebe-se que “A Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos.” (LAKATOS, 2003, p. 186), contudo, é pertinente ressaltar que, segundo Trujillo (1982, p. 229), não se trata apenas de uma coleta de dados, é mais que isso, a pesquisa de campo envolve critérios e objetivos preestabelecidos que delineiam todo o trabalho do pesquisador, discriminando exatamente o que deve ser colhido.

A partir dessa perspectiva, almejando atingir os objetivos deste trabalho, a etapa da pesquisa de campo foi crucial para a coleta e, conseqüentemente, para a análise dos dados e construção do produto final: o glossário da eletricidade - semibilíngue Português/Libras.

### 3.3.1 *Locus* da pesquisa

A escolha do *locus* da pesquisa se deu a partir de um levantamento preliminar feito no site oficial do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, no qual se pôde verificar em quais *campi* dessa instituição eram ofertados cursos técnicos e/ou superiores na área da eletricidade. Os resultados da sondagem preliminar elencaram um total de nove localidades, a saber: Alcântara, Açailândia, Codó, Imperatriz, Pedreiras, Santa Inês, São José de Ribamar, São Luís e Timon.

Após identificar as localidades, a segunda etapa consistiu em averiguar, junto a tradutores e intérpretes de Libras de cada *campus* do IFMA, se havia a presença de alunos surdos sinalizantes da Libras matriculados em algum curso na área da eletricidade. Em função da falta de contato, Pedreiras foi o único local onde não se pôde averiguar a presença de surdos na constituição do corpo discente.

Das oito localidades contatadas, quatro não possuem alunos surdos, o que reduziu para quatro o número de unidades do IFMA onde seria possível a realização da pesquisa de campo para atender os objetivos preestabelecidos no trabalho, a saber: São Luís, São José de Ribamar, Santa Inês e Açailândia.

É importante ressaltar que a proposta inicial era desenvolver a pesquisa em todos os *campi* IFMA que ofertassem cursos na área da eletricidade e tivessem alunos surdos matriculados. Entretanto, o contato de Açailândia deixou de dar retornos e, após a etapa experimental da pesquisa, devido às inviabilidades constatadas, decidiu-se trabalhar apenas no *campus* Monte Castelo do IFMA, em São Luís.

Ressalta-se que, embora as adversidades tenham direcionado à escolha do IFMA/Monte Castelo, em São Luís, esse *campus* foi escolhido, também, por ter um número bastante expressivo de alunos surdos na constituição do seu corpo discente, um total de treze (dez em cursos de nível médio-técnico e três em cursos de ensino superior).

Esse *campus*, localizado na Avenida Getúlio Vargas, 4 - Monte Castelo, São Luís - MA, 65030-005, oferece cursos de nível técnico em três formas – integrado, concomitante e subsequente – e cursos superiores em nível de graduação e pós-graduação. Segundo o site oficial do instituto, são disponibilizadas oito opções de cursos de graduação, três de cursos de

pós-graduação *lato sensu*, cinco de pós-graduação *stricto sensu* e doze opções de cursos técnicos.

### 3.4 Critério de seleção dos sujeitos participantes

Para a seleção dos sujeitos participantes da pesquisa foram considerados os seguintes critérios de seleção:

- a. Surdo sinalizante de Libras;
- b. Sexo: homem e mulher;
- c. Escolaridade: médio-técnico ou superior;
- d. Localidade: sujeitos nascidos ou residentes há pelo menos dez anos em São Luís<sup>23</sup>;
- e. Vínculo institucional: matriculados no IFMA ou egressos da instituição há menos de um ano<sup>24</sup>;
- f. Curso no âmbito da eletricidade: técnico em Eletrônica, Eletrotécnica, Eletromecânica ou Eletroeletrônica, e o curso de graduação em Engenharia Elétrica.

A definição desses critérios objetivou uma coleta de dados consistente, portanto, considerou-se que sujeitos surdos sinalizantes de Libras, nascidos ou residentes há pelo menos dez anos em São Luís, profissionais ou estudantes dos cursos técnicos e superior que lidam com a eletricidade, discentes ou egressos, forneceriam os dados requisitados pela pesquisa, ou seja, permitiriam registrar a variedade de termos e de sinais-termo utilizada no âmbito da eletricidade no IFMA/Monte Castelo, em São Luís.

Além disso, esses critérios são observados como possíveis fatores que geram a variação terminológica e por esse motivo são considerados relevantes, como é o caso do nível de surdez, sexo e escolaridade, por exemplo.

---

<sup>23</sup> Considerou-se, neste trabalho, que o tempo de dez anos é suficiente para que os sujeitos vindos de outras localidades tenham se apropriado da variedade linguística local.

<sup>24</sup> Considerou-se que, no prazo de um ano, os sujeitos ainda utilizam as terminologias adquiridas no IFMA/Monte Castelo, sem interferências significativas de materiais ou profissionais que influenciem uma sinalização diferente.

### 3.5 Perfil dos informantes

Com o intuito de atender aos critérios preestabelecidos, foi selecionado um total de seis sujeitos para participar da pesquisa, os quais, por questões éticas, foram identificados<sup>25</sup> como INFH1, INFH2, INFH3, INFH4, INFM1, INFM2.

Para melhor entender essa identificação e conhecer os sujeitos da pesquisa, segue o perfil de cada um:

**INFH1:** homem, 22 anos, nascido e residente em São Luís. Sua surdez é profunda no ouvido direito e severa no ouvido esquerdo, adquirida aos 2 anos por consequência de uma catapora. Seu processo de aquisição da Libras iniciou-se por volta dos 5 ou 6 anos, segundo ele. É estudante do curso técnico em Eletromecânica (em fase de estágio) e graduando do curso de Engenharia Civil.

**INFH2:** homem, 22 anos, nascido em São José de Ribamar e residente em São Luís “desde criança”, segundo ele. Este sujeito possui surdez severa no ouvido direito e profunda no ouvido esquerdo; sua surdez é congênita e o processo de aquisição da Libras iniciou-se aos 13 anos. É estudante do curso técnico em Eletrônica.

**INFH3:** homem, 30 anos, nascido em Lago do Junco, interior do Maranhão, e residente em São Luís desde os 8 anos. Possui surdez profunda do lado esquerdo e severa do lado direito, e seu processo de aquisição da Libras iniciou-se aos 12 anos. É técnico em Eletrotécnica.

**INFH4:** homem, 25 anos, nascido e residente em São Luís. Possui surdez severa do lado direito e profunda do lado esquerdo, sua surdez é congênita, e seu processo de aquisição da Libras iniciou-se aos 10 anos. É técnico em Eletrotécnica e atualmente cursa o 5º período de Licenciatura em Física.

**INFM1:** mulher, 21 anos, nascida e residente em São Luís. Possui surdez congênita profunda, e seu processo de aquisição da Libras iniciou-se aos 6 anos. É estudante do curso técnico em Eletrônica.

**INFM2:** mulher, 25 anos, nascida e residente em São Luís. Possui surdez profunda, é oralizada (teve acompanhamento fonoaudiológico na infância e desenvolveu a fala oral), possui implante coclear e começou a aprender Libras aos 16 anos (segundo ela, o Português foi a primeira língua com a qual teve contato). Possui formação técnica no curso de Eletrônica e atualmente está cursando o 9º período do curso de Engenharia Elétrica. Segundo ela, é a única pessoa surda graduanda do curso de Engenharia Elétrica do Maranhão.

---

<sup>25</sup> Como forma de esclarecimento, onde lê-se INFH1, entende-se: informante homem 1 (número para sequenciar); e onde lê-se INFM1, entende-se: informante mulher 1 (número para sequenciar).

É pertinente evidenciar que a disparidade entre o quantitativo de homens e de mulheres ocorreu, única e exclusivamente, pelo fato de que o IFMA possui apenas duas mulheres surdas matriculadas nos cursos relacionados à eletricidade.

### 3.6 Estratificação do corpus

- a. Total de informantes: 6;
- b. Faixa etária: 21 a 30 anos;
- c. Localidade: 4 nascidos e residentes em São Luís e 2 residentes em São Luís há pelo menos 10 anos;
- d. Curso de formação: Eletrônica - 2; Eletrotécnica - 2; Eletromecânica - 1; Engenharia elétrica - 1;
- e. Nível de escolaridade: médio-técnico - 5, e superior - 1;
- f. Sexo: 4 homens e 2 mulheres.

### 3.7 Critério de seleção dos termos

Para compor o glossário, foram selecionados os termos da eletricidade mais usados na área da eletricidade e compartilhados por profissionais e aspirantes na Eletrônica, Eletrotécnica, Eletromecânica, Eletroeletrônica e Engenharia Elétrica, e, também, os termos que possuem sinais-termo equivalentes confirmados no *corpus* sinalizado, ou seja, foram selecionados os termos mais usados e que possuem sinais-termo equivalentes em Libras.

Inicialmente, foram selecionados 60 termos em Português para o trabalho, contudo, pela ausência de sinais-termo equivalentes para alguns desses, esse quantitativo foi reduzido e chegou-se a um total de 38. Esse total de termos em língua portuguesa resultou em 87 sinais-termo em Libras, considerando os casos de variação.

É oportuno mencionar que, como uma forma de garantir que o glossário da eletricidade - semibilíngue Português/Libras fosse constituído de sinais-termo usados, de fato, pela comunidade de especialistas da eletricidade do IFMA/Monte Castelo, os dados coletados passaram por uma etapa de validação. Essa validação não teve o objetivo de determinar sinal-termo “certo” ou “errado”, mas sim de confirmar a circulação de terminologias em meio aos sinalizantes de Libras da instituição.

Para a validação, foram selecionados quatro sujeitos<sup>26</sup>, dois intérpretes de Libras e dois sujeitos surdos. Os sujeitos participantes da validação foram os **INFH1** e **INFH4**, e duas mulheres intérpretes de Libras, ambas atuantes em diversos cursos técnicos da eletricidade. Cumpre dizer que se considerou pertinente a participação dessas profissionais nesta etapa por se pretender produzir um glossário que tivesse como consultantes-alvo, também, os intérpretes de Libras, por esses profissionais serem atuantes nos contextos técnicos-profissionalizantes e, por conseguinte, possuírem um repertório terminológico para sua atuação.

O resultado da validação evidenciou que nem todos os sinais-termo coletados estão, realmente, em circulação. Foram desconsiderados, desse modo, aqueles que não foram reconhecidos por pelo menos dois dos sujeitos que estavam na validação. Foram poucos os sinais-termo que não foram validados, mas foi uma etapa importante para a garantia de uma maior qualidade ao glossário semibilíngue da eletricidade produzido.

Pelo exposto, e atendendo aos critérios preestabelecidos, os 38 termos resultaram, após a validação, em um total de 82 sinais-termo equivalentes. Segue um quadro contendo as terminologias selecionadas para a pesquisa.

**Quadro 4** – Lista de termos da eletricidade selecionados para a pesquisa

1	Alta tensão	20	Ligação em série
2	Aterramento	21	Potência
3	Baixa tensão	22	Rede Monofásica
4	Bobina	23	Rede Bifásica
5	Carga	24	Diodo
6	Corrente alternada	25	Motor (elétrico)
7	Corrente elétrica	26	Rede Trifásica
8	Circuito aberto	27	Relé elétrico
9	Corrente contínua	28	Rede elétrica
10	Circuito elétrico	29	Tensão elétrica
11	Circuito fechado	30	Arduino
12	Capacitor	31	Resistor
13	Energia	32	Indutor
14	Fase	33	Transformador
15	Neutro	34	Transistor
16	Gerador	35	Watt (W)
17	Eletricidade	36	Ohm ( $\Omega$ )
18	Disjuntor	37	Volt (V)
19	Ligação em paralelo	38	Ampere (A)

Fonte: O autor.

<sup>26</sup> A escolha desses sujeitos se deu, sobretudo, por se considerar importante que os sinalizantes do IFMA/Monte Castelo validassem os usos dos sinais-termo da eletricidade coletados a fim de imprimir mais credibilidade aos dados e garantir um glossário mais funcional.

### 3.8 Instrumentos da pesquisa

Para que a pesquisa ocorresse da melhor e necessária maneira, foram criados e utilizados alguns instrumentos de pesquisa. Cada um deles com uma função específica: apresentar objetivos, informar e respaldar os envolvidos na pesquisa (termo de consentimento livre e esclarecido), coletar dados terminológicos (questionário) e pessoais (ficha do informante), e organizar os dados (ficha terminológica).

#### a) Termo de consentimento livre e esclarecido

Como forma de resguardar o pesquisador e os sujeitos participantes da pesquisa, foi elaborado um termo de consentimento livre e esclarecido contendo todas as informações consideradas pertinentes para esclarecimento prévio da pesquisa junto aos informantes. Assim, foram fornecidas informações tais como o nome do pesquisador, a instituição à qual está vinculado, o nome da orientadora, o título da pesquisa, os objetivos do trabalho, a participação e as contribuições do sujeito, informações que esclareciam que a pesquisa não oferecia nenhum ônus, prejuízos ou ganhos financeiros, que a identidade do informante seria preservada e que o mesmo poderia desistir de participar sem nenhum prejuízo ou coação (vide Apêndice A).

Ressalta-se, por fim, que esse documento foi traduzido para a Libras, como forma de garantir o melhor entendimento pelos sujeitos. Abaixo, segue um *print* da tela do computador do momento da exibição do vídeo sinalizado do termo.

**Imagem 1.** Termo de livre participação traduzido em Libras



Fonte: O autor.

b) **Ficha do Informante**

A ficha do informante (vide Apêndice B) é um instrumento que foi elaborado com o objetivo de coletar e organizar as informações mais necessárias para a pesquisa sobre os sujeitos participantes. Assim, os espaços foram pensados para coletar informações relevantes para a pesquisa e que tivessem relação com os objetivos traçados.

**Figura 11.** Ficha do informante preenchida

<b>FICHA DO INFORMANTE</b>	
NUMERO DA FICHA: 1	DATA DE PREENCHIMENTO: 07/12/2021
1. NOME COMPLETO: XXXXXXXX XXXXXXXXX XXXXXXXX XXXXXXX	
2. IDADE: 30	3. SEXO: (x) MASCULINO ( ) FEMININO
4. LOCALIDADE E NATURALIDADE: São Luís / Lago do Junco	5. NIVEL DE SURDEZ: Ouvido esquerdo: profundo Ouvido direito: severo
6. CAUSA DA SURDEZ:	
7. NASCEU SURDO(A)? CASO NÃO, COM QUANTOS ANOS FICOU SURDO(A)?  Não. Ficou surdo aos 6 anos.	
8. QUANTOS ANOS APRENDEU LIBRAS?  12 anos	
10. PROFISSÃO: desempregado	11. ESCOLARIDADE: Ensino médio completo
12. CURSO DE FORMAÇÃO:  Técnico em Eletrotécnica	13. EM CASO DE CURSO EM ANDAMENTO, QUAL O PERIODO?
14. OBSERVAÇÕES:	

Fonte: O autor.

c) **Ficha terminológica**

Segundo Faulstich (1990, p. 211), “a ficha terminológica pode ser comparada à certidão de nascimento do termo”. Essa ficha (vide Apêndice C) serviu para o registro organizado das

informações referentes aos termos e sinais-termo. O modelo de ficha adotado neste trabalho é uma adaptação do modelo bilíngue de Prometi (2013) para um modelo semibilíngue, considerando que o material semibilíngue “contém entradas e definições em uma língua e equivalentes em outra língua” (HARTMANN; JAMES, 1998, p. 124 apud DURAN; XATARA, 2005, p. 49). Assim, a ficha elaborada para esta pesquisa possui entradas e definições em língua portuguesa e as equivalências em Libras.

Para esclarecer as adaptações feitas no modelo de ficha terminológica de Prometi (2013), mostra-se, a seguir, o modelo proposto por essa autora, o qual, por sua vez, “teve como base o modelo proposto por Faulstich (1990)” (PROMETI, 2013, p. 50):

**Figura 12.** Modelo de ficha terminológica bilíngue proposto por Prometi (2013)

<b>FICHA TERMINOLÓGICA DE GLOSSÁRIO BILÍNGUE DA MÚSICA PORTUGUÊS-LIBRAS E LIBRAS-PORTUGUÊS</b>											
<b>Número da ficha: 39</b>											
<b>PORTUGUÊS – LIBRAS</b>											
ent.	Pentagrama										
var.	Pauta										
cat.	s.										
gên.	m.										
def.	Um conjunto de 5 linhas e 4 espaços onde são escritas as notas musicais.										
Fonte def.	DGM, 1994										
cont.	No pentagrama tem 7 notas musicais.										
<b>LIBRAS - PORTUGUES</b>											
ent.											
var.	--										
cat.	n.										
gên.	--										
def.	CONJUTO 5 LINHAS 4 ESPAÇO ONDE TER NOME NOTA MUSICAIS.										
cont.	7 NOTAS MUSICA PENTAGRAMA TER.										
imagem	<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="width: 50%;">5ª linha _____</td> <td style="width: 50%;">4º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>4ª linha _____</td> <td>3º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>3ª linha _____</td> <td>2º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>2ª linha _____</td> <td>1º espaço _____</td> </tr> <tr> <td>1ª linha _____</td> <td></td> </tr> </table>	5ª linha _____	4º espaço _____	4ª linha _____	3º espaço _____	3ª linha _____	2º espaço _____	2ª linha _____	1º espaço _____	1ª linha _____	
5ª linha _____	4º espaço _____										
4ª linha _____	3º espaço _____										
3ª linha _____	2º espaço _____										
2ª linha _____	1º espaço _____										
1ª linha _____											
Fonte imagem	TM (1996)										

Fonte: Prometi (2013, p. 51).

Nota-se que, como um modelo bilíngue, Prometi (2013) propôs um modelo de ficha dividida em duas partes: Português – Libras e Libras – Português. Cada parte da ficha possui uma entrada diferente e espaços para as informações pertinentes ao trabalho desenvolvido por essa autora. Para esta pesquisa, foram feitas algumas adaptações para adequar à proposta de glossário semibilíngue. As mudanças são: apenas uma entrada (em Português), definições e outras informações em Português, e espaço para o(s) sinal-termo / sinais-termo equivalente(s), conforme segue a figura 13.

**Figura 13.** Ficha terminológica semibilíngue adaptada do modelo bilíngue de Prometi (2013)

FICHA TERMINOLÓGICA			
1. NÚMERO DA FICHA: 1	2. TERMO DE ENTRADA: Alta Tensão		
3. DEFINIÇÃO: Tensão superior a 1000 volts em corrente alternada ou 1500 volts em corrente contínua, entre fases ou entre fase e terra.			
4. FONTE DA DEFINIÇÃO: NR-10.			
5. SINAL-TERMO EQUIVALENTE:	6. DESCRIÇÃO DOS PARAMETROS		
	CM:	64; 19	
	M:	Angular unidirecional para cima.	
	PA:	Lateral do dedo mínimo.	
	OR:	Mão ativa: para frente; Mão passiva: para trás.	
	ENM:	Sem expressão	
SINAL-TERMO EQUIVALENTE (2):	DESCRIÇÃO DOS PARAMETROS		
	CM:	41; 43	64; 19
	M:	Abertura dos dedos	Retilineo unidirecional para o lado.
	PA:	Espaço frente ao corpo.	Dedo mínimo.
	OR:	Para frente.	Mão ativa: para frente; mão passiva: para trás.
	ENM:	Sem expressão.	
OBSERVAÇÕES:			

Fonte: O autor.

Vale salientar que o glossário semibilíngue produzido a partir deste estudo, conforme já citado, possui entradas em Português e equivalências em Libras, ou seja, a relação de equivalência é estabelecida entre o termo em Português e o sinal-termo em Libras. Ressalta-se,

também, que nos casos de em que há variação terminológica, há mais de um campo destinado ao sinal-termo equivalente. Abaixo, seguem todos os campos contidos na ficha:

- i. Número da ficha: identificação da ficha preenchida para cada termo / sinal-termo;
- ii. Termo-entrada: unidade lexical especializada em língua portuguesa;
- iii. Definição: definição em língua portuguesa retiradas de sites e materiais terminográficos já existentes na área da eletricidade;
- iv. Fonte da definição: indicação da fonte de coleta da definição;
- v. Sinal-termo equivalente: unidade lexical especializada em Libras;
- vi. Sinal-termo equivalente (2)<sup>27</sup>: sinal-termo variante<sup>28</sup> em Libras;
- vii. Descrição dos parâmetros: considerando o caráter visual-espacial tridimensional da Libras e, portanto, objetivando uma melhor compreensão do sinal-termo, optou-se pela descrição das unidades mínimas que constituem cada denominação em Libras. Para tanto, foram reservados cinco espaços: CM – Configuração de mão, PA – Ponto de articulação, M – Movimento, OR – Orientação, e ENM – Expressões não-manuais;
- viii. Observações: espaço dedicado às observações consideradas pertinentes pelo pesquisador. Neste espaço, podiam ser adicionadas informações complementares a algum tópico, esclarecimentos, dúvidas, registro de informações relevantes para as quais não havia um outro espaço específico.

#### d) Questionário

Face às dificuldades constatadas na fase da pesquisa experimental e considerando a visualidade da pessoa surda, optou-se, metodologicamente, por utilizar um questionário aberto (vide Apêndice D) guiado por imagens como instrumento de coleta de dados. Desse modo, foram utilizados slides em Power Point contendo imagens e termos em Português, que serviram de instrumento facilitador para a recolha dos dados. Segue um exemplo.

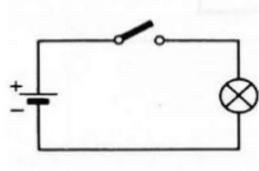
---

<sup>27</sup> Oportunamente, ressalta-se que essa numeração “(2)” aparece em casos em que há mais de um sinal-termo equivalente. Além disso, em algumas fichas, essa numeração continua (“sinal-termo equivalente (3)”, “sinal-termo equivalente (4)” etc.) para os casos em que há mais de dois sinais-termo.

<sup>28</sup> O critério para definir os sinais-termo variantes foi a frequência de uso. O sinal-termo mais usado foi considerado a primeira equivalência, assim, os sinais-termo aparecem do mais frequente para o menos frequente.

**Imagem 2.** Exemplo de slide para a coleta do sinal-termo *Circuito aberto*

# Circuito aberto



Fonte: O autor.

Ao passo que eram apresentados os slides, o pesquisador fazia perguntas como: “conhece o item da imagem?”, “conhece outro sinal-termo para esse item?”, “sinaliza para mim o que você vê na imagem.”. À medida que os entrevistados iam respondendo, passava-se para uma outra lâmina de slide.

### 3.9 Aplicação dos instrumentos

A realização da pesquisa ocorreu em reuniões individuais, via chamada de vídeo na plataforma Google Meet, mediante uso do termo de consentimento livre e esclarecido, da ficha do informante e do questionário guiado pelos slides com as imagens.

Primeiramente, era feita a apresentação do pesquisador e repassadas aos sujeitos participantes algumas informações preliminares. Logo em seguida, era apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido para que as principais informações referentes à pesquisa, como seus objetivos, participantes, instituição vinculada, orientadora, fossem devidamente esclarecidas. Após essa exposição, para que se desse início à pesquisa, solicitava-se a autorização dos sujeitos para que a entrevista fosse gravada e foi reforçado que suas identidades seriam preservadas.

Após esse momento inicial, para deixar os informantes mais à vontade, o pesquisador procedia ao preenchimento da ficha do informante com dados pessoais dos participantes.

Em um terceiro momento, eram apresentados os slides compostos pelas imagens e aplicado o questionário para que os sujeitos fornecessem os dados. Quando o informante não

conseguia fornecer as informações esperadas, iniciava-se uma conversa direcionada pelo pesquisador a fim de recolher o sinal-termo almejado.

**Quadro 5.** Recorte de uma entrevista para a coleta do sinal-termo *Bobina*

**Pesquisador:** Você conhece o objeto dessa imagem?

**Informante:** Conheço, é uma bobina (apresenta o sinal-termo).

**Pesquisador:** Você conhece outro sinal-termo para esse item?

**Informante:** Não!

(INFM2)

Fonte: O autor.

**Quadro 6.** Recorte de uma entrevista para a coleta do sinal-termo *Volt*

**Pesquisador:** E o item dessa imagem, você conhece?

**Informante:** Não sei... não conheço essa palavra. É igual o sinal de “volta”?

**Pesquisador:** Você não conhece essa palavra?

**Informante:** Não!

**Pesquisador:** Entendi... então sinaliza o que aparece escrito na bateria.

**Informante:** Bateria de 3 volt (nesse momento foi executado o sinal-termo).

**Pesquisador:** Legal! Você conhece outro sinal-termo para “volt”?

**Informante:** Não!

(INFH2)

Fonte: O autor.

Por fim, após recolha dos dados, o pesquisador agradecia a participação dos sujeitos participantes, explicitava a relevância da sua participação e contribuição para o desenvolvimento do trabalho, reforçava mais uma vez a importância do trabalho para a comunidade surda e para o povo surdo<sup>29</sup> e finalizava a chamada.

<sup>29</sup> É pertinente evidenciar a distinção entre comunidade surda e povo surdo. Segundo Strobel (2009, p. 6), o povo surdo são os sujeitos surdos que compartilham costumes, tradições e particularidades construídas a partir de suas experiências visuais. Por outro lado, a comunidade surda não compreende apenas as pessoas surdas, mas também pessoas ouvintes. Assim, Strobel (2009) diz que a família, os intérpretes, os professores, os amigos e outros que participam de associação de surdos, federações de surdos, igrejas e outros, também constituem essa comunidade.

### 3.10 Organização do glossário semibilíngue

O produto desta pesquisa é um glossário da eletricidade – semibilíngue Português/Libras. Trata-se de um material terminográfico que, ainda que apresente duas línguas, não se configura como bilíngue, ou seja, não apresenta unidades terminográficas em duas línguas, mas sim, entradas e definições em língua portuguesa e equivalências em Libras. É pertinente reforçar que a relação entre os termos e os sinais-termo é de equivalência, porém, na Libras, foram consideradas também as variantes denominativas. Desse modo, o glossário apresenta alguns termos que possuem mais de um sinal-termo equivalente.

Esse glossário destina-se, principalmente, às pessoas surdas sinalizantes de Libras que são especialistas ou iniciantes no contexto da eletricidade, mas, também, aos tradutores e intérpretes de Libras. Trata-se de uma obra cujo objetivo, portanto, é servir de instrumento de auxílio profissional. Para os tradutores e intérpretes de Libras, servirá como uma fonte para ampliar seu repertório terminológico e contribuir para sua atuação em contexto técnico-especializado, como conferências, aulas em cursos técnicos e de ensino superior, e tradução de textos acadêmicos no âmbito da eletricidade. Para os surdos, esse material servirá como instrumento de consulta e investigação de definições, para apropriação dos sinais-termo da eletricidade e para a associação entre sinal-termo e termo em língua portuguesa em sua modalidade escrita.

#### 3.10.1 Organização interna do glossário

A organização interna do glossário refere-se à estruturação dessa obra, isto é, às partes constituintes do glossário, aos elementos constituintes da macro e da microestrutura.

##### 3.10.1.1 *Macroestrutura*

A macroestrutura do glossário diz respeito à organização interna da obra, à estruturação do repertório, isto é, a macroestrutura do glossário está relacionada à disposição das informações em verbetes. (BARROS, 2004, p. 151).

Diante dos esclarecimentos, adotou-se neste trabalho, com base em Faulstich (1990, p. 213), uma organização das entradas em consonância com a “lexicografia tradicional, que organiza seus dicionários seguindo o abecedário” (FAULSTICH, 1990, p. 213). Assim, as

entradas do glossário estão organizadas em ordem alfabética, sem agrupamento por campo semântico. Entende-se, aqui, que essa forma de organização facilita a busca do consulente leigo ou semileigo, pois segue a sequência alfabética.

### 3.10.1.2 *Microestrutura*

A microestrutura do verbete, segundo Barros (2004, p. 156), refere-se às informações sobre o termo-entrada contidas no verbete e à sua organização, ou seja, trata-se da forma como estão organizados os dados do verbete, da quantidade de informações, dos tipos de informação e da forma como elas aparecerão no material.

No tocante à microestrutura do glossário, optou-se por adotar dois modelos distintos de verbetes: o primeiro contém entrada em Português, sinal-termo equivalente, ilustração, fonte da ilustração, definição, nota (em alguns casos), fontes da definição, fonte da nota e um QRcode. Para uma melhor compreensão, segue o modelo adotado:

**Figura 14.** Modelo de organização do verbete



Fonte: O autor.

Esclarecendo cada elemento constituinte desse primeiro modelo de verbete, tem-se:

- a) Entrada<sup>30</sup>: termo-entrada em língua portuguesa.

<sup>30</sup> Em alguns casos, há mais de uma entrada para o mesmo termo, em função de possuir mais de uma equivalência em Libras. Nesses casos, há uma numeração, a partir da segunda entrada, para identificar que se trata do mesmo termo. Por oportuno, ressalta-se que não se tratam de casos de variação terminológica em português, a opção por mais de uma entrada foi apenas para uma melhor organização do termo e sinal-termo no verbetes.

b) Sinal-termo equivalente: unidade terminológica em Libras equivalente ao termo em Português, representada pela imagem fotografada do autor. Cada sinal-termo equivalente aparece em um verbete com entrada individual.

c) Definição<sup>31</sup>: o conteúdo do termo no contexto da eletricidade, a definição para a terminologia. Reitera-se que as definições apresentadas no glossário da eletricidade - semibilíngue foram retiradas de diferentes materiais e sites preexistentes na área da eletricidade. Desse modo, ao final das definições aparece, entre parênteses, uma sigla que identifica o material ou site fonte. Ressalta-se, também, que alguns ajustes foram feitos no texto das definições para garantir uma configuração padrão para o glossário. A exemplo das alterações, tem-se:

**Quadro 7.** Exemplo de ajustes feitos na definição

<p><b>Aterramento</b></p> <p>1. Definição presente no site fonte: “É o ato de se conectar intencionalmente um circuito elétrico de baixa impedância com a terra, em caráter permanente ou temporário. Este ato possui função protetora contra choques elétricos.”</p> <p>2. Definição após ajustes: “Conexão intencional de um circuito elétrico de baixa impedância com a terra, em caráter permanente ou temporário. (GFF).”</p>
--

Fonte: O autor

Todas as definições, após ajustes, foram revisadas e validadas por um profissional engenheiro eletricista. Essa etapa de validação foi considerada importante para garantir a precisão das definições no contexto da eletricidade e imprimir mais qualidade e credibilidade ao glossário semibilíngue da eletricidade.

d) Fonte da definição: aparece em forma de sigla, entre parênteses, ao final da definição, a saber: GGF para Glossário Faz Fácil, glossário on-line; GNE para Glossário NeoEnergia, um glossário elaborado pelo Grupo NeoEnergia; NR-10 para um glossário que aparece na Norma Regulamentadora nº 10; MDE para o site Mundo da Elétrica; VDS para o site Vida de Silício; e BEG para o blog Eletrogate.

e) Ilustração: representação do referente. Por oportuno, evidencia-se que cada entrada possui uma ilustração diferente, como uma forma de evitar repetições e de apresentar ao

<sup>31</sup> Cumpre dizer que o critério de seleção da definição de uma das fontes consultadas foi a clareza e a objetividade do texto. Em alguns casos, os glossários fonte apresentaram a mesma definição.

consultante algumas formas diferentes do mesmo referente. Salienta-se, também, que em alguns casos, por se tratar de referentes abstratos, não foi possível adicionar a ilustração.

f) Fonte da ilustração: apresenta a fonte de onde foi retirada a ilustração.

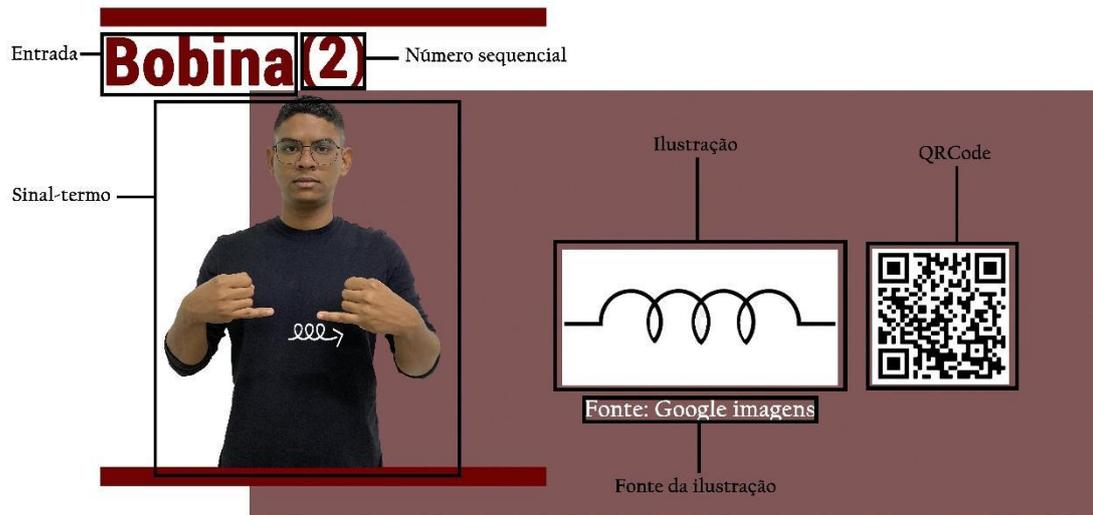
g) Nota (em alguns casos): em alguns casos, aparecem notas enciclopédicas, com informações adicionais, complementares ou que esclarecem informações sobre o termo. É pertinente ressaltar que algumas notas tiveram a mesma fonte da definição, outras não. Vale mencionar, também, que algumas notas foram constituídas a partir de um desmembramento da definição, ou seja, em alguns casos, o glossário apresenta como definição informações que foram entendidas, aqui, como notas e, portanto, aparecem como tal; e em outros casos, em que o glossário fonte já apresenta a nota, ela foi apenas transplantada para o glossário semibilíngue da eletricidade.

h) Fonte da nota: apresenta a fonte de onde a nota foi retirada.

i) QRcode: considerando a tridimensionalidade da Libras, o caráter visual dos movimentos, por vezes difíceis de serem compreendidos por uma foto, optou-se por adotar o uso dessa tecnologia para uma melhor visualização do sinal-termo. Desse modo, ao apontar a câmera do celular para o QRcode do verbete, o consultante será direcionado a um canal no Youtube, criado especificamente para o glossário da eletricidade - semibilíngue, onde terá um vídeo sinalizando o sinal-termo. É importante reforçar que os vídeos não possuem definições sinalizadas. Por se tratar de um glossário semibilíngue, consta no vídeo apenas a execução do sinal-termo.

O segundo modelo de verbete destina-se aos sinais-termo variantes. Como já mencionado, cada variante em Libras aparece em um verbete individual com uma entrada isolada. Assim, para evitar repetições, foram subtraídas do verbete a definição e a fonte da definição, e adicionado uma numeração de sequência para diferenciar as entradas. Segue o segundo modelo de verbete:

**Figura 15.** Modelo de verbete de variante denominativa em Libras



Fonte: O autor.

Nesse modelo de verbete, considera-se importante mencionar que o número que aparece logo após o termo-entrada, como forma de sequenciar os sinais-termo, não é aleatório. Na verdade, essa numeração, além de demarcar as entradas, sinaliza a frequência de uso desses sinais-termo. Desse modo, os sinais-termo aparecem do mais frequente para o menos frequente.

#### 4 GLOSSÁRIO DA ELETRICIDADE - SEMIBILÍNGUE PORTUGUÊS/LIBRAS

A partir daqui, apresenta-se o produto final desta pesquisa, o glossário da eletricidade - semibilíngue Português/Libras.

Como já mencionado, em seções anteriores, este glossário destina-se principalmente aos tradutores e intérpretes de Libras, surdos e ouvintes sinalizantes de Libras que se interessam, atuam, estudam ou estão de alguma forma relacionados ao contexto da eletricidade.

Este glossário é formado pelos sinais-termo da eletricidade utilizados nas interações especializadas dos sujeitos surdos sinalizantes de Libras, alunos e ex-alunos, do Instituto Federal do Maranhão – IFMA, *campus* Monte Castelo, em São Luís, Maranhão.

Ressalta-se que nenhum dos dados constituintes deste material foi criado pelo pesquisador, todos foram coletados junto aos sujeitos surdos e, posteriormente, validados por surdos e intérpretes de Libras da instituição que serviu de campo da pesquisa.

Este material apresenta um recorte do repertório terminológico dos aspirantes a eletricitistas surdos do IFMA/Monte Castelo. Trata-se de um recorte, pois o léxico de uma língua é gigantesco, incontável e está em constante ampliação e mudança. Nesse sentido, a pretensão de catalogar todo o léxico especializado é fadada ao fracasso.

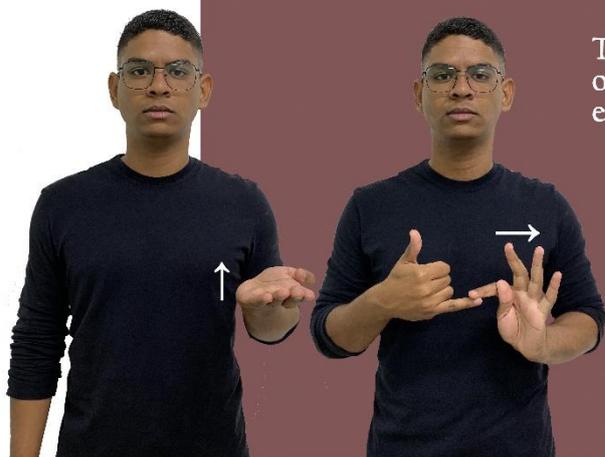
Espera-se que este material, contribua para a interação especializada da comunidade surda no contexto da eletricidade, para a atuação dos tradutores e intérpretes de Libras, para a educação inclusiva de surdos em contextos profissionalizantes, para a educação bilíngue (Português/Libras) do povo surdo, e que sirva de suporte para a aquisição e aumento do repertório terminológico desse público.

Por oportuno, vale reforçar que este glossário: i) encontra-se organizado em ordem alfabética; ii) alguns termos possuem mais de um sinal-termo equivalente, portanto, há uma numeração que indica a sequência dos termos com base na frequência de uso; iii) basta apontar a câmera do celular para o QRcode que aparece no verbete para conseguir visualizar a execução do sinal-termo em Libras.

# A



## Alta tensão



Tensão superior a 1000 volts em corrente alternada ou 1500 volts em corrente contínua, entre fases ou entre fase e terra. (NR-10).



Fonte: Google imagens

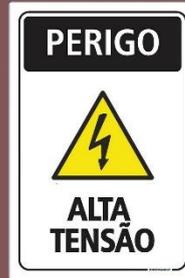
## Alta tensão (2)



Fonte: Google imagens

# A

## Alta tensão (3)



Fonte: Google imagens

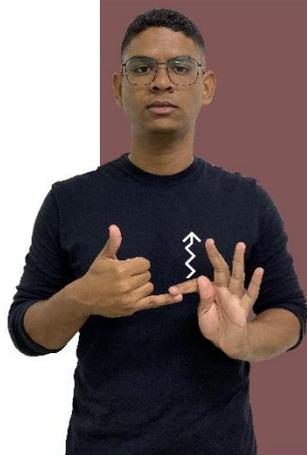
## Alta tensão (4)



Fonte: Google imagens

# A

## Alta tensão (5)



Fonte: Google imagens



## Ampere



Unidade de medida da quantidade de corrente elétrica que passa por um condutor. (GFF) Nota: Cada disjuntor dentro do quadro de distribuição tem a amperagem identificada, que corresponde à quantidade de energia do circuito a que ele serve. (GFF).



Fonte: Google imagens



# A

## Ampere (2)



Fonte: Google imagens

## Arduino



Plataforma de desenvolvimento de projetos eletrônicos, constituída de hardware e de software. (BEG). Nota: É uma plataforma formada por dois componentes: A placa, que é o Hardware usado para construir os projetos e a IDE Arduino, que é o Software onde escreve-se os comando a serem executados pela placa. (VDS).



Fonte: Google imagens

# A

## Aterramento



Conexão intencional de um circuito elétrico de baixa impedância com a terra, em caráter permanente ou temporário. (GFF) Nota: Este ato possui função protetora contra choques elétricos. (GFF).



Fonte: Google imagens

## Aterramento (2)



Fonte: Google imagens

# B

## Baixa tensão



Tensão superior a 50 volts em corrente alternada ou 120 volts em corrente contínua e igual ou inferior a 1000 volts em corrente alternada ou 1500 volts em corrente contínua, entre fases ou entre fase e terra. (NR-10).



Fonte: Google imagens

## Baixa tensão (2)



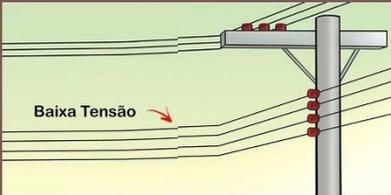
Fonte: Google imagens

# B

## Baixa tensão (3)



Two men in dark blue shirts are demonstrating sign language. The man on the right is using a hand sign that involves the thumb, index, and middle fingers, with a white arrow pointing to the right above his hand.

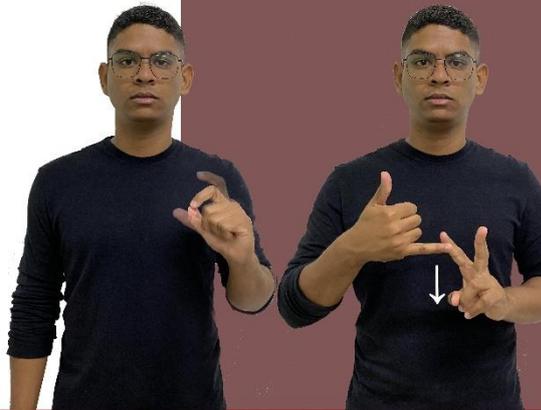


A diagram showing a power line with the text "Baixa Tensão" and a red arrow pointing to the line.



Fonte: Google imagens

## Baixa tensão (4)



Two men in dark blue shirts are demonstrating sign language. The man on the right is using a hand sign that involves the thumb, index, and middle fingers, with a white arrow pointing downwards below his hand.



A photograph of an electrical panel with various wires and components.



Fonte: Google imagens

# B

## Baixa tensão (5)



Fonte: Google imagens

## Bobina



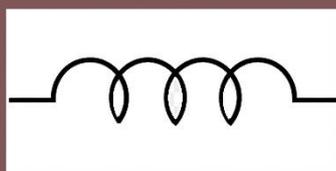
Peça formada por um conjunto contínuo de espiras em série, geralmente coaxiais. (GNE). Nota: Na técnica dos enrolamentos de equipamentos elétricos, é denominada bobina uma peça constituída por determinado número de espiras em série, isoladas entre si e geralmente envolvidas por isolamento sobre o conjunto. (GFF).



Fonte: Google imagens

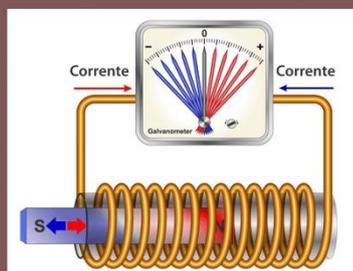
# B

## Bobina(2)



Fonte: Google imagens

## Bobina(3)



Fonte: Google imagens

# C



## Capacitor



Dispositivo elétrico utilizado para introduzir capacitância num circuito. (GFF). Nota: Este dispositivo permite corrigir o fator de potência. Como consequência teremos uma maior eficiência energética, devido ao melhor aproveitamento de carga da rede elétrica. Na iluminação os capacitores usados são os de partida. (GFF).

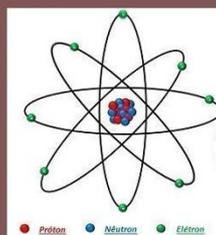


Fonte: Google imagens

## Carga



Conceito físico que determina quais são as interações eletromagnéticas dos corpos eletrizados. (MDE). Nota: De acordo com o atrito entre os corpos acontece o fenômeno conhecido como “eletrização”. Nessa situação, todos os corpos possuem a propriedade de se repelirem ou se atraírem. (MDE).

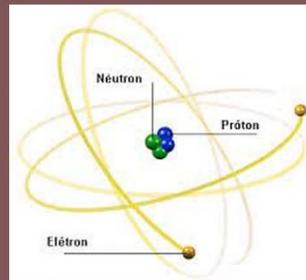
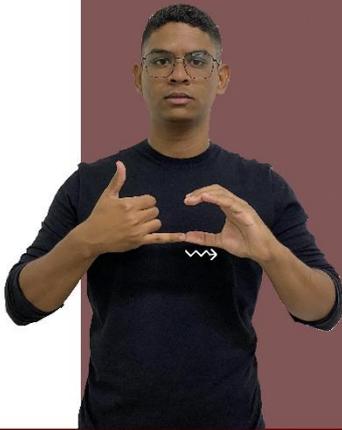


Fonte: Google imagens

# C



## Carga (2)

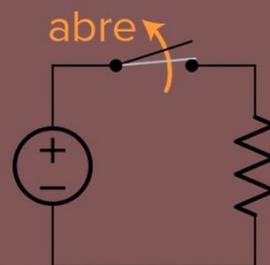


Fonte: Google imagens

## Circuito aberto

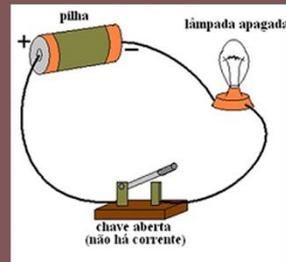


Circuito no qual o trajeto para a corrente foi interrompido. (GNE).



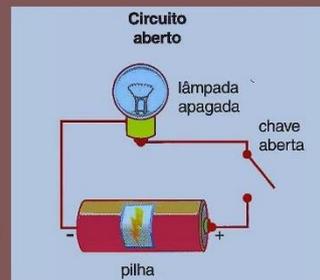
Fonte: Google imagens

## Circuito aberto (2)



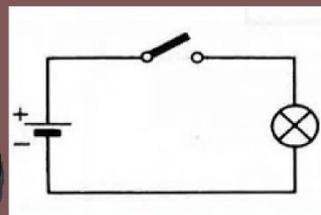
Fonte: Google imagens

## Circuito aberto (3)



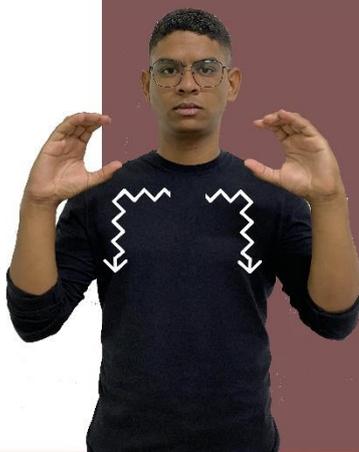
Fonte: Google imagens

## Circuito aberto (4)

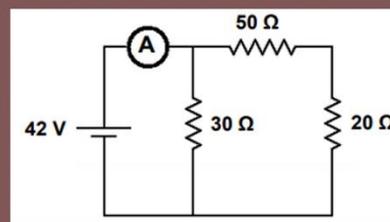


Fonte: Google imagens

## Circuito elétrico



Conjunto de corpos ou de meios no qual pode haver corrente. (GNE).

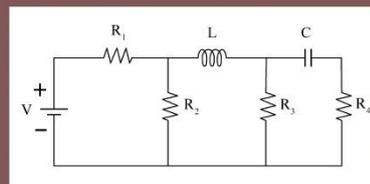


Fonte: Google imagens

# C

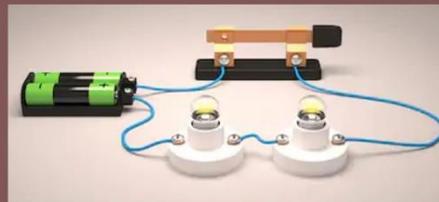


## Circuito elétrico(2)



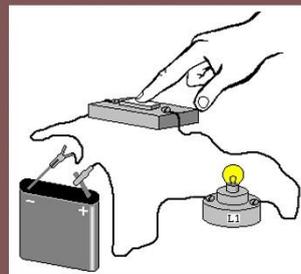
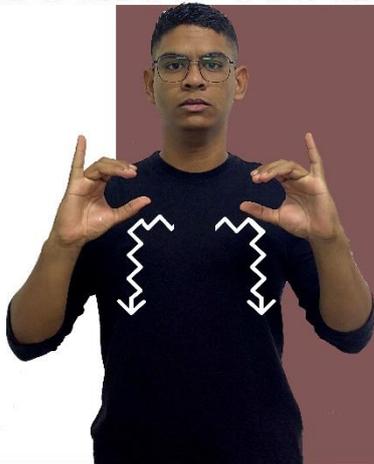
Fonte: Google imagens

## Circuito elétrico(3)



Fonte: Google imagens

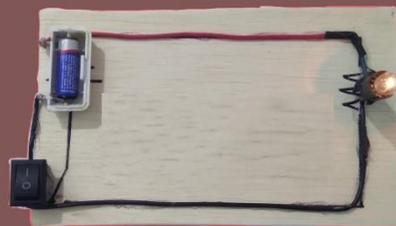
## Circuito elétrico(4)



Fonte: Google imagens



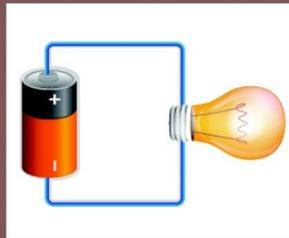
## Circuito elétrico(5)



Fonte: Google imagens



## Circuito elétrico(6)

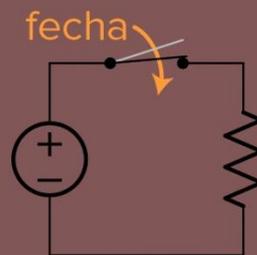


Fonte: Google imagens

## Circuito fechado

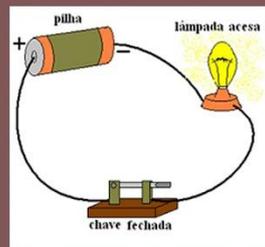


Circuito que apresenta um trajeto ininterrupto para a corrente. (GNE).



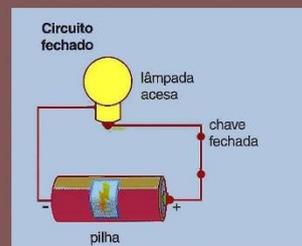
Fonte: Google imagens

## Circuito fechado(2)



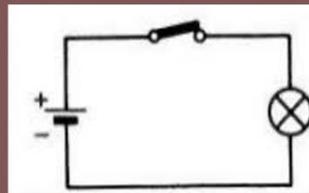
Fonte: Google imagens

## Circuito fechado(3)



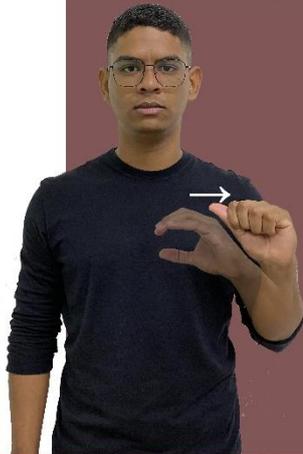
Fonte: Google imagens

## Circuito fechado(4)

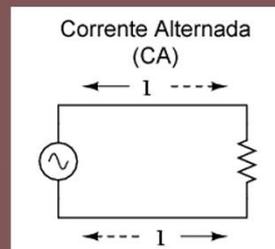


Fonte: Google imagens

## Corrente alternada



Corrente periódica cujo valor médio é igual a zero. (GNE). Nota: Não havendo indicação em contrário, subentende-se valor eficaz e variação senoidal da corrente. (GNE).

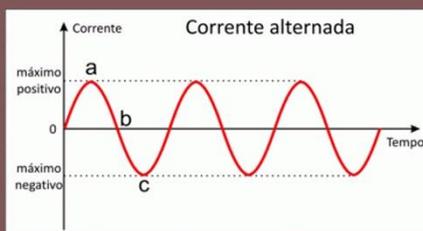
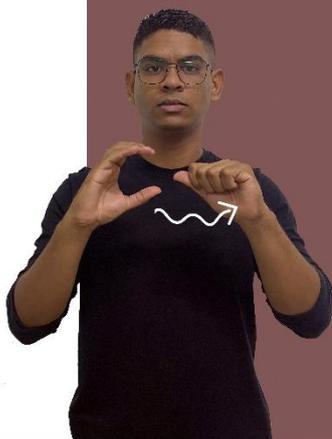


Fonte: Google imagens

# C



## Corrente alternada (2)

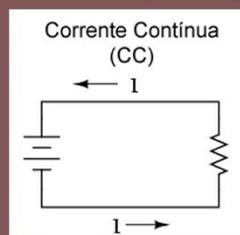


Fonte: Google imagens

## Corrente contínua



Corrente cujo valor é independente do tempo. (GNE). Nota: Não provoca oscilações de polaridades. Por definição é uma corrente em que o componente essencial é a continuidade. Encontrada em circuitos com baterias, pilhas e acumuladores de energia em geral. (GFF).



Fonte: Google imagens



## Corrente elétrica



Grandeza escalar igual ao fluxo do vetor densidade de corrente (de condução), através da superfície considerada. (GNE). Nota: Unidade de medida: Ampere. (GFF).

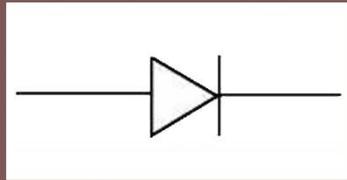


# D

## Diodo

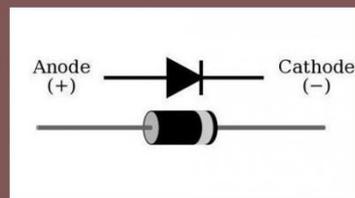


Componente eletrônico que permite a passagem da corrente elétrica somente em um sentido. (MDE).



Fonte: Google imagens

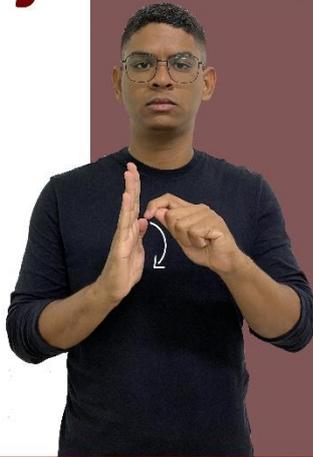
## Diodo (2)



Fonte: Google imagens

# D

## Disjuntor



Dispositivo de manobra (mecânico) e de proteção capaz de estabelecer, conduzir e interromper correntes em condições normais do circuito, bem como estabelecer, conduzir por tempo especificado e interromper correntes em condições anormais especificadas do circuito tais como as de curto-circuito. (GNE).



Fonte: Google imagens

## Disjuntor (2)



Fonte: Google imagens

# E

## Eletricidade



Manifestação de uma forma de energia associada a cargas elétricas, estáticas ou dinâmicas. (GFF).  
Nota: Seus principais agentes são os elétrons dos átomos e os materiais condutores. Por esse motivo, os melhores condutores são aqueles com instabilidade de elétrons. (GFF).



Fonte: Google imagens

## Energia



Grandeza escalar que caracteriza a aptidão de um sistema físico para realizar trabalho. (GFF).





---

## Energia (2)



# F



## Fase

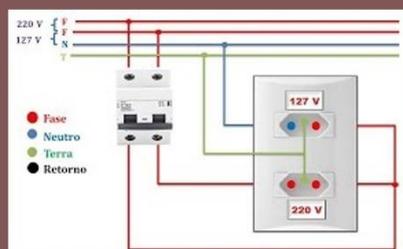


Termo genérico que se refere tanto a uma tensão de fase como a um condutor fase. (GFF). Nota: Em corrente alternada, é equivocado dizer polo positivo ou negativo, pois existe uma frequência de variação de polaridade de 60 Hz, ou 60 variações por segundo. Somente é válido mencionar a polaridade da fase elétrica em circuitos de corrente contínua.



Fonte: Google imagens

## Fase (2)



Fonte: Google imagens

# G

## Gerador



Máquina que converte energia mecânica, solar ou química em energia elétrica, segundo parâmetros pré-estabelecidos. (GFF).



Fonte: Google imagens



# Indutor



Dispositivo elétrico passivo, capaz de armazenar energia criada em um campo magnético formado por uma corrente alternada (CA). (MDE). Nota: Indutores são usados para impedir variações de corrente elétrica, para formar um transformador e também em filtros que excluem sinais em alta frequência, os filtros do tipo passa-baixa. (MDE).

SIMBOLO	FOTO
	



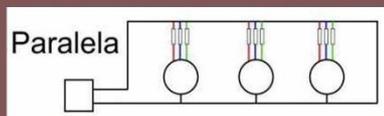
Fonte: Google imagens



## Ligação em paralelo



Ligação de dispositivos de modo que todos eles sejam submetidos à mesma tensão. (GFF).

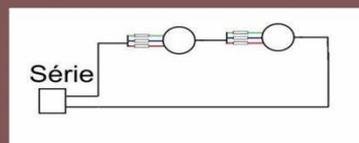


Fonte: Google imagens

## Ligação em série



Ligação de dispositivos de modo que todos eles sejam percorridos pela mesma corrente. (GFF).

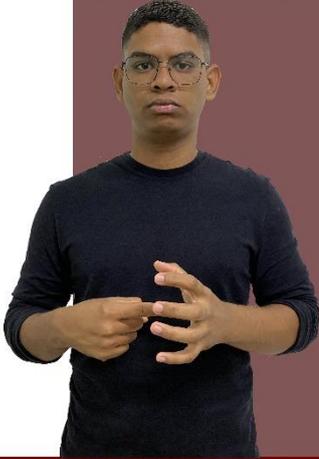


Fonte: Google imagens

# M



## Motor elétrico



Máquina elétrica que transforma energia elétrica em energia mecânica. (MDE). Nota: São muitos os tipos de motores elétricos, e é possível separá-los basicamente em três grandes grupos que são os motores de corrente contínua, motores de corrente alternada e os motores universais. Para cada um desses tipos de motores citados existem outras separações de motores como os motores de corrente alternada, que podem ser motores síncronos ou motores assíncronos. (MDE).



Fonte: Google imagens

# N



## Neutro



Termo genérico que se refere tanto ao ponto neutro como ao condutor neutro. (GFF). Nota: Algumas instalações não possuem neutro (ligação delta). Por exemplo, ligações fase à fase. (GFF).



Fonte: Google imagens

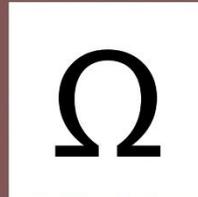
# O



## Ohm

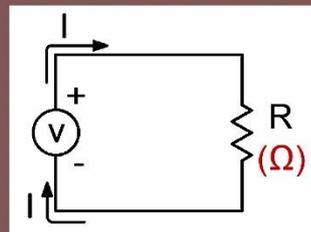


Unidade de medida de resistência elétrica. (GFF).  
Nota: É a resistência de um elemento passivo de um circuito no qual circula uma corrente elétrica invariável de 1 ampère quando existe uma diferença de potencial de 1 Volt entre seus terminais. (GFF).



Fonte: Google imagens

## Ohm (2)

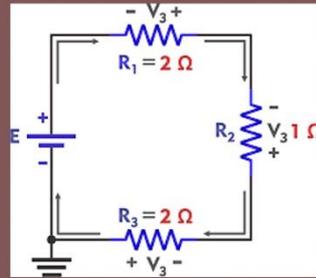


Fonte: Google imagens

# O



## Ohm (3)



Fonte: Google imagens

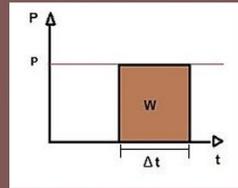
# P



## Potência

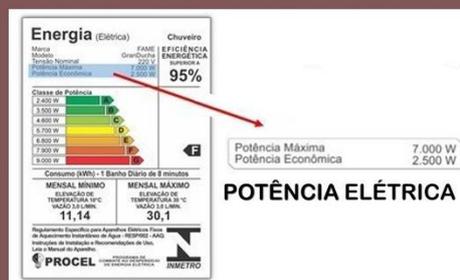


Quantidade de energia elétrica que cada equipamento elétrico ou eletrodoméstico pode consumir, por unidade de tempo. (GNE). Nota: Indica o consumo e o fornecimento de energia elétrica em um circuito de corrente alternada, a qual é igual ao produto da tensão e da corrente. Unidade de medida: Watt (W). (GFF).



Fonte: Google imagens

## Potência (2)



Fonte: Google imagens

# R



## Rede bifásica

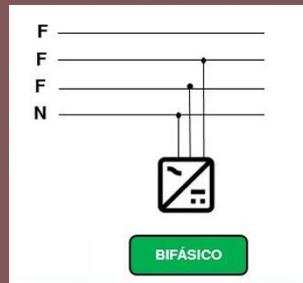
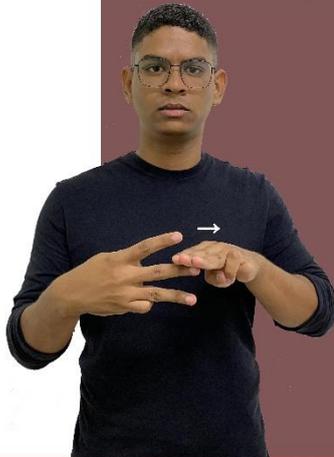


Rede de distribuição elétrica composta por duas fases e um neutro. (GFF).



Fonte: Google imagens

## Rede bifásica (2)

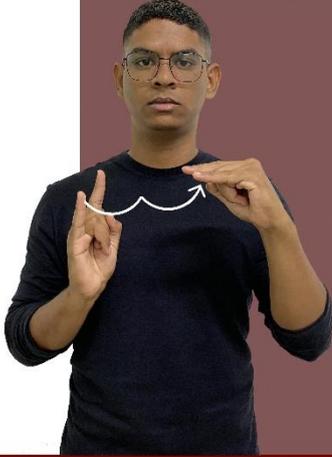


Fonte: Google imagens

# R



## Rede elétrica



Rede de transmissão de toda a energia gerada por qualquer tipo de usina. (MDE).



Fonte: Google imagens

## Rede monofásica

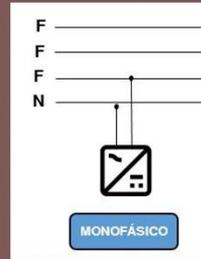
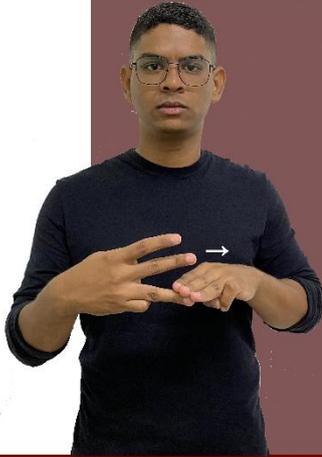


Rede de distribuição elétrica composta por uma fase e um neutro. (GFF).



Fonte: Google imagens

## Rede monofásica(2)

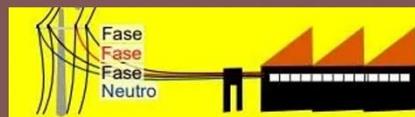


Fonte: Google imagens

## Rede trifásica



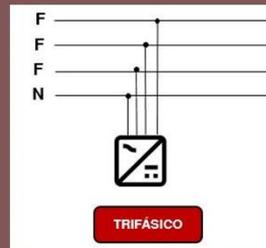
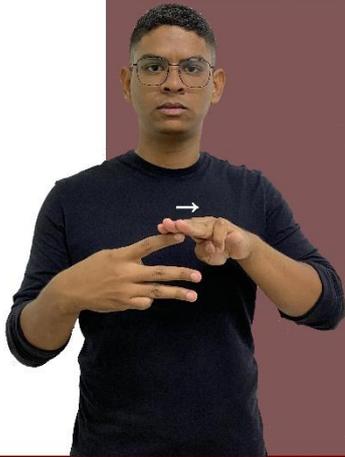
Rede de distribuição elétrica composta por três fases e um neutro. (GFF).



Fonte: Google imagens

# R

## Rede trifásica (2)

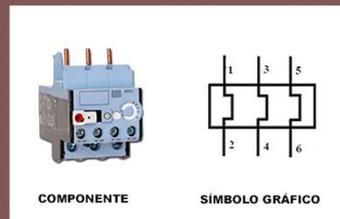


Fonte: Google imagens

## Relé



Dispositivo elétrico destinado a produzir modificações súbitas e predeterminadas em um ou mais circuitos elétricos de saída, quando certas condições são satisfeitas nos circuitos de entrada que controlam o dispositivo. (GNE).



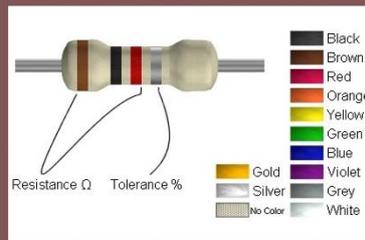
Fonte: Google imagens

# R

## Resistor

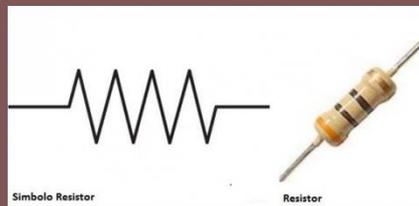
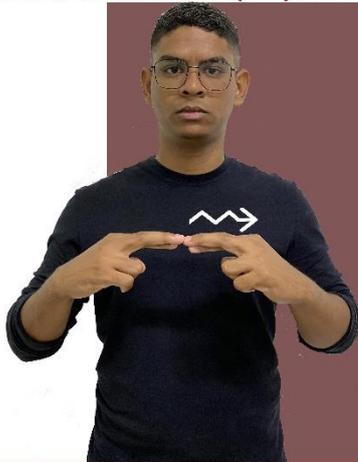


Dispositivo elétrico utilizado para introduzir resistência num circuito. (GNE).

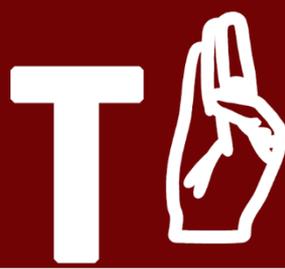


Fonte: Google imagens

## Resistor (2)



Fonte: Google imagens



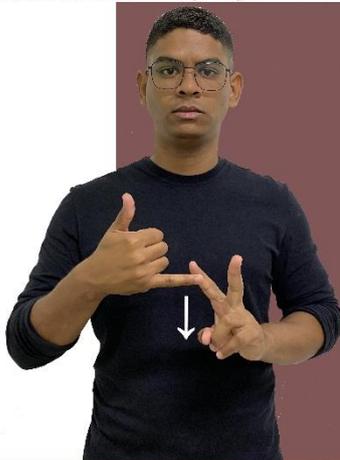
## Tensão



Grandeza escalar que determina a diferença de potencial entre dois pontos. (GFF). Nota: Unidade de medida: Volt. (GFF).



## Tensão(2)



# T



## Tensão(3)



## Tensão(4)

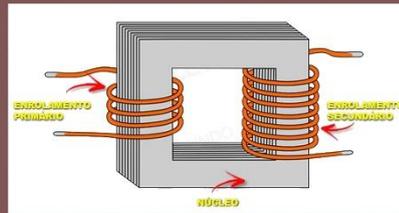




# Transformador

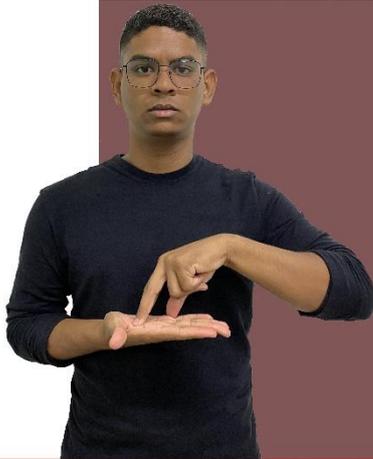


Equipamento elétrico estático que, por indução eletromagnética, transforma tensão e corrente alternadas entre dois ou mais enrolamentos sem mudança de frequência. (GFF). Nota: Os transformadores para lâmpadas halógenas de 12V são do tipo “abaixador”, pois a tensão do enrolamento primário (127V ou 220V) é superior à do enrolamento secundário (12V). (GFF).

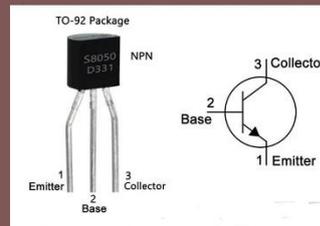


Fonte: Google imagens

# Transistor



Dispositivo semicondutor de três camadas, muito utilizado na construção de chips eletrônicos para as mais variadas aplicações. (MDE) Nota: Composto principalmente de silício ou germânio, o transistor é empregado em processos de amplificação e produção de sinais e em operações de chaveamento. (MDE)



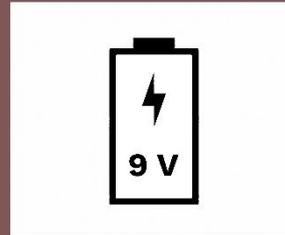
Fonte: Google imagens

# V

## Volt

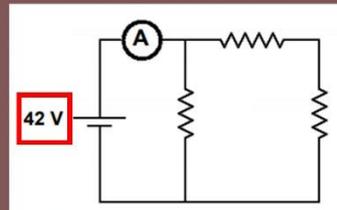


Unidade que mede a tensão elétrica da ligação. (GFF). Nota: As tensões podem ser 110V ou 127V e 220V, dependendo do que a concessionária deixou disponível no poste. (GFF).



Fonte: Google imagens

## Volt (2)



Fonte: Google imagens

# V

## Volt (3)



Fonte: Google imagens

## Volt (4)



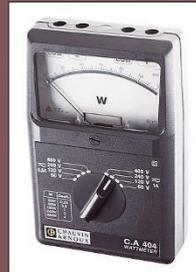
Fonte: Google imagens

# W

## Watt

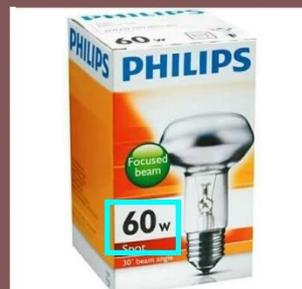


Unidade que mede a potência desenvolvida quando se realiza, de maneira contínua e uniforme, o trabalho de 1J em 1s. (GNE).



Fonte: Google imagens

## Watt(2)



Fonte: Google imagens

# W

## Watt(3)



Fonte: Google imagens

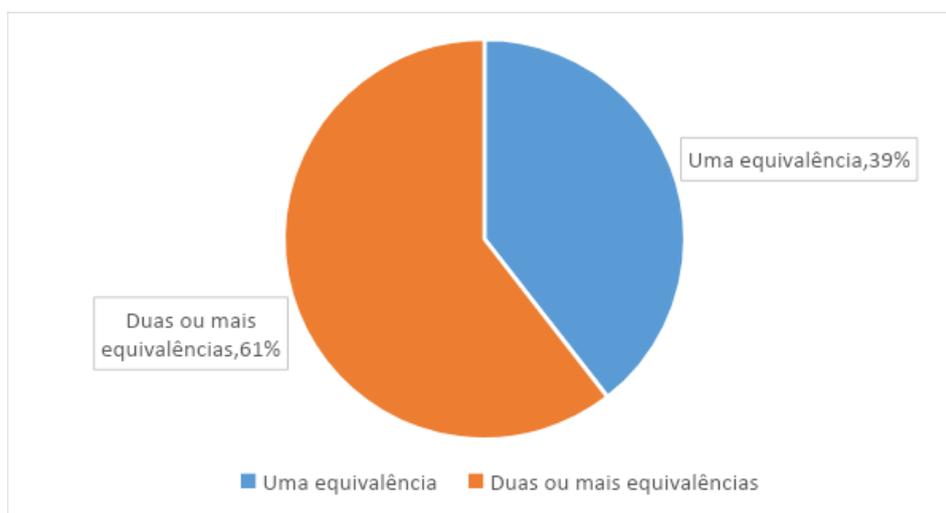
## 5 O QUE MOSTRAM OS RESULTADOS: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os resultados deste estudo ratificam que as terminologias são, de fato, parte constitutiva dos sistemas linguísticos naturais. Os dados mostram que, realmente, não se trata da existência de duas línguas, uma geral e outra especializada, mas, sim, de uma língua que, em sua imensidão e diversidade, ora é usada em contexto especializado ora em contexto não especializado de interação. Assim, as terminologias constituem repertórios linguísticos que cristalizam saberes especializados de áreas especializadas do conhecimento, e são unidades semântico-lexicais do sistema linguístico geral usadas em contextos especializados de interação, não unidades de uma língua específica.

Os frutos deste trabalho mostram também como o repertório terminológico dos profissionais da eletricidade sinalizantes de Libras é vasto e diversificado. Esses dados corroboram o fato de que a variação é um fenômeno inerente às línguas naturais; ratificam que a variação terminológica é um fenômeno real em interações especializadas; evidenciam que os sinais-termo são signos linguísticos também suscetíveis aos fatores intra e extralinguísticos que condicionam as produções e geram variação linguística e terminológica.

Quantificando os dados coletados, a terminologia da eletricidade em Libras revelou um número expressivo de sinais-termo equivalentes. Para os 38 termos em Português, foram coletados 82 sinais-termo equivalentes. Desses 38 termos, apenas 15 tiveram uma única equivalência em Libras, os outros 23 termos tiveram entre duas e seis equivalências.

**Gráfico 1.** Percentual de termos com e sem variação

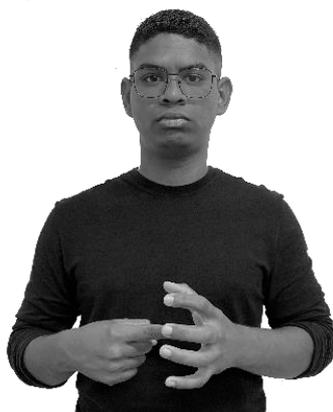


Fonte: O autor.

Conforme apresenta o gráfico, 39% dos termos em Português tiveram apenas uma equivalência em Libras, isto é, na relação Português-Libras, em 39% dos casos, para cada termo houve apenas um sinal-termo equivalente. Os termos com apenas uma equivalência foram: *Arduino, Capacitor, Corrente contínua, Corrente elétrica, Eletricidade, Gerador, Indutor, Ligação em paralelo, Ligação em série, Motor elétrico, Neutro, Rede elétrica, Relé, Transformador e Transistor.*

É importante ressaltar que desses 15 sinais-termo, apenas *Motor* (imagem 3) e *Eletricidade* (imagem 4) são conhecidos por todos os sujeitos e apresentaram unanimidade quanto ao uso. Isto é, apenas esses 2 sinais-termo foram fornecidos por todos os sujeitos da pesquisa e reconhecidos pelos responsáveis pela validação.

**Imagem 3.** Sinal-termo *Motor*



Fonte: O autor.

**Imagem 4.** Sinal-termo *Eletricidade*



Fonte: O autor.

Esse resultado sugere que essas unidades são sinais(termo)<sup>32</sup>, ou seja, são unidades lexicais que assumem a função de unidades lexicais especializadas no contexto de interação especializada dos profissionais da eletricidade. Na verdade, sugere que são unidades que flutuam entre os âmbitos especializado e não especializado de comunicação. Isso reforça a noção de que a unidade especializada (termo/sinal-termo) é uma unidade lexical que, em contexto de interação especializada, assume a função de termo/sinal-termo. Ou seja, esse dado ratifica que as unidades lexicais são denominadas palavras/sinais ou termos/sinais-termo, mediante o contexto comunicativo no qual o falante/sinalizante está inserido.

Esse argumento pauta-se no fato de que todos os outros 13 termos são mais usados por especialistas e sujeitos interessados pela área da eletricidade, assim sendo, tratam-se de

---

<sup>32</sup> Por oportuno, ressalta-se que onde se lê “sinal(termo)” ou “sinais(termo)”, entende-se que são unidades lexicais que circulam nas interações não especializadas e nas especializadas, ou seja, sinais que também funcionam como termos.

terminologias mais específicas, que identificam referentes específicos de quem atua diretamente com eletricidade. Por outro lado, *Motor* e *Eletricidade* são usados por esses especialistas, mas também, por serem unidades que identificam referentes do cotidiano de muitas pessoas, estão em circulação fora dos contextos de interação especializada.

Diferente dos 2 sinais-termo supracitados (*Motor* e *Eletricidade*), os outros 13 não foram fornecidos ou reconhecidos por todos os sujeitos, conforme quadro a seguir.

**Quadro 8.** Lista de sinais-termo e informantes que os forneceram

<b>Nº</b>	<b>Termo/Sinal-termo</b>	<b>Informante</b>
1	Arduino	INFH1, INFH3
2	Capacitor	INFM2, INFH4
3	Corrente contínua	INFH2, INFH3
4	Corrente elétrica	INFH1, INFH2, INFH3, INFH4, INFM2
5	Gerador	INFH4, INFH3, INFM2
6	Indutor	INFH3, INFM2
7	Ligação em paralelo	INFH1, INFH3, INFM2
8	Ligação em série	INFH1, INFH3, INFM2
9	Neutro	INFH1, INFH3, INFH4, INFM2
10	Rede elétrica	INFM2, INFH3, INFH4
11	Relé	INFH3, INFH4
12	Transformador	INFH3, INFH4, INFM2
13	Transistor	INFH2, INFH3

Fonte: O autor

Nota-se que a INFM2 forneceu a maior parte dos termos coletados. É possível que tenha um repertório terminológico mais amplo devido à abrangência do curso de graduação em Engenharia Elétrica, que implica múltiplas aplicações dos estudos sobre eletricidade. Por outro lado, os sujeitos de nível médio forneceram menos sinais-termo, o que induz ao entendimento de que, por mais que o objeto de estudo seja o mesmo (a eletricidade), as diferentes aplicações e as particularidades de cada curso técnico fazem com que nem todas as terminologias estejam em circulação nesses âmbitos. Nesse cenário, considera-se que o nível de escolaridade dos sujeitos parece um possível fator condicionante dessas terminologias.

Entretanto, é oportuno evidenciar que o INFH3 forneceu quase todos os dados, mesmo sendo um sujeito de nível médio. Ele forneceu mais dados que a informante de nível superior. Isso indica que há um grau de especialidade maior por parte desse sujeito do que da INFM2, mesmo sendo ela uma aluna de curso superior. Esses dados evidenciam que nível de escolaridade e grau de especialidade não são coisas, necessariamente, relacionadas. Em outras palavras, esses resultados mostram que é possível que sujeitos com menor nível de escolaridade tenham um alto grau de especialidade.

No tocante à variação terminológica, notou-se que a variação denominativa é muito mais expressiva que a conceitual, uma vez que, considerando-se exclusivamente os resultados em Libras, foram identificados apenas 2 casos de variação conceitual<sup>33</sup> e 23 casos de variação denominativa.

Antes de apresentar os resultados em que há variação, é oportuno e relevante evidenciar que os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, com fins à elaboração de um glossário da eletricidade - semibilíngue, não fornecem subsídios suficientes para elencar, de maneira precisa e definitiva, os fatores que influenciaram a variação encontrada. Entretanto, foram suscitados alguns possíveis fatores geradores da variação que poderão ser aprofundados em pesquisas futuras.

A seguir, optou-se por dividir em tópicos os casos de variação. Primeiramente, apresentam-se os dois casos de variação conceitual e, em seguida, os resultados de variação denominativa.

## 5.1 Variação conceitual

Como mencionado anteriormente, no que diz respeito à variação terminológica, especificamente à variação conceitual, foram encontrados apenas dois casos, referentes aos sinais-termo *Tensão/Volt* e *Eletricidade/Energia*.

Um ponto merecedor de destaque é que *Tensão*, *Volt* e *Energia* aparecem, aqui, entre os casos de variação conceitual, mas também, nos casos de variação denominativa, como será apresentado mais à frente. Isto é, os sinais-termo *Eletricidade/Energia* e *Tensão/Volt*, apresentados, a seguir, são uma possibilidade, pois existem, com exceção de *Eletricidade*,

---

<sup>33</sup> Vale mencionar que os dois casos de variação conceitual registrados ocorreram em Libras. Dessa forma, não é possível identificá-los com facilidade no glossário, pois estão com entradas distintas e são equivalentes a termos distintos em português. Todavia, ao se observar, exclusivamente, os sinais-termo, nota-se que a mesma denominação aparece para dois conceitos.

outras formas denominativas para os outros três referentes. Desse modo, esses dois sinais-termo apresentados aqui configuram casos de variação conceitual como demonstrado a seguir:

**Imagem 5.** Sinal-termo *Tensão/Volt*



Fonte: O autor.

Essa denominação em Libras carrega os conceitos de *Tensão* e *Volt*, como já mencionado. Um fato interessante é que três sujeitos reconheceram essa denominação, contudo, apenas a INFM2 a utiliza. Segundo ela, *Tensão* e *Volt* são a “mesma coisa”. É possível que a INFM2 argumente isso, pois, *Tensão* e *Volt* são terminologias que estão diretamente relacionadas, haja vista que o volt é a unidade de medida da tensão.

Esse dado mostra como a forma de interpretar e compreender o saber especializado é um fator importante na produção e uso dos termos. Uma pessoa que entende tensão (uma grandeza) e o volt (unidade de medida) como unidades distintas, ou que não possuem equivalência semântica, entende que esse é um caso de variação conceitual. Do contrário, não seria assim considerado, pois cada conceito teria sua denominação específica. Vale reiterar que a INFM2 foi a única participante que disse que esses termos são “a mesma coisa”, todos os outros os entendem como coisas diferentes.

Sobre o sinal-termo *Eletricidade/Energia*, é curioso perceber que, embora muitos sujeitos tenham apresentado um mesmo sinal-termo para os dois referentes, a maioria opta por uma sinalização diferente para energia. Em outras palavras, o sinal-termo *Eletricidade/Energia* não é o mais usado para se referir a energia, a maioria dos sujeitos optou por uma forma diferente.

**Imagem 6.** Sinal-termo *Eletricidade/Energia*



Fonte: O autor.

A informante identificada como INFM2 mostrou-se preocupada com o uso de um sinal-termo para mais de um referente, como foi o caso de *Eletricidade* e *Energia*. Segundo ela, o uso de um mesmo sinal-termo para tratar de dois referentes distintos, ou para representar dois conceitos, pode causar confusão, conforme comprova o trecho da entrevista transcrito abaixo.

**Quadro 9.** Trecho da entrevista para os sinais-termo *Eletricidade* e *Energia*

**Pesquisador:** O que é isso na imagem?

**Informante:** Eletricidade (executa o sinal-termo).

**Pesquisador:** Conhece outro sinal-termo?

**Informante:** Não. Acho que só tem esse.

(Alguns momentos depois...)

**Pesquisador:** Conhece o sinal-termo para isso? (Apresenta-se uma imagem para Energia)

**Informante:** Energia? (Datilologia)

**Informante:** É igual eletricidade (executa o sinal-termo).

**Pesquisador:** Entendi. Legal!

**Informante:** Não! Melhor esse (executa outro sinal-termo). Evita confusão.

INFM2

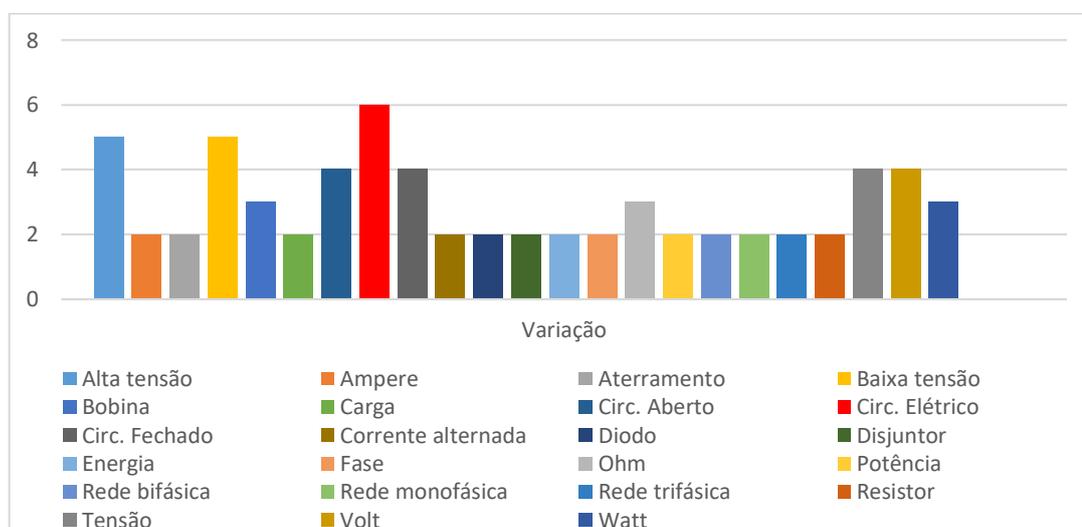
Fonte: O autor.

Conforme nota-se no diálogo, a INFM2 considera que a variação conceitual gera confusão. No momento da pesquisa, a fim de dar uma solução para evitar a confusão, constatou-se que essa informante criou um sinal-termo, já que esse não foi reconhecido por nenhum dos sujeitos da validação e nem pelos demais informantes, conseqüentemente, não configurou entrada do glossário.

## 5.2 Variação denominativa

Em termos quantitativos, a variação denominativa foi o eixo mais produtivo desta pesquisa. As denominações em Libras, no contexto da eletricidade, mostraram uma rica diversidade.

**Gráfico 2.** Gráfico do número de variantes denominativas<sup>34</sup> em Libras



Fonte: O autor.

Conforme o Gráfico 2 apresenta, mais de 50% dos termos selecionados para a pesquisa tiveram pelo menos 2 sinais-termo equivalentes. Foram 13 casos de duas equivalências e 10 casos de três a seis equivalências, cada termo.

Os dados ratificam que a variação é um fenômeno real e inevitável nas línguas naturais. Esses resultados evidenciam que embora os sujeitos investigados compartilhem o mesmo ambiente, o IFMA/Monte Castelo, tenham acessos aos mesmos professores, intérpretes, e

<sup>34</sup> Como forma de esclarecimento, este gráfico apresenta a quantidade de equivalências em Libras para cada termo em Português. Cada barra é um termo, na legenda tem a identificação das cores de cada termo, e no eixo vertical há o número referente à quantidade de sinais-termo.

estudem sobre o mesmo objeto (embora com aplicações e fins distintos), existem fatores que influenciam diferenças nas produções e usos terminológicos.

É sensato depreender que, por serem parte do sistema linguístico, as terminologias são suscetíveis aos mesmos fenômenos comuns às línguas naturais. Desse modo, a variação terminológica é um fenômeno linguístico que não ocorre de modo aleatório, existem fatores internos e externos à língua que a condicionam.

Pelo exposto, é oportuno reforçar que os procedimentos metodológicos adotados, nesta pesquisa, tiveram por objetivo principal a elaboração de um glossário da eletricidade - semibilíngue e, portanto, não fornecem subsídios suficientes para elencar, de maneira precisa e definitiva, os fatores que influenciaram os casos de variação encontrados. Desse modo, são apresentados os casos de variação denominativa encontrados na pesquisa e, apenas, suscitados alguns possíveis fatores geradores dessa variação.

Sobre a variação denominativa, notou-se que a escrita da língua portuguesa pode ser um fator de grande influência sobre as produções terminológicas dos sujeitos. Esse é um caso peculiar à Libras, pois seus sinalizantes estão em constante contato com as duas línguas, Português e Libras.

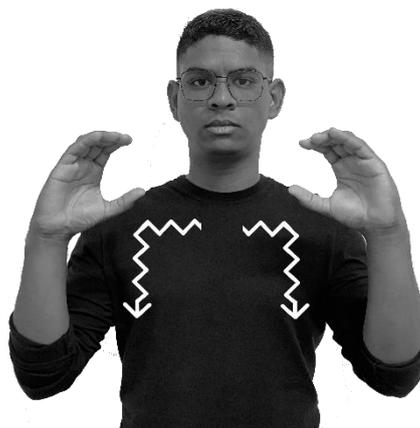
Esse argumento firma-se na Lei nº 10.436/02, em seu parágrafo único, que afirma que a “Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Esclarecendo, os sinalizantes de Libras constituem uma comunidade, em sua maioria, bilíngue, que está constantemente sinalizando em Libras e escrevendo o Português. Desse modo, esses sujeitos, sobretudo os que estão em processo de formação acadêmica/profissional, estão expostos ao Português constantemente, o que favorece o uso e a criação de terminologias relacionadas à escrita dessa língua.

Os resultados revelaram que a influência do Português ocorreu em forma de empréstimos linguísticos, principalmente, pelo que Faria-Nascimento (2009, p. 66) chamou de empréstimo por transliteração da letra inicial, também conhecido por empréstimo linguístico por inicialização. Esse processo consiste em incorporar ao sinal ou ao sinal-termo uma forma do alfabeto manual<sup>35</sup>, fazendo menção à escrita em Português. A exemplo, tem-se, a seguir, o sinal-termo *Circuito elétrico*, unidade constituída pela CM em C nas duas mãos, seguindo a escrita em Português.

---

<sup>35</sup> Conjunto de formas assumidas pelas mãos que representam visualmente, no espaço, a grafia do alfabeto das línguas orais.

**Imagem 7.** Sinal-termo *Circuito elétrico*



Fonte: O autor.

Além dos casos de transliteração da letra inicial, apareceram também casos de empréstimo por transliteração (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 61). Esse caso consiste em incorporar a escrita total do termo por meio do alfabeto manual, o que configura um sinal-termo datilografado/soletrado<sup>36</sup>.

Os casos de empréstimo por transliteração foram mais evidentes nas siglas, como nas unidades de medidas (*Volt, Watt, Ampere*), e nos termos *Corrente contínua*, chamada de CC, e de *Corrente alternada*, chamada de CA.

Possivelmente, pelo fato de o contato com essas unidades ocorrer por meio de cálculos e medições, e elas serem escritas como “220 V”, “5 A” ou “40 W”, por exemplo, os sujeitos optaram por uma datilologia<sup>37</sup>, o que acabou sendo incorporado à Libras como um sinal-termo. Isto é, levanta-se a hipótese de que, no hábito de soletrar “220 V”, por exemplo, os sujeitos desta pesquisa adotaram a redução de volt para V (simbologia da unidade medida) como um sinal-termo, assim também ocorrendo nas outras unidades de medidas, conforme atestam as imagens abaixo.

---

<sup>36</sup> Entende-se por sinal-termo datilografado/soletrado a unidade terminológica que é executada letra a letra usando o alfabeto manual.

<sup>37</sup> A datilologia, também chamada de soletração manual, trata-se de uma soletração por meio do alfabeto manual da língua sinalizada.

**Imagem 8.** Sinal-termo *Volt*

Fonte: O autor.

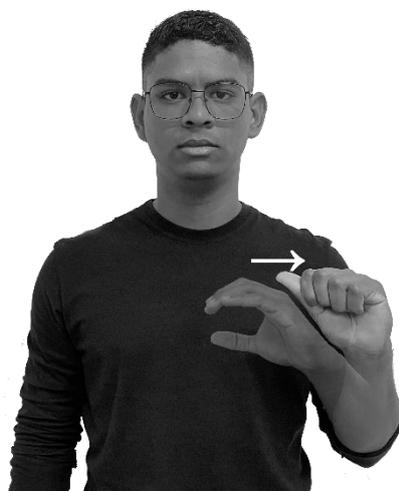
**Imagem 9.** Sinal-termo *Watt*

Fonte: O autor.

**Imagem 10.** Sinal-termo *Ampere*

Fonte: O autor.

Como mencionado, além das unidades de medidas, casos como o de *Corrente contínua*, que é chamada de CC, e de *Corrente alternada*, chamada de CA, também são sinais-termo datilogados/soletrados, casos de empréstimo por transliteração.

**Imagem11.** Sinal-termo *Corrente alternada* **Imagem 12.** Sinal-termo *Corrente contínua*

Fonte: O autor.



Fonte: O autor.

O processo de empréstimo por transliteração, por um lado, ocorreu em poucos casos, foi notado, apenas, em casos de siglas e reduções. Por outro lado, os casos de empréstimo por

transliteração da letra inicial, ou empréstimo por inicialização, apareceram em muitos sinais-termo.

Esses resultados mostram que, principalmente, em casos de referentes não palpáveis, como as unidades de medidas e as grandezas, em que os sujeitos surdos interagem com esses conceitos por meio da escrita em Português, há um tendência maior ao uso dessa escrita como referência para a criação e uso dos sinais-termo. Ressalta-se que não são apenas os casos de referentes não palpáveis que apresentaram a influência do Português escrito, casos como *Bobina* e *Disjuntor*, por exemplo, são referentes concretos, mas, ainda assim, tiveram a influência da escrita. O que se depreende, aqui, é que os casos de referentes não palpáveis são mais propícios às interferências citadas.

Ainda sobre a influência da escrita, nota-se que, nos casos de abreviaturas ou reduções terminológicas, há uma maior disposição à incorporação total da escrita do termo, ou seja, aos empréstimos por transliteração.

Além da interferência do Português, notou-se que um outro possível fator de criação e uso dos sinais-termo foi o grau de especialidade dos sujeitos. Reforça-se, mais uma vez, que o grau de especialidade não está, obrigatoriamente, relacionado ao nível de escolaridade, ou seja, um sujeito de nível superior não possui, necessariamente, um grau de especialidade maior do que um sujeito de nível médio-técnico.

Como já mencionado, este trabalho não teve o objetivo e, conseqüentemente, não estabeleceu um aporte metodológico necessário para definir fatores condicionantes de criação e uso de sinais-termo. Todavia, a partir da análise das entrevistas, dos dados coletados, das respostas dos sujeitos, foi possível mensurar, de forma geral, sujeitos com um maior grau de especialidade que outros. Antes de expor esses dados, é oportuno ratificar que o grau de especialidade refere-se ao sujeito mais especializado, mais experiente e conhecedor da área de atuação.

Isso posto, os sujeitos participantes da pesquisa com maior grau de especialidade forneceram mais sinais-termo e mais variedades denominativas. Nesse sentido, os sujeitos com maior grau de especialidade, do mais especialista para o menos especialista, foram, respectivamente: INFH3, INFM2, INFH4, INFH1, INFH2, INFM1.

Considerando os resultados analisados, o sujeito com maior grau de especialidade foi o INFH3, técnico em Eletrotécnica. Ele se mostrou mais conhecedor das terminologias e sempre que apresentava o sinal-termo dava uma explicação para o motivo daquela forma ou, até mesmo, uma explicação sobre a conceptualização ou utilidade do referente, conforme pode-se constatar abaixo.

**Quadro 10.** Trecho de entrevista sobre o sinal-termo *Aterramento*

**Pesquisador:** Qual o sinal-termo para o que você vê na imagem?

**Informante:** Ah... é um aterramento (executa o sinal-termo). Isso serve para evitar perder equipamentos elétricos quando há algum problema de energia, entendeu? Por exemplo, se tua televisão estiver ligada e cair um raio, ou alguma coisa assim, o aterramento joga para a terra e evita “queimar” a televisão. Entendeu?

INFH3

Fonte: O autor.

**Quadro 11.** Trecho de entrevista sobre o sinal-termo *Circuito elétrico*

**Pesquisador:** E essa imagem, você conhece?

**Informante:** Sim! É um circuito (faz em datilologia).

**Pesquisador:** Você não conhece o sinal-termo?

**Informante:** Conheço. Pode ser [...] (apresenta algumas possibilidades de sinais-termo).

**Pesquisador:** Legal! Você conhece vários sinais-termo, né?

**Informante:** Sim! Esses sinais-termo são assim porque mostra a forma igual o desenho de um circuito e também porque é como se fosse um caminho para a eletricidade aí faz o sinal-termo assim.

**Pesquisador:** Bacana!

INFH3

Fonte: O autor.

Um dado interessante fornecido apenas pelo INFH3 foi o sinal-termo *Rede Monofásica* (Imagem 13). Ele apresentou uma denominação que se enquadra no caso de empréstimo linguístico por transliteração da letra inicial, contudo, com uma inicialização que não tem relação direta com a escrita do termo. Segue a imagem.

**Imagem 13.** Sinal-termo *Rede monofásica*



Fonte: O autor.

Esse sinal-termo é executado utilizando duas CM, F e N que não aparecem na grafia do termo em si - *Rede monofásica*, pois a inicialização ocorre a partir dos termos *Fase* e *Neutro*. Esclarecendo, trata-se de um sinal-termo cuja constituição parte do conceito. Esse argumento baseia-se na explicação dada pelo INFH3, quando diz que uma *Rede monofásica* é alimentada por uma *Fase* e um *Neutro*. Desse modo, o sinal-termo apresentado relaciona-se ao conceito de *Rede monofásica* e não à grafia do termo.

Esse dado mostra como o grau de especialidade é um fator que interfere na criação e no uso dos sinais-termo. Além disso, reforça que o entendimento, a compreensão do saber especializado, também incide sobre as terminologias. Nesse sentido, Prometi e Costa (2018, p. 136) afirmam que os sinais-termo decorrem dos processos de compreensão dos sujeitos surdos nesses contextos.

Esse resultado permite constatar, também, o caráter arbitrário dos signos em Libras, ou seja, ratifica o que aponta o estudo realizado por Prometi e Costa (2018, p. 136), quando dizem que os sinais-termo são unidades especializadas visuais, mas que não devem ser reduzidas à relação visual entre sinal-termo e referente. Pelo contrário, os sinais-termo podem trazer também reflexos da compreensão do sujeito surdo a partir dos conceitos daquele referente.

É possível perceber que quanto mais especializado é o sujeito, quanto mais experiência e conhecimento tem, maior é o uso de unidades que possuem uma motivação pautada na conceptualização. Os dados mostram que sujeitos sinalizantes de Libras, mesmo quando usam sinais-termo por inicialização, influenciados pela grafia, estabelecem uma relação com a

conceptualização desses termos. Salienta-se que não é uma regra, não é uma unanimidade, mas, com base nos dados coletados, nota-se uma maior tendência dos sujeitos com maior grau de especialização ao uso de sinais-termo com traços que vão para além da relação icônica com o referente.

Os dados analisados apresentaram, também, além das questões de variação, casos de neologismos derivacionais (GONÇALVES, 2019, p. 126). Esclarecendo, esses neologismos são inovações lexicais ocorridas a partir de unidades lexicais já existentes. No caso desta pesquisa, ocorreram quando da criação de um sinal-termo a partir da derivação de um outro sinal(termo) preexistente.

Segundo Gonçalves (2019, p. 123), esse processo de inovação ocorre com mais frequência nos contextos científicos, mas acontece também fora desses âmbitos. Um exemplo, é a/o palavra/sinal “sextou” que pode indicar a proximidade do final de semana, descanso, lazer.

Esse autor evidencia que as inovações não são aleatórias, há uma motivação para que esse processo aconteça. Brasília (1987, apud Gonçalves, 2019, p. 124) suscita três fatores que, segundo ela, estão relacionados à utilização e à criação de construções morfológicas, são eles: “i) necessidade de nomeação; ii) adequação ao contexto sintático; iii) intenções do usuário da língua”.

O primeiro fator diz respeito à necessidade que o falante tem de cristalizar as suas novas experiências de mundo, podendo manifestar-se, segundo essa autora, por meio de empréstimos linguísticos, como “shopping”, “flex”, “I Love You” (em Libras, na imagem 14), ou por meio dos chamados neologismos derivacionais, como “cristolândia”, “paraibolândia”. O segundo refere-se à necessidade de uma mudança categorial, como é o caso de “zoação” que é uma inovação derivada do verbo “zoar”. Por sua vez, o terceiro fator diz respeito a inovações advindas da necessidade do falante de “expressar carga emocional variada a partir do uso de processos morfológicos” (GONÇALVES, 2019, p. 127), como por exemplo, o uso do diminutivo para expressar compaixão, “tadinho”, ou para expressar coisas de pouco valor, “namorico”. Em suma, constituem os julgamentos dos falantes expressos intencionalmente em inovações lexicais.

**Figura 16.** Sinal *I Love You*, importado da Língua de Sinais Americana



Fonte: Google imagens (2022)

Dos três fatores supracitados, notou-se que a “necessidade de nomeação” foi a maior motivação para a criação dos sinais-termo na área da eletricidade. Assim, foram constatados casos de empréstimos, como já vistos, e de neologismos derivacionais, que serão apresentados a seguir.

Para exemplificar, segue o sinal-termo *Bobina*, fornecido pela INFM2.

**Imagem 14.** Sinal-termo *Bobina*



Fonte: O autor

Considera-se que, nesse caso, ocorre uma derivação a partir do sinal Fio/Linha, nota-se que são usados praticamente todos os parâmetros desse sinal, diferenciando-se apenas no M, que em *Bobina* aparece helicoidal em vez de retilíneo, fazendo menção à forma espiralizada da bobina. Em suma, entende-se que o sinal-termo *Bobina* é uma inovação lexical que surge a partir do sinal Fio/Linha.

No que tange aos neologismos derivacionais, foi possível notar um quantitativo expressivo de sinais-termo derivados do sinal(termo) *Eletricidade*. As derivações partiram, sobretudo, da CM em Y, mas também houve casos de derivação do M angular.

Felten (2016, p. 97) fala sobre formativos, elementos menores que compõem o sinal e que podem aparecer de duas maneiras: livres ou presos. Segundo ele, o formativo preso possui um valor de base e é executado pela mão não-dominante ou mão passiva, enquanto o formativo livre é executado pela mão dominante ou mão ativa. Em consonância com essa ideia, Faria-Nascimento (2009, p. 95) chama de base-presa ou morfema-base, o formativo preso, e de morfema especificador, o formativo livre.

**Quadro 12.** Descrição dos parâmetros do sinal(termo) *Eletricidade*

	Parâmetros	
	CM	Y
	PA	Frente à boca
	M	Angular unidirecional para baixo
	OR	Para trás
	ENM	Sem expressão.

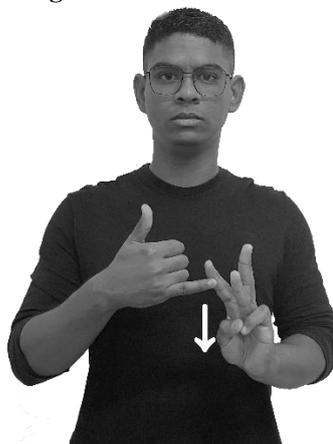
Fonte: O autor.

Entende-se que o sinal(termo) *Eletricidade* constitui a unidade primitiva, pois é uma unidade que já está em circulação antes da criação dos sinais-termo derivados apresentados pelos sujeitos da pesquisa. Além disso, acredita-se que o que favorece a criação de sinais-termo derivados desse sinal(termo), seja o fato de a eletricidade ser o objeto central de estudo desses sujeitos.

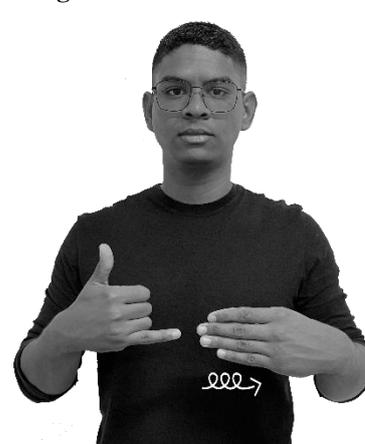
Isso posto, como já mencionado, constatou-se que o parâmetro CM foi o principal formativo que deu origem aos sinais-termo derivados. O referido parâmetro serviu de morfema-base a uma série de outros sinais-termo, como *Tensão, Volt, Bobina, Carga, Resistor, Indutor, Circuito, Energia, Fase, Neutro, Alta tensão, Baixa tensão, Watt*, e outros. Seguem, abaixo, alguns exemplos:

**Imagem 15.** Sinal-termo *Tensão*

Fonte: O autor.

**Imagem 16.** Sinal-termo *Watt*

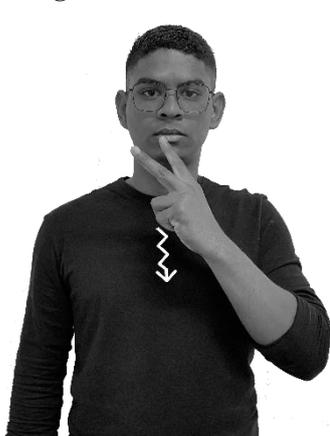
Fonte: O autor.

**Imagem 17.** Sinal-termo *Bobina*

Fonte: O autor.

Como é possível perceber nos três exemplos apresentados, o morfema-base é a CM em Y. Esse modelo também ocorreu em outros casos, sempre o mesmo morfema-base (CM em Y) e com alteração apenas do morfema especificador (a sinalização com a mão ativa).

Além da CM, o parâmetro M também teve protagonismo na influência da criação de outros sinais-termo. Notou-se que o M angular, como no sinal-termo *Eletricidade*, aparece em muitos outros sinais-termo, como é o caso de *Circuito elétrico*, *Resistor*, *Alta tensão*, *Baixa tensão*, *Volt*, e outros.

**Imagem 18.** Sinal-termo *Volt*

Fonte: O autor.

**Imagem 19.** Sinal-termo *Resistor*

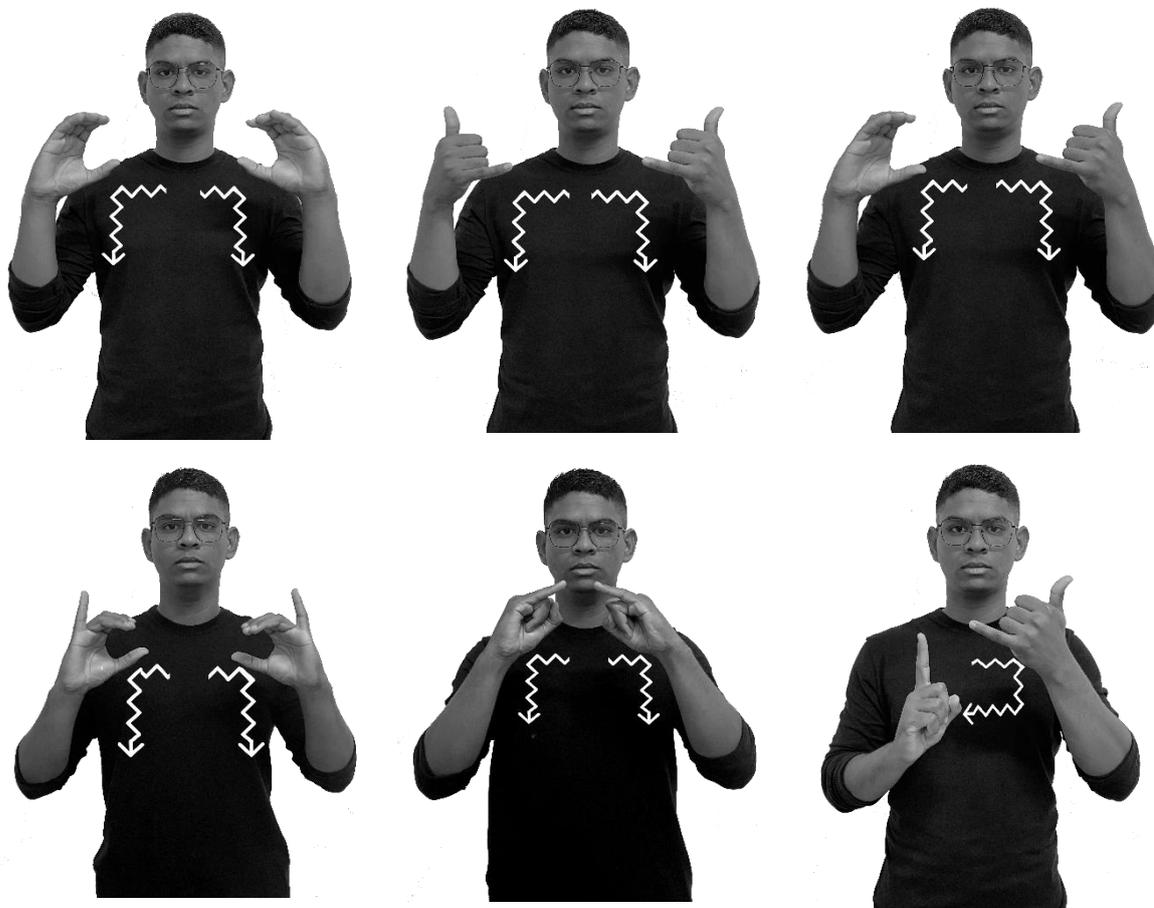
Fonte: O autor.

**Imagem 20.** Sinal-termo *Alta tensão*

Fonte: O autor.

Um fato interessante sobre o termo *Circuito elétrico* é que, mesmo tendo sido o termo com mais equivalências em Libras - seis ao todo - os sinais-termo coincidiram no parâmetro M, todas as variantes são constituídas do M angular. Segue imagem 21.

**Imagem 21.** Os seis sinais-termo equivalentes a *Circuito elétrico*

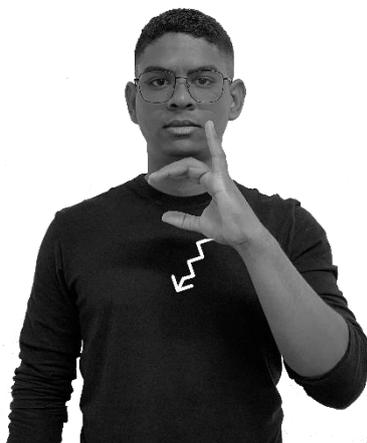


Fonte: O autor.

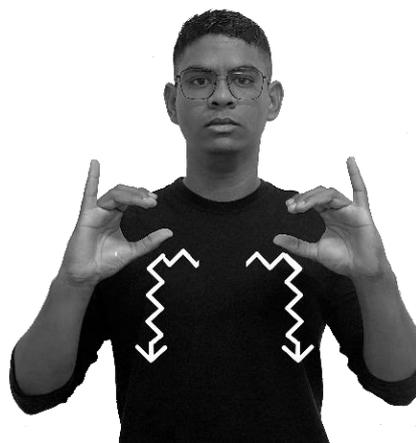
Além de manter o mesmo M em todas as variantes, outro fato pertinente são as CM. Observou-se o uso da CM em Y, indicando uma derivação do sinal(termo) *Eletricidade*; da CM em C, sugerindo uma influência do Português, um caso de transliteração da letra inicial; e da CM em I, indicando o uso da simbologia I, que na eletricidade significa corrente elétrica, demonstrando um entendimento de que no circuito elétrico é possível a passagem de corrente elétrica.

Outro fato interessantíssimo foi a criação de uma CM para os sinais-termo *Corrente elétrica* e *Circuito elétrico*, conforme mostram as imagens a seguir.

**Imagem 22.** Sinal-termo *Corrente elétrica*    **Imagem 23.** Sinal-termo *Circuito elétrico*



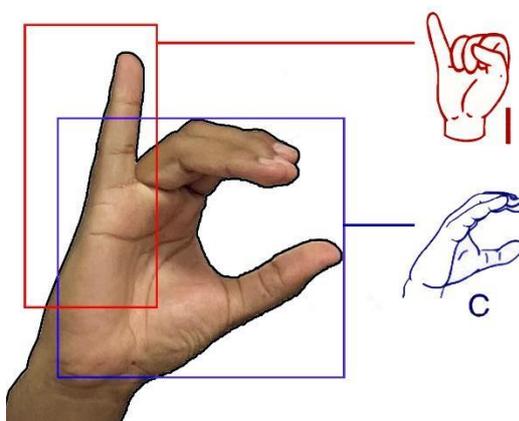
Fonte: O autor



Fonte: O autor

Nota-se uma CM que não se encontra catalogada. Essa CM sugere um caso de aglutinação das CM I e C, remetendo à junção da simbologia I (corrente elétrica) e da letra C (da escrita do termo).

**Figura 17.** Esclarecimento da CM I+C



Fonte: O autor.

Em suma, os resultados desta pesquisa evidenciam o quão diversificado é o repertório terminológico da eletricidade em Libras. Mostram que os distintos graus de especialidade e modos de interpretar cognitivamente os saberes especializados, por exemplo, são fatores que

interferem nas produções terminológicas dos sujeitos surdos sinalizantes de Libras profissionais ou aspirantes da eletricidade.

Esses resultados também atestam algumas particularidades sobre a variação terminológica em Libras. Foi possível perceber que, embora sejam línguas distintas, há uma relação entre o Português e a Libras. O fato dessas duas línguas compartilharem o mesmo espaço geográfico, dos sujeitos surdos, sobretudo os que estão inseridos em contexto de formação profissional, estarem constantemente em contato com as duas línguas, dessas línguas estarem em contato, há uma influência do Português sobre a Libras – isso pelo fato de o Português ser a língua majoritária do Brasil.

Vale ressaltar que os sinais-termo da eletricidade, e a Libras de modo geral, não existem em função do Português. Tratam-se de duas línguas diferentes e independentes uma da outra. Prova disso, foram os resultados da pesquisa, que mostraram vários sinais-termo em Libras sem nenhuma relação com o Português.

Por oportuno, ressalta-se que, logicamente, esta pesquisa não esgota os estudos sobre a terminologia da eletricidade, tampouco sobre a variação em Libras nesse âmbito. Há um léxico gigantesco e diverso a ser investigado e analisado. Os estudos terminológicos em Libras ainda carecem de pesquisas que transcendam a noção de criação de glossários, que investiguem a variação terminológica em nível regional, nacional, que mapeiem esse repertório e mostrem um panorama da variação, normalizando esse fenômeno e contrapondo a ideia de normatização de sinais-termo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As terminologias são repertórios linguísticos carregados de saberes especializados, portanto, usadas em contextos específicos de interação entre sujeitos especialistas em alguma área de domínio.

Os estudos terminológicos tradicionais, pautados na TGT, concebem essas terminologias como rótulos conceituais, como terminologias que devem ser unificadas e universalizadas para a garantia de uma comunicação especializada imune a erros, ruídos e que não dê margens a múltiplas interpretações.

Contrapondo-se a essa noção engessada de terminologia, surge a TCT, teoria de cunho linguístico que entende as terminologias como um segmento do sistema linguístico geral. Ou seja, a língua é constituída de um léxico que, em sua amplitude, fornece unidades para a interação dentro e fora dos contextos especializados. Nesse sentido, essa teoria considera que as terminologias, assim como as unidades da língua geral (palavras), surgem a partir de necessidades comunicativas, de interações naturais e que, por serem parte do sistema linguístico, são suscetíveis aos seus mesmos fenômenos linguísticos, como é o caso da variação.

A Socioterminologia, ramo da Terminologia que concebe as terminologias a partir das relações e interações sociais, também entende que a variação terminológica é real e irreprimível. Nesse cenário, as terminologias não são vistas como rótulos conceituais, mas, sim, como signos linguísticos especializados oriundos de necessidades de interação especializadas, como signos que circulam nos meios sociais e que estão sujeitos à variação em função de fatores sociais diversos.

A variação terminológica, como já discutido neste trabalho, pode ocorrer tanto no plano denominativo quanto no conceitual, por diferentes motivos e em função de distintos fatores que podem ser intra ou extralinguísticos. Desse modo, os termos e sinais-termo, sendo constituídos de denominação e conceito, podem possuir mais de uma denominação para um conceito, ou mais de um conceito para a mesma denominação, podendo, inclusive, uma mesma denominação ser utilizada em mais de uma área de especialidade com conceitos distintos.

Considerando o exposto e que a Libras é uma língua natural, este trabalho consiste em uma pesquisa terminológica que partiu da premissa de que, de fato, existe variação terminológica no léxico especializado da eletricidade em Libras. A partir disso, estabeleceu-se como objetivo principal a elaboração de um glossário da eletricidade - semibilíngue Português/Libras constituído por sinais-termo utilizados por sujeitos surdos sinalizantes de Libras, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA, *campus* Monte Castelo, em São Luís - MA. E, mais especificamente, objetivou-se suscitar os possíveis fatores geradores da variação nesse contexto.

Importa destacar que, neste estudo, considerou-se que os sujeitos eletricitistas e os aspirantes a tal constituem uma comunidade discursiva especializada, uma vez que são sujeitos que possuem o mesmo objeto de estudo, os mesmos aparatos, usam as mesmas técnicas, léxico, contudo, não formam uma comunidade homogênea. Assim, foram selecionados seis sujeitos da área da eletricidade que, antes de eletricitistas ou aspirantes, são pessoas; portanto, possuem experiências, vivências, valores, realidades sociais distintos que se refletem em suas produções linguísticas ainda que em contexto especializado de interação.

Os resultados revelaram que o léxico especializado da eletricidade em Libras é bastante vasto e diversificado. Embora a pesquisa tenha sido feita em apenas uma localidade, o *campus* Monte Castelo do IFMA, foram identificados 82 sinais-termo equivalentes em Libras para os 38 termos em Português selecionados, o que ratifica os pressupostos da TCT e da Socioterminologia.

A grande maioria dos sinais-termo coletados apresentaram sinais-termo equivalentes em Libras, assim, foram registrados 25 casos de variação. Desses, apenas 2 foram de variação conceitual. Somente a INFM2, como mencionado anteriormente neste trabalho, optou por não usar um mesmo sinal-termo para referir-se a *Eletricidade e Energia*, argumentando causar confusão. Os casos de variação denominativa foram predominantemente expressivos, valendo a pena destacar o caso de *Circuito elétrico*, que apresentou seis sinais-termo equivalentes em Libras.

Os dados mostraram, ainda, como a língua portuguesa influencia os sinais-termo no campo da eletricidade, uma vez que se constatou a predominância de *empréstimo por inicialização e transliteração*, principalmente, nos casos de termos com referentes ausentes ou não-palpáveis, cujo contato dos sujeitos se dá, tão somente, com o termo escrito.

Essa inevitável influência do Português na terminologia da eletricidade em Libras pode ser explicada, em síntese, pelos seguintes fatores principais: i) por serem, o Português e a Libras, línguas em contato; ii) pelo fato de o Português ser a língua oficial e de uso majoritário

no país; iii) por ser uma obrigação legal dos sujeitos surdos aprender esse idioma em sua modalidade escrita, ou seja, por serem, em geral, sujeitos bilíngues (Português/Libras).

Vale evidenciar, mais uma vez, que a Libras e, mais especificamente, os sinais-termo da eletricidade e seus equivalentes não existem em função ou por causa do Português, contudo, os dados fornecidos atestaram que, há, sim, uma considerável influência do Português sobre a Libras no universo da eletricidade.

Foi possível notar, também, como o nível de escolaridade e o grau de especialidade não estão, necessária ou obrigatoriamente, relacionados. Conforme comprovado, um sujeito de escolaridade mais baixa, como foi o caso do INFH3, pode ter um grau de especialidade maior do que sujeitos de escolaridade mais alta, caso dos INFH4, INFH1, INFM2.

Os sujeitos da pesquisa mostraram também que, diante da necessidade de nomear os novos conceitos, novos dispositivos, no âmbito da eletricidade, lançam mão, sobretudo, de empréstimos, como os casos de sinais-termo relacionados à escrita do Português, e dos chamados neologismos derivacionais. Notou-se que o objeto central dos estudos, a eletricidade, foi usado como unidade primitiva para a derivação de novos sinais-termo. Esclarecendo, percebeu-se que o sinal(termo) *Eletricidade* foi a unidade que serviu de base para a construção de diversos sinais-termo nessa área, por meio da configuração de mão em Y e do movimento angular.

Oportunamente, considerando o exemplo do sinal(termo) *Eletricidade*, é relevante enfatizar que os dados da pesquisa mostraram como o *status* terminológico é atribuído a uma unidade a depender do contexto de interação em que os sujeitos se encontram. Isso se alinha ao que apresentam os estudos cunhados na TCT, que afirmam que um termo é, antes de tudo, uma unidade lexical. Nesse sentido reitera-se que o sinal-termo é uma unidade lexical que assume a função de termo em contexto especializado, mas que passa a ser um sinal, quando usado em contexto não especializado, como o caso do sinal(termo) *Eletricidade*, por exemplo. Em suma, não há como determinar que uma dada unidade lexical é de fato um termo, sinal-termo, palavra ou sinal, sem antes considerar o contexto de interação.

Por todo o exposto, afirma-se que a terminologia da eletricidade em Libras apresenta algumas particularidades no que se refere aos fatores condicionantes da variação, como é o caso da relação com a língua portuguesa. Além disso, os sinais-termo da eletricidade evidenciam que a Libras, em contextos especializados ou não, possui um léxico cujas unidades não se limitam à iconicidade ou visualidade, uma vez que essas unidades também expressam o modo de compreensão dos sujeitos surdos. Em outras palavras, os sinais-termo não são unidades simples e reduzidas à relação visual com os referentes, na verdade, são unidades complexas que

podem ser icônicas, mas também, podem ser arbitrárias, possuindo uma relação com o conceito e demonstrando o modo de interpretação e de entendimento dos sujeitos surdos.

Os resultados desta pesquisa demonstraram também que mesmo para sujeitos de uma mesma comunidade discursiva, isto é, da mesma área profissional – eletricidade – que compartilham os mesmos objetivos e contextos profissionais, as terminologias variam em função do condicionamento de uma série de fatores que (re)configuram as formas dos sinais-termo: as experiências pessoais, a relação com a língua portuguesa, a forma perceber e representar o mundo, o grau de especialidade e todas as especificidades dos surdos são impressas nas suas produções terminológicas.

Consequentemente, foi possível comprovar que o léxico especializado da eletricidade em Libras é muito diversificado e ainda há um vasto universo terminológico a ser investigado, catalogado e analisado. Desse modo, é de grande importância para a comunidade surda e para o povo surdo a continuidade de realização de estudos terminológicos que visem a elaboração de obras terminográficas, que investiguem e registrem sinais-termo, que cataloguem a diversidade terminológica, que evidenciam a criação de sinais-termo.

Estudos de cunho terminológico, socioterminológico e terminográfico realizados em Libras garantem às pessoas surdas sua inserção e inclusão no contexto especializado, e possibilitam a construção de uma identidade profissional e colaboram com a comunicação especializada por parte dos sujeitos surdos profissionais e aspirantes, dos profissionais tradutores e intérpretes de Libras, entre outros. Esses trabalhos servem de porta de acesso aos saberes especializados e garantem a essas pessoas a possibilidade de acessar, permanecer e finalizar cursos dos níveis técnico e superior, de atuar profissionalmente e de comunicar seus saberes especializados.

Catalogar a variedade de sinais-termo é, portanto, valorizar as diversas possibilidades de interação linguística, é colaborar para garantir o respeito à diversidade linguística e terminológica, é difundir a língua e seu léxico como um sistema diverso e sem unidades mais ou menos importantes.

Pelo exposto, espera-se que este trabalho se some aos muitos estudos terminográficos já desenvolvidos, especialmente, aos da área da eletricidade, agregando mais possibilidades de sinais-termo ao repertório já catalogado. Além disso, almeja-se contribuir para os estudos terminológicos e socioterminológicos desenvolvidos em Libras que investigam a diversidade terminológica em muitas outras áreas especializadas no Maranhão e no Brasil e fomentar futuras pesquisas terminológicas e socioterminológicas que venham a ampliar essas discussões

tão pertinentes para o reconhecimento e respeito à diversidade terminológica da eletricidade e de outras áreas técnicas, científicas, culturais, em Libras.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. M. de B. O Percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. **Tradterm**, São Paulo, v. 9, n. 9, p. 211-222, 2003. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr004.htm?/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/mesaredo/mr004.htm>>. Acesso em: 05 Jul. 2020.
- BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BOSSAGLIA, G. **Linguística comparada e tipologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em 8 Jun. 2021.
- CABRÉ, M. T. La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *In: La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. 1996. Versão Kindle.
- CABRÉ, M. T. ¿Es necesaria una teoría autónoma de la terminología?. *In: La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos*. Ponencia presentada en el Seminari de Terminologia Teòrica. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, enero de 1998a. p. 128 – 152. Versão Kindle.
- CABRÉ, M. T. Hacia una aproximación teórica de base comunicativa. *In: La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Artículo aparecido en El lenguaraz. Revista académica del Colegio de Traductores Públicos de la Ciudad de Buenos Aires, abril de 1998b. p. 128 – 152. Versão Kindle.
- CABRÉ, M. T. Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación. *In: La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. VI Simposio Iberoamericano de Terminología. La Habana, p. 153 – 182, noviembre de 1998c. Versão Kindle.
- CAPOVILLA, F. C.; Raphael, W. D.; Martins, A. C.; Temoteo, J. G. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a libras em suas mãos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- CARVALHO, C. de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil**: enciclolibras. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2012.
- DIEGO, A. F. de. **Terminologia: teoria y practica**. INESCO, Universidad Simón Bolívar, 1995.
- DURAN, M. S.; XATARA, C. M. Dicionários semibilíngües: uma inovação?. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 45-57, 2005.

FAULSTICH, E. Metodologia para projeto terminográfico. In: **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia e I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica**. Brasília: IBICT; União Latina, 1990.

FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação** – v. 24, n. 3, 1995

FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. **Ciência e Cultura**, v. 58, n. 2, 2006.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: uma proposta lexicográfica**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FERREIRA-BRITO, L. A Língua Brasileira de Sinais. In: **Educação Especial Deficiência Auditiva**. Brasília: SEESP, 1997.

FELBER, H. **Manuel de terminologie**. Programme général d'information et l'UNISIST [et pour le] Centre international d'information pour la terminologie. - Paris: Unesco: Infoterm, 1984.

FELTEN, E. F. **Glossário sistêmico bilíngue português-libras de termos da história do brasil**. Dissertação (Mestrado em linguística) - Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2016.

FELIPE, T. A. Introdução à gramática da Libras. In: **Educação Especial Deficiência Auditiva**. – Brasília: SEESP, 1997.

FINATTO, M. J. B. Unidade e variação na língua portuguesa: a variação em terminologia. In: Krieger, M. G; Marciel, A. M. B. (orgs). **Temas de Terminologia**. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade (UFRGS) Humanistas (USP), 2001.

GAUDIN, F. La socioterminologie. In: **Langages**, n. 157, p. 80- 92, 2005.

GAUDIN, F. Socioterminologia: um itinerário bem-sucedido. In: **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminografia**. Volume VII. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014.

GESSER, A. **LIBRAS? que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. – São Paulo: Parábola editorial, 2009 - (Estratégias de ensino; 14).

GONÇALVES, C. A. **Morfologia**. São Paulo: Parábola, 2019.

HARTMANN, R. R. K.; JAMES, G. **Dictionary of Lexicography**. Londres: Routledge, 1998.

HONORA, M. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pela pessoas com surdez / Márcia Honora, Mary Lopes Esteves Frizanco**. – São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HULST, H. Units in the analysis of signs. In: **Phonology**. Cambridge: Cambridge University, 1993. p. 209-241.

KRIEGER, M. G.; MACIEL, A. M. B. (Org.). **Temas de Terminologia**. 1. ed. Porto Alegre, São Paulo: Universidade (UFRGS), Humanistas (USP), 2001.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria & prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2020.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. 2.ed., 6ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. - 4. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

PONTES, A. L. Terminologia científica: o que é e como se faz. **Rev. de Letras**, v. 19, n.1/2, 1997.

PROMETI, D. **Glossário Bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: Criação de sinais dos termos da música**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2013.

PROMETI, D.; COSTA, M. R.; TUXI, P. Sinal-termo, língua de sinais e glossário bilíngue: atuação da universidade de Brasília nas pesquisas terminológicas. In: **Anais do I Congresso Nacional de LIBRAS da Universidade Federal de Uberlândia**- Uberlândia, 2015.

PROMETI, D.; COSTA, M. R. Criação de Sinais-termo nas áreas de especialidades da língua de sinais brasileira – LSB. **Revista Espaço**, n. 49, p. 131-151, 2018.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019 (Linguística para o ensino superior; 5).

ROBERTO, T. M. G. **Fonologia, fonética e ensino: guia introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEGALA, S. R.. **A imagem do pensamento – Libras**. São Paulo: Escala Educacional, 2012.

SILVA, A. J. da. **O léxico do tambor de mina**: uma proposta de glossário da linguagem afro-religiosa em São Luís. Dissertação (Mestrado em linguística). Universidade Federal do Ceará – UFC, Ceará, 2009.

STROBEL, K. **História da educação de surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2009.

TRUJILLO, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

TUXI, P. S. **A terminologia na língua de sinais brasileira**: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. Tese (doutorado em linguística), Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2017.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PGLetras  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
DISCENTE: BRANDON JHONATA CARDOSO SANTANA  
ORIENTADORA: PROF. Dra. GEORGIANA SANTOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa de mestrado intitulada **A TERMILOGIA DA ELETRICIDADE NO MARANHÃO**: uma proposta de glossário especializado semibílingue português/Libras, sob a responsabilidade de um aluno regularmente matriculado no mestrado acadêmico em Letras, da Universidade Federal do Maranhão. Esta pesquisa de campo é orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos, professora do Departamento de Letras. Nesta pesquisa busca-se investigar os sinais-termos do âmbito da Eletricidade por meio da coleta de dados no Instituto Federal do Maranhão - IFMA. Na sua participação você contribuirá para a investigação, coleta e construção de um glossário especializado constituído pelos sinais-termos utilizados no âmbito da eletricidade referente ao objetivo desta pesquisa. Assim, você responderá aos questionários propostos que estão anexados e será filmado para fins de análise dos dados coletados. Quando da publicação dos resultados desta pesquisa, a sua identidade será preservada e em nenhum momento você será identificado. Esta pesquisa não lhe acarretará nenhum ônus, tampouco lhe renderá lucros financeiros. Portanto, a sua participação nesta pesquisa não lhe oferecerá riscos nem benefícios. Informamos que você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

São Luís (MA), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020

---

Pesquisador

Eu aceito participar da pesquisa citada acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

---

Participante da pesquisa

## APÊNDICE B – FICHA DO INFORMANTE

FICHA DO INFORMANTE	
NÚMERO DA FICHA:	DATA DE PREENCHIMENTO:
1. NOME COMPLETO:	
2. IDADE:	3. SEXO: ( ) MASCULINO ( ) FEMININO
4. LOCALIDADE E NATURALIDADE:	5. NÍVEL DE SURDEZ:
6. CAUSA DA SURDEZ:	
7. NASCEU SURDO(A)? CASO NÃO, COM QUANTOS ANOS FICOU SURDO(A)?	
8. QUANDO/ COM QUANTOS ANOS APRENDEU LIBRAS?	
10. PROFISSÃO:	11. ESCOLARIDADE:
12. CURSO DE FORMAÇÃO:	13. EM CASO DE CURSO EM ANDAMENTO, QUAL O PERÍODO?
14. OBSERVAÇÕES:	

**APÊNDICE C – FICHA TERMINOLÓGICA**

<b>FICHA TERMINOLÓGICA</b>		
<b>1. NÚMERO DA FICHA:</b>	<b>2. TERMO DE ENTRADA:</b>	
<b>3. DEFINIÇÃO:</b>		
<b>4. FONTE DA DEFINIÇÃO:</b>		
<b>5. SINAL-TERMO EQUIVALENTE:</b>	<b>6. DESCRIÇÃO DOS PARÂMETROS</b>	
	<b>CM:</b>	
	<b>M:</b>	
	<b>PA:</b>	
	<b>OR:</b>	
	<b>ENM:</b>	
<b>SINAL-TERMO EQUIVALENTE (2):</b>	<b>DESCRIÇÃO DOS PARÂMETROS</b>	
	<b>CM:</b>	
	<b>M:</b>	
	<b>PA:</b>	
	<b>OR:</b>	
	<b>ENM:</b>	
<b>OBSERVAÇÕES:</b>		

## APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO

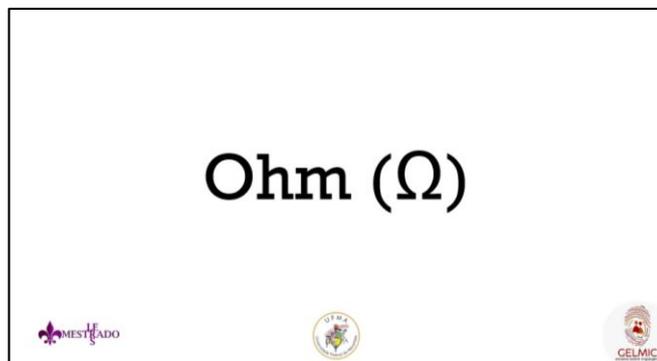
Como sinalizaria o que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



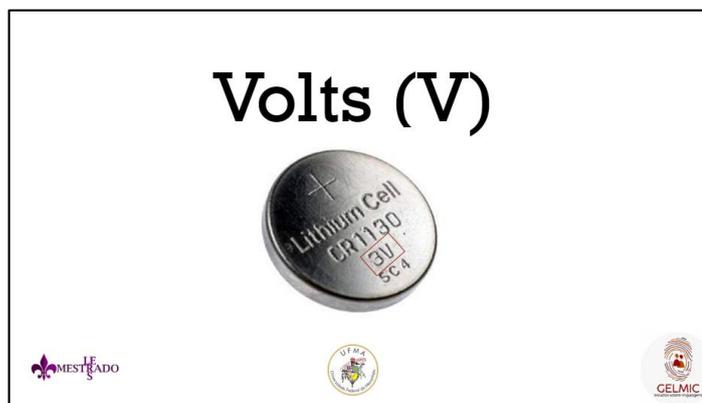
Qual o sinal-termo para o que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



Como sinaliza o que está na imagem? O que está escrito na bateria?

Conhece outro sinal-termo?



Como sinalizaria o que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



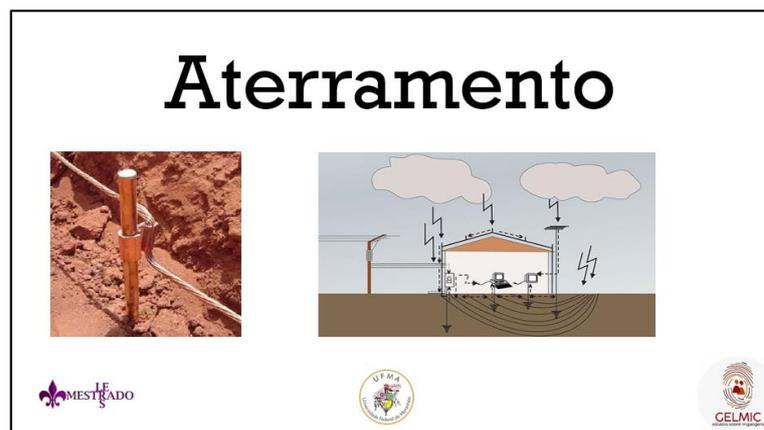
Como sinalizaria o que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



Como sinalizaria o que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



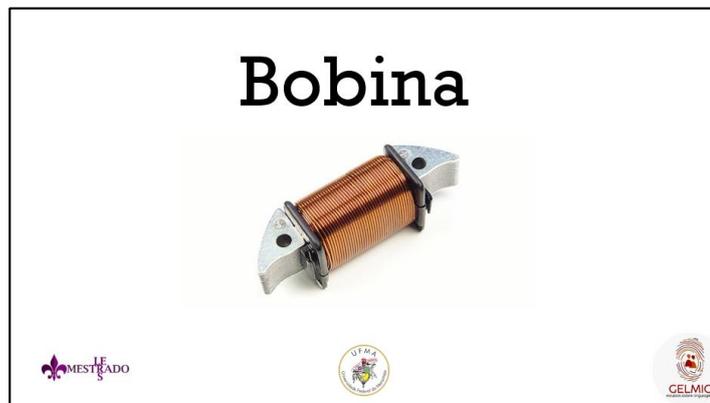
Como sinalizaria o que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



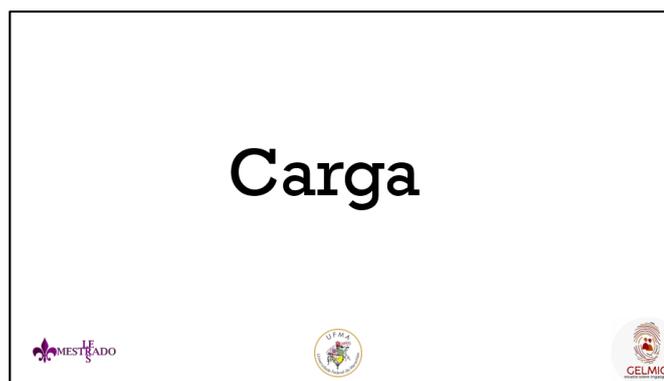
Qual o sinal-termo para o que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



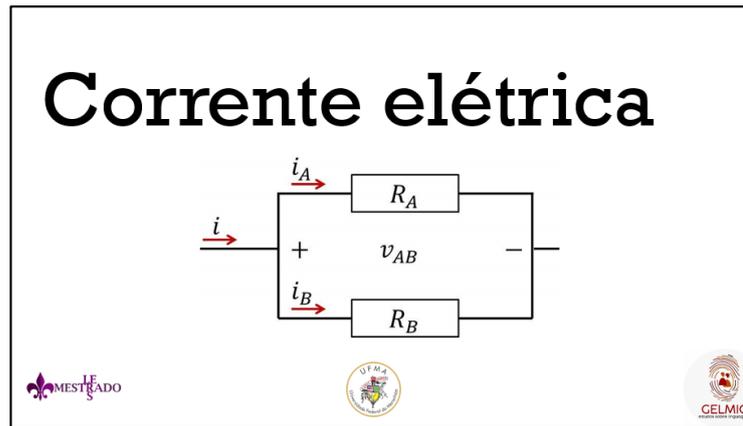
Qual o sinal-termo para C-A-R-G-A (datilologia)?

Conhece outro sinal-termo?



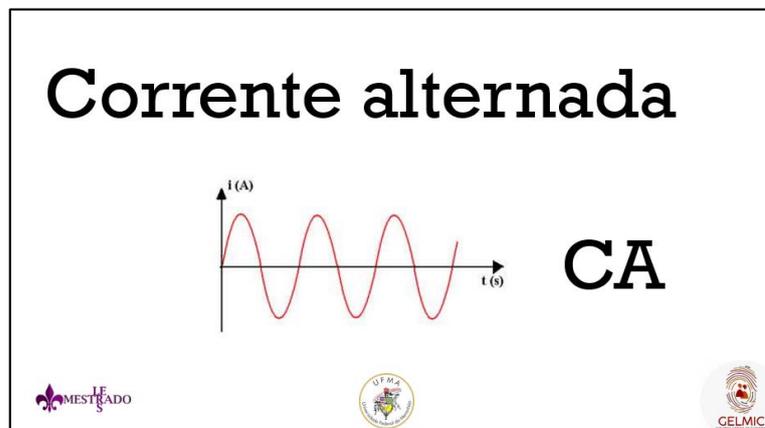
Qual o sinal-termo para o que está na imagem?

O que significa aquele “i” com uma seta vermelha?



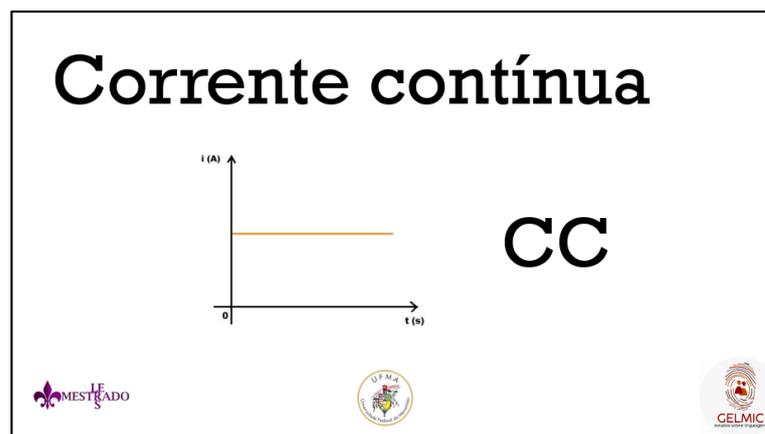
Como você sinaliza o que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



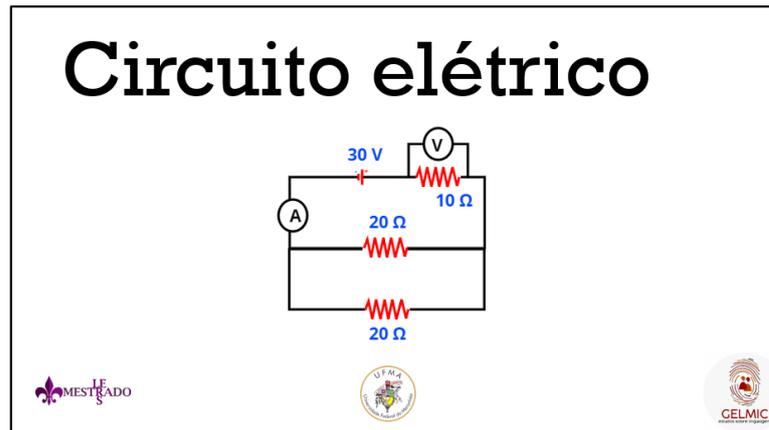
Como você sinaliza o que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



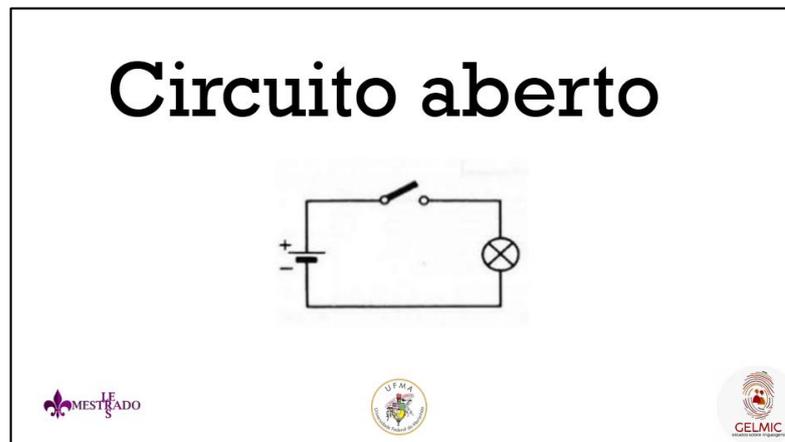
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



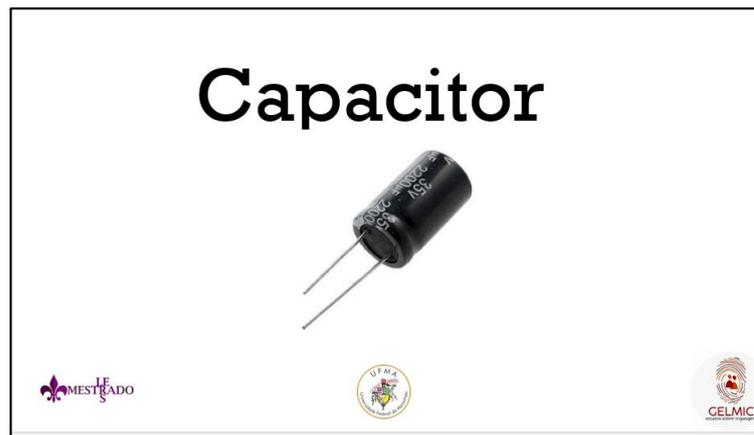
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?

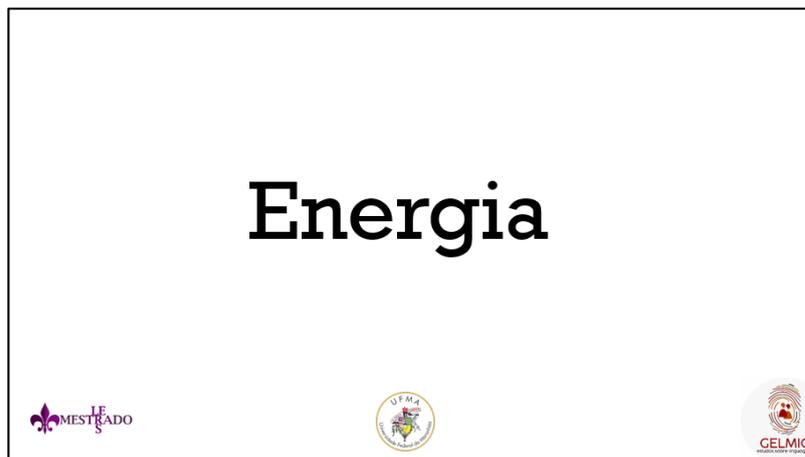


Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?

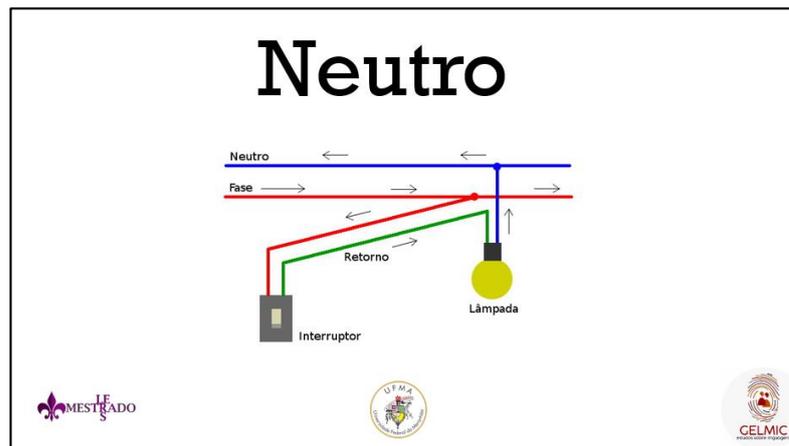


Qual o sinal-termo para E-N-E-R-G-I-A (datilologia)?



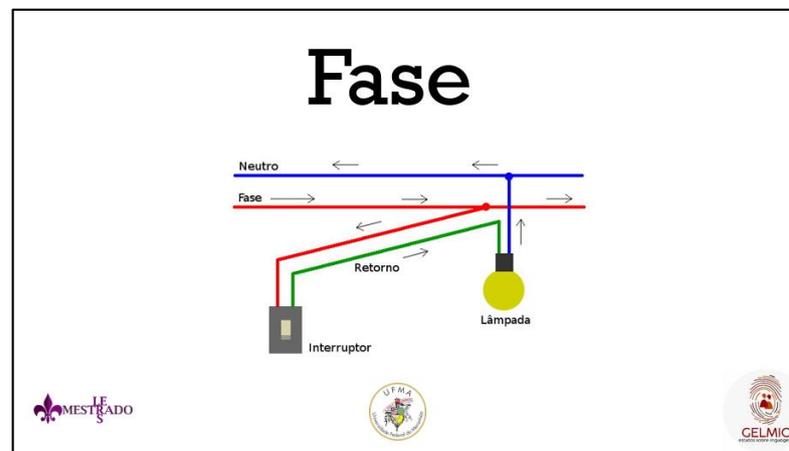
O que significa o fio azul?

Conhece outro sinal-termo?



O que significa o fio vermelho?

Conhece outro sinal-termo?



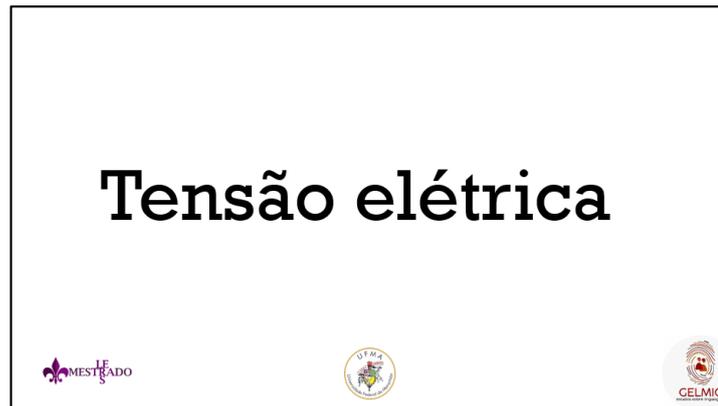
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



Qual o sinal-termo para T-E-N-S-Ã-O (datilologia)?

Conhece outro sinal-termo?



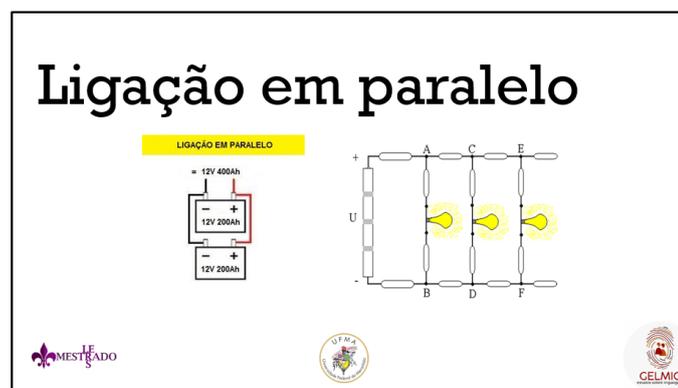
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



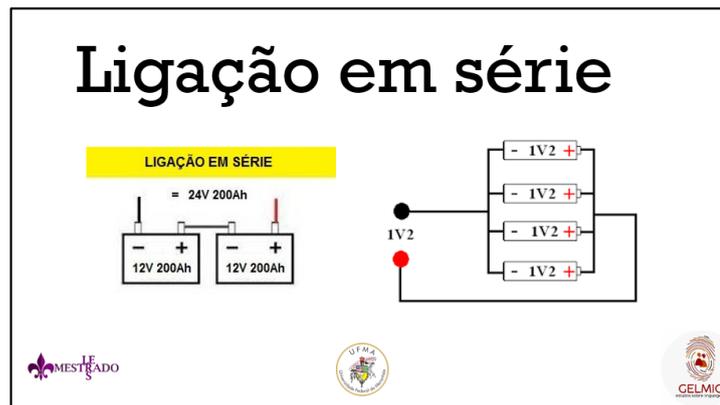
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



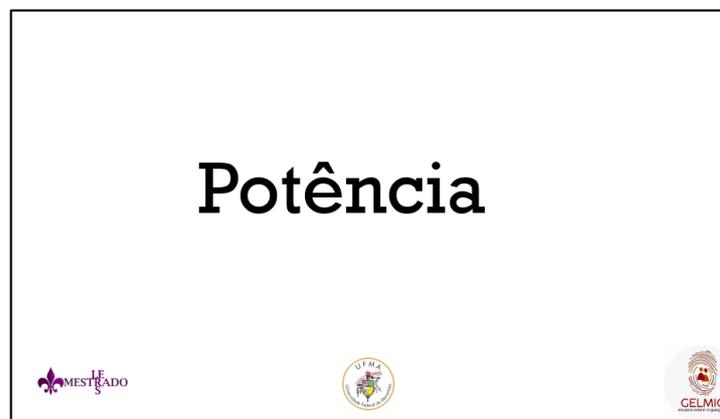
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



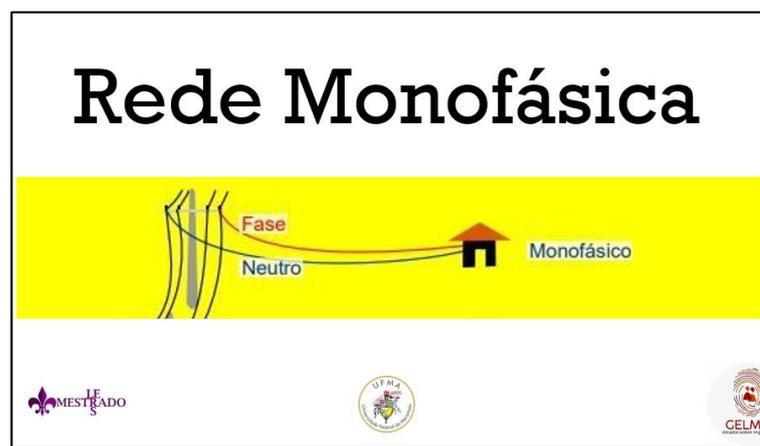
Qual o sinal-termo para P-O-T-Ê-N-C-I-A (datilologia)?

Conhece outro sinal-termo?



Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



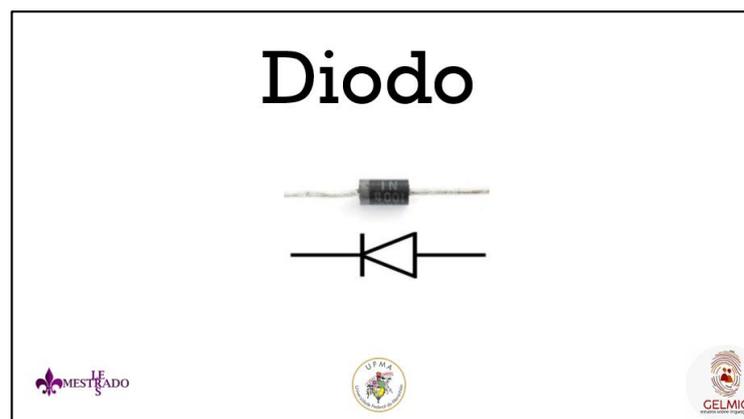
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



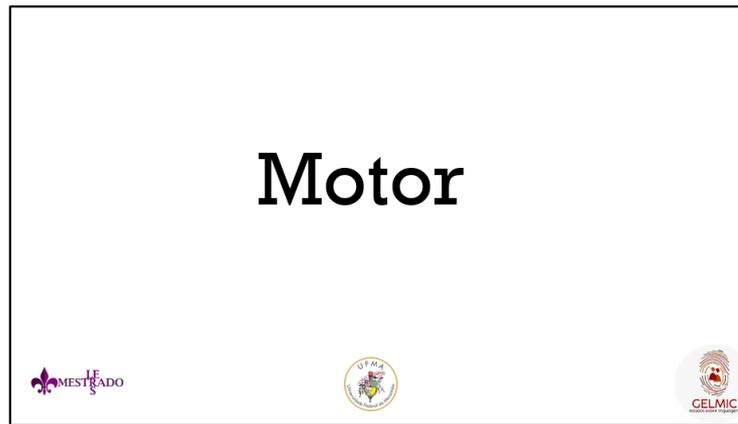
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



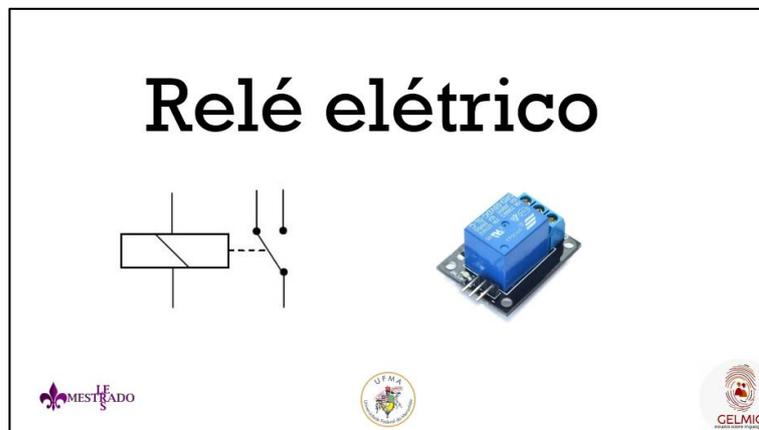
Qual o sinal-termo para M-O-T-O-R (datilologia)?

Conhece outro sinal-termo?



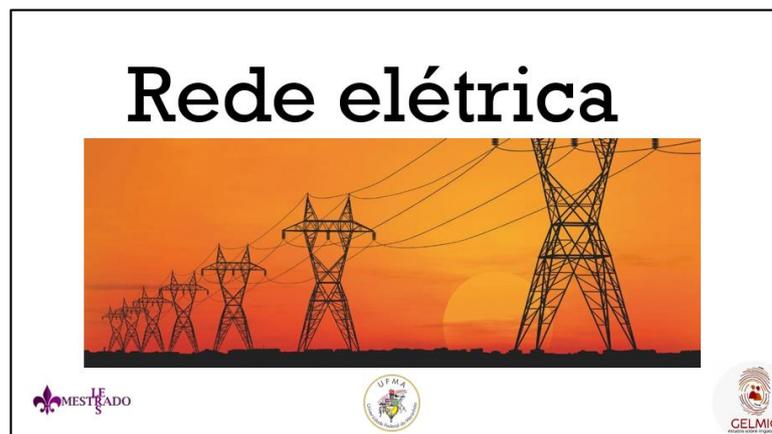
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



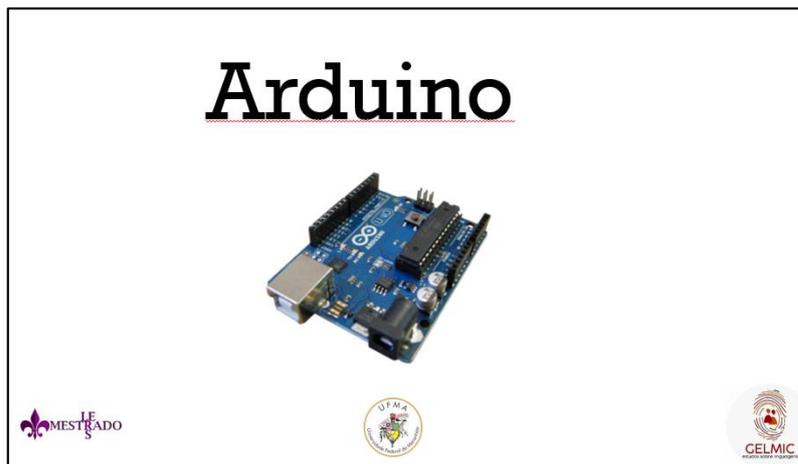
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



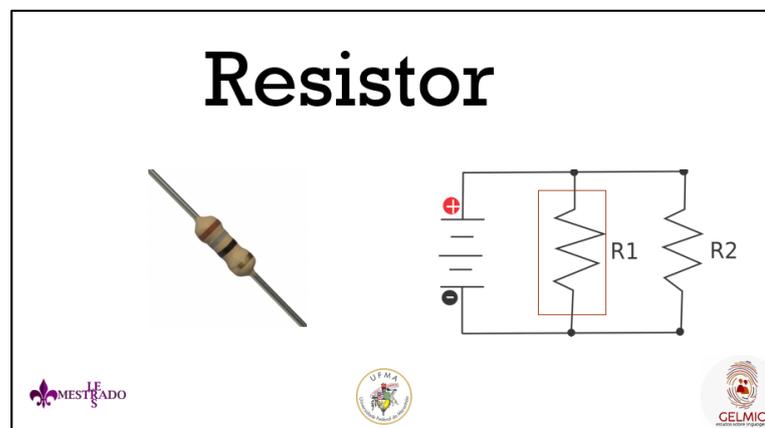
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



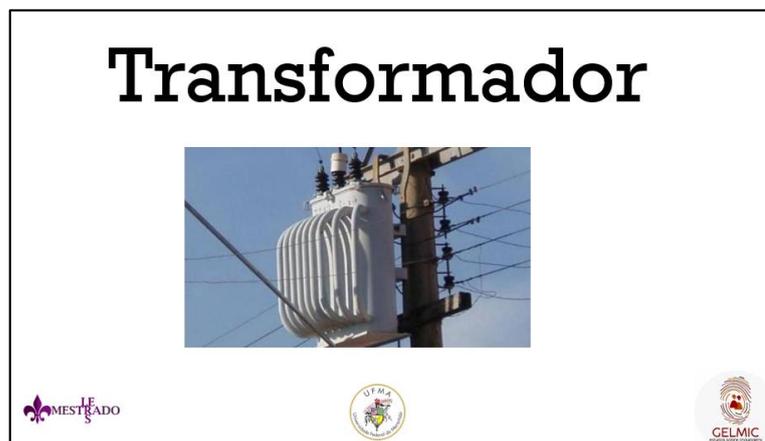
Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?



Qual o sinal-termo do que está na imagem?

Conhece outro sinal-termo?

